

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
LITERATURA BRASILEIRA E TEORIA LITERÁRIA

*A*

*ILHA E*

*OUTRAS*

*INSULARIDADES*

*NA FICÇÃO*

*DE EMANUEL*

*MEDEIROS*

*VIEIRA*

Elenita Soares Silvestre  
Florianópolis, janeiro de 1997

**“A ILHA E OUTRAS INSULARIDADES NA FICÇÃO DE  
EMANUEL MEDEIROS VIEIRA.”**

**ELENITA SOARES SILVESTRE**

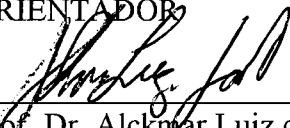
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

**MESTRE EM LETRAS**

Área de concentração em Literatura Brasileira, e aprovada na sua forma  
final pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura da  
Universidade Federal de Santa Catarina.



Prof. Dr. Celestino Sachet  
ORIENTADOR

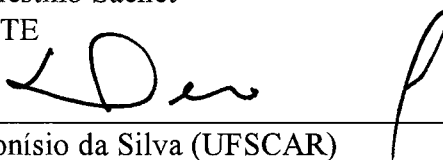


Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos  
COORDENADOR DO CURSO

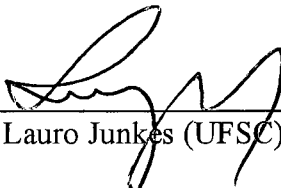
BANCA EXAMINADORA:



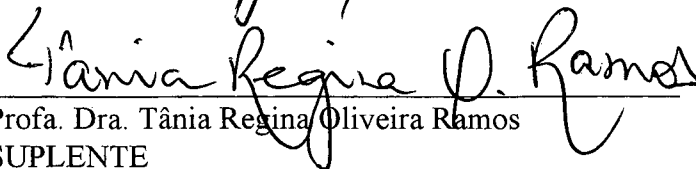
Prof. Dr. Celestino Sachet  
PRESIDENTE



Prof. Dr. Deonísio da Silva (UFSCAR)



Prof. Dr. Lauro Junkes (UFSC)



Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos  
SUPLENTE

ELENITA SOARES SILVESTRE

**A ILHA E OUTRAS INSULARIDADES NA FICÇÃO  
DE EMANUEL MEDEIROS VIEIRA**

Dissertação  
apresentada como requisito  
à obtenção do título de  
“Mestre em Letras”, área de  
concentração em Literatura  
Brasileira. Curso de Pós-  
Graduação em Letras-  
Literatura-Brasileira e Teo-  
ria Literária. Universidade  
Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Celestino Sachet

Florianópolis

1997

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores e colegas do Curso que, de uma forma ou de outra, colaboraram para a realização deste trabalho.

À secretária do Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira e Teoria Literária, Salete, pela disponibilidade em todas as horas.

À Ruth, Silvana e Marisa, grandes amigas, pelo incentivo e colaboração.

A Célio e Diego, pela paciência e afeto.

Meu especial agradecimento ao Prof. Dr. Celestino Sachet, orientador e incentivador, pelo apoio e dedicação.

## RESUMO

Esta dissertação é uma abordagem do tema “Insularidade”, na obra de Emanuel Medeiros Vieira que retrata a angústia, a solidão dos personagens e o questionamento do processo de criação na eterna procura da essência do ser. O autor possui um estilo peculiar, um estilo transgressor, em frases geralmente curtas, na busca de ser o mais expressivo possível, gerando uma linguagem cheia de virgulações, interrupções. Estilo este que mostra o personagem dividido, onde o narrador não encontra outra alternativa senão acumular, nunca conseguindo unificar, restando a sensação de um texto em círculo, que volta sempre ao mesmo ponto, às mesmas obsessões, às mesmas memórias. A penosa percepção de acumular as imagens é saber que nunca mais captará sensações porque a vida e o tempo passaram. Busca, então, congelar o tempo, pelo menos ao nível da palavra. A palavra como vitória contra o tempo, tornando-o infinito.

## RIASSUNTO

Questa dissertazione è un abordaggio della - Insularità - nella opera di Emanuel Medeiros Vieira la quale ritratta l'angoscia, la solitudine dei personaggi e il questionamento del processo di creazione nell'eterna ricerca dell'essenza dell'essere. L'autore ha uno stile peculiare, un stile come trasgressore, con frasi generalmente corte, nella ricerca d'essere il più espressivo possibile, generando un linguaggio pieno di virgole e interruzioni. Così ci ritratta il personaggio diviso, dove il narratore non trova un altro avvicendamento che non sia accumulare, senza riuscire a unificare mai, rimanendo la sensazione di un brano circolare, che ritorna sempre allo stesso punto, alle stesse ossessioni, agli stessi ricordi. La penosa percezione di ammucciare le immagini senza riuscire ad arrivare mai alle sensazioni perché la vita e il tempo sono già lontani. Ricerca allora di congelare il tempo, attraverso la parola. La parola come vittoria contro il tempo, facendolo infinito.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I	
INSULARIDADES: SOLIDÃO , EXÍLIO , VIAGEM .....	11
CAPÍTULO II	
VIAGENS DO MIGRANTE: ESPAÇO, TEMPO E TEXTO.....	29
CAPÍTULO III	
O INSULADO PLANTADOR DE PALAVRAS.....	39
IN(CONCLUSÃO).....	58
ANEXOS	
I - CONTOS PUBLICADOS SOMENTE EM JORNAIS.....	62
II - FORTUNA CRÍTICA.....	90
BIBLIOGRAFIA.....	117

## INTRODUÇÃO

*“Cada vida são muitos dias, dia após dia. Caminhamos através de nós mesmos, encontrando ladrões, fantasmas, gigantes, velhos, jovens, esposas, viúvas, irmãos do amor. Mas sempre encontrando-nos a nós mesmos.”*

James Joyce - **Ulisses**



Meu primeiro contato sistematizado com a obra de Emanuel Medeiros Vieira ocorreu no Curso de Pós-Graduação em Letras - Literatura Brasileira e Teoria Literária, quando cursei a disciplina: “O tempo e o texto na e da literatura regional,” ministrada pelo Professor Celestino Sachet, no primeiro semestre de 1994. O Curso pôs ênfase no texto regional, nos escritores que tiveram e têm sua obra definida como “marginal”, embora esses escritores se valham dos mesmos signos e das mesmas estruturas ficcionais ou poéticas dos autores “literários”, já consagrados pela crítica ou pelo próprio “self-knowing”. Estes escritores, como os primeiros tempos de Emanuel Medeiros Vieira, com suas obras rotuladas de “literatura marginal”, escolheram assumir a dissonância, para seu processo de criação e para a escritura dos textos.

Através de uma análise nos arquivos do Curso de Pós-Graduação em Letras - Literatura Brasileira e Teoria Literária da UFSC, concluí que a escolha da presente dissertação, sobre a obra de um autor catarinense, insere-se na continuidade de um processo que tem início em 1976 e que apresenta como resultado a respeitável soma de vinte e cinco pesquisas concluídas e aprovadas:

1976 - **A narrativa de Silveira de Souza**, de Glauco Rodrigues Correa; **O regionalismo literário**, de Celestino Sachet; **Edição crítica em "Bulha d'arroio"**, de Danila C. Luz Varella; 1977 - **Aspectos da narrativa de Guido Wilmar Sassi**, de Heloisa Helena Amorim; 1978 - **Uma literatura metafórica d' "O guarda-roupa alemão"**, de Lausimar Laus, de Vilca Marlene Vieira; 1979 - **Mito e linguagem em "Vida salobra"**, de Arlete Konen; **O regionalismo na literatura de Guido Wilmar Sassi - um estudo dos contos "Piá", "Escola", "Cerração" e "Serragem" e do romance**

**"São Miguel", de Lionete Neto Gareia Melo; "Grupo Sul", de Lima Leal Sabino; 1980 - Aspectos do conto de Virgílio Várzea: o tempo, o mito e a metáfora, de Marita Deeke Sassi; Um projeto sem terra, de Norberto Pontel; 1981 - O trágico na ficção de Flávio José Cardoso, de Felomena Souza Espíndola; A revista Terra - contribuição para o estudo da literatura em Santa Catarina, de Marco Antonio Castelli; 1986 - A aprendizagem da literatura brasileira no segundo grau, opção magistério, nas escolas públicas estaduais de Santa Catarina, de Juraci Ribeiro Sabatini; O conto catarinense na década de 70, de Marilda de Souza Coutinho; 1987 - Miragens e fantasmas do imigrante italiano do sul de Santa Catarina, de Valdemar Muzurana; 1988 - Incursões de um poeta no folhetim. Resgate de cenas da vida de estudante, de Cesar Cordeiro Vieira; 1989 - De arte e de dor (proposta nova para a leitura de "Evocações"), de Tânia Cristina Tavares Correa Valladão; 1991 - Antonieta de Barros - Maria da ilha - Discurso e catequese, de Josefina da Silva; Amaru-rio sem margens-temas e teimas do Oeste Catarinense, de Nelci Andrado Mittmann; 1993: De sedas, penumbras e volúpias - A poética êxul de Ernâni Rosas, de Ana Lice Brancher; 1994: A crônica e o poema de Barreiros Filho, de Pedro Albeirice da Rocha; 1995: Espectros do texto - Resgate de poemas inéditos de Ernâni Rosas, de Zilma Guesser Nunes; Descida poética no mundo infernal de Cruz e Souza e Baudelaire, de Marie - Hélène Catherine Torres; A chama ardente - leitura da trajetória poética de Rodrigo de Haro, de Olinda - Maria Machado Carneiro; A poesia como arma política: o satírico na Desterro no século XIX, de Rosane Cordeiro da Silva.**

Como se pode concluir, nenhuma dissertação aborda a obra de Emanuel Medeiros Vieira, embora já tenha sua obra sido analisada em vários livros,

entre eles: **Um novo modo de narrar**, de Deonísio da Silva; **A literatura catarinense**, de Celestino Sachet; **Mito e rito**, de Lauro Junkes; **O conto brasileiro contemporâneo**, de Antônio Hohlfeldt; **A literatura catarinense em busca da identidade**, também de Antônio Hohlfeldt; **O castelo de Frankenstein**, de Salim Miguel; **A literatura em Santa Catarina**, de Janete Gaspar Machado.

Emanuel Medeiros Vieira está incluído na **Enciclopédia de literatura brasileira**, organizada por Afrânio Coutinho e no **Dicionário prático de literatura brasileira**, de Assis Brasil, onde se afirma que ele utiliza uma "*linguagem trabalhada, sóbria, essencial, para nos dizer dos conflitos humanos a sociedade caótica de nossos dias*"<sup>1</sup>.

A introdução da presente pesquisa aborda o itinerário biográfico percorrido por Emanuel Medeiros Vieira, desde seu nascimento até a presente data, e, numa segunda etapa, sua produção literária desde a **Expição de Jeruza**, contos, 1972, até a mais recente - **Meus mortos caminham comigo numa tarde de verão**, publicada em 1995.

O primeiro capítulo trata do tema da Insularidade, fundamentando-o principalmente nas teorias de Mircea Eliade e Gaston Bachelard. Segue-lhe a tentativa de identificar a presença da insularidade na Literatura Açoriana e Italiana como exemplo de matizes que o tema assume em cada uma delas.

O capítulo segundo faz análise da obra de Emanuel Medeiros Vieira sob o prisma da Insularidade nos aspectos: geográfico, psicológico e literário.

---

<sup>1</sup> BRASIL, Assis. **Dicionário prático de literatura brasileira**, 1979, p. 105

Como anexos, estão os contos publicados, apenas, em jornais (1970\1972), e a fortuna crítica da obra do autor catarinense, inclusa com a finalidade de reunir as manifestações da crítica e não de discutir-lhes o conteúdo. Na fortuna crítica percebe-se que poucos abordaram a insularidade na obra do autor, preferindo uma crítica mais generalizada.

Emanuel Medeiros Vieira nasceu em março de 1945, na ilha de Santa Catarina, ex-Desterro, atual Florianópolis. Aqui passa sua infância e parte da adolescência. Último de uma família de 17 irmãos, por motivos de doença do pai, transfere-se para Porto Alegre, no final de 1961. Ali, segue o curso clássico no Colégio Anchieta, mantido pelos padres da Companhia de Jesus. Durante os estudos, participa de grêmios literários e preside o Cine Clube Anchieta. Com o Movimento Militar de 1964, quase é expulso do colégio. Em 1965, entra na Faculdade de Direito (UFRGS) e, durante dois anos (1964\1965), é correspondente cinematográfico do jornal “O Estado”, de Florianópolis, em Porto Alegre. Agitações e passeatas, misturam-se com os contos publicados no Caderno de Cultura do “Correio do Povo” e no Caderno de Cultura do “Zero Hora”<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Contos publicados somente nesses jornais ainda não incluídos em livros: - Jornal “Zero Hora”: “Documento da madrugada”, 14\03\70 e 14\06\70; “Evocação da morte”, 21\12\70; “Memória”, 05\12\70; - Jornal “Correio do Povo”: “As 30 crianças de Aurora”, 20\05\70; “Ivan”, 31\01\70; “Um triângulo amoroso”, 15\05\71; “Evocação da morte”, 19\06\71; “À espera”, 18\09\71 e “Gunster”, 12\02\72. Nestes contos os personagens são em geral seres inadaptados, marginalizados, reificados pela sociedade, se sentem exilados, penetrados de solidão e da consciência do universo familiar perdido.

Na Faculdade de Direito, funda e se torna o primeiro presidente do CEDIC - “Centro de Estudo e Divulgação do Cinema”, dirigindo-o durante dois anos (1966\1967). Publica, pela mesma entidade, a revista “Cinema em Debate”. Promove projeções, palestras e debates. Nessa época, organiza um seminário com a participação de universitários de todo o Rio Grande do Sul, sobre “Cinema e escola”. Representando o CEDIC, com Flávio Aguiar, elabora a comunicação “Cinema, universidade e indústria”, apresentada no Congresso Nacional e Sul-Americano de Cine-Clubes em Fortaleza, 1967, considerado o melhor trabalho. Por duas vezes, é secretário de cultura do CAR - “Centro Acadêmico André da Rocha” - da Faculdade de Direito e presidente do “Grêmio Literário Tobias Barreto”. Organiza uma “Antologia da poesia universitária gaúcha”, 1967, que permanece inédita.

Entre 1966/1970, é professor de Literatura Portuguesa e Brasileira do curso “Pré - Vestibular de Direito”- sendo duas vezes seu diretor. Neste último ano, integra a antologia **Roda de fogo**<sup>3</sup>, contos. Desde 1967 escreve sobre cinema na “Folha da Tarde”<sup>4</sup>. Participa, posteriormente, da “Coluna das terças” do referido jornal, onde permanece até fevereiro de 1970. Periodicamente faz crítica de cinema para o “Correio do Povo”.

Com o AI-5<sup>5</sup>, dezembro de 1968, instaurado pelo Governo Militar, Emanuel Medeiros Vieira integra manifestações populares contra um ato que considera anti-democrático.

---

<sup>3</sup> Antologia de Contos organizada por Carlos Appel que traz inclusos dois contos de Emanuel Medeiros Vieira: “Velas” - sobre a burocracia que sufoca e castra o ser humano e “Os homens doentes” - com o tema da loucura

<sup>4</sup> “Correio do Povo”, matutino e “Folha da Tarde”, vespertino, de propriedade da Empresa Caldas Júnior editados em Porto Alegre, eram na época os dois jornais mais importantes do sul do Brasil.

<sup>5</sup> “Ato Institucional 5”, que suspendeu os direitos políticos, eliminou as garantias de vitaliciedade, inamovibilidade e estabilidade de membros do Poder Judiciário e suspendeu a aplicação do habeas-corpus

Formado pela Faculdade de Direito, em 1969, no ano seguinte transfere-se para São Paulo. Por dois anos, trabalha em jornais como redator, repórter e como professor em cursos pré-vestibulares. Envia textos sobre cinema para o “Correio do Povo”, para o jornal “Artes” e para o “Suplemento Literário de Minas Gerais”, os dois últimos de Belo Horizonte.

Por esta época, começa uma publicação sistemática de seus contos no Caderno de Sábado do “Correio do Povo”; no Caderno de Cultura do “Zero Hora”, ambos de Porto Alegre e no jornal “Artes”, de São Paulo; na “Revista Expressão” e no jornal “O Estado”, de Florianópolis; no “Toga”, da Faculdade de direito de Porto Alegre. Neste último, publica igualmente artigos sobre literatura e cinema<sup>6</sup>. Ministra cursos sobre cinema nas faculdades de Engenharia e Medicina da UFRGS, em Porto Alegre, no extinto Colégio Cônegos, de Viamão; no Colégio Coração de Jesus, de Florianópolis.

Em janeiro de 1972, retorna à sua *Ilha Natal* para exercer a função de assessor da Assembléia Legislativa de Santa Catarina, redigindo discursos, projetos e pareceres para a bancada do extinto MDB.

Em 1979, estabelece-se em Brasília para trabalhar como repórter da publicação “Hoje na Câmara”, na Assessoria de Divulgação e Relações Públicas da Câmara dos Deputados.

Sua primeira obra publicada, **A expiação de Jeruza**, 1972, é constituída de contos que abordam temas que “[...] revelam quase sempre a perda ou a dissolução de valores caros - a família, o mundo doméstico, a

---

nos casos de crimes políticos. Emanuel Medeiros Vieira, no final da década de 1970, foi detido, interrogado e indiciado para apurar as atividades desenvolvidas por integrar a organização Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e em maio de 1971 pode responder o processo em liberdade, sendo absolvido em 27/11/73.

<sup>6</sup> A maioria de seus contos foram escritos em Porto Alegre de 1965 a 1969. Outra parte foi elaborada em São Paulo de 1970 até o final de 1972.

provincia, a própria adolescência - , no contato áspero do homem com um mundo despoetizado, adulto e medíocre - que absorveu, seja na industrialização, seja no 'progresso', esses valores amados". Sobre o livro, Antônio Hohlfeldt comenta:

*"Os temas são sempre os mesmos, constantes rondós em torno do mesmo círculo que se fecha em torno da morte, da ilha abandonada e ansiosamente rebuscada, a família, pais, irmãos, a casa, a viagem e o adeus. Mas o domínio técnico de Emanuel em torno do tema que se propôs é dos mais admiráveis. Ele se arrisca. Como pescador de sua ilha, adentrar-se no mar nem sempre quieto."*<sup>7</sup>

A segunda obra - **Sexo, tristeza e flores**, 1976, é uma coletânea de 14 contos que enfocam o homem três vezes perplexo: diante de um mundo que não reconhece como seu; diante das rápidas mudanças que destroem valores e diante da instauração de novos modos de viver.

Dois anos depois, publica mais dois livros de contos : - **Num cinema de subúrbio, num domingo à noite**, composto de vinte contos. Nele,

*"O narrador ainda vê o mundo e os homens com um certo sentimento, com alguma esperança em meio às desilusões, mas já deixando por vezes explodir sua revolta ante as injustiças e violências."*<sup>8</sup>

**Teu coração despedaçado em folhetins** reúne treze contos cujo personagem "[...] ou adere ou é dominado pela estrutura, ou, ao negar-se a ela, aceita ainda uma vez, o exílio, a marginalização".<sup>9</sup>

<sup>7</sup> HOHLFELDT, Antônio. IN "Correio do Povo", 25/11/72, **Fortuna crítica**. pp. 91-92

<sup>8</sup> JUNKES, Lauro. **O mito e o rito**. p. 226

<sup>9</sup> .HOHLFELDT, Antônio. **A literatura catarinense em busca da identidade - o conto**. p.73

Em 1979, já em Brasília, publica **Love story paulistana**, sua primeira novela. Nela narra o tempo em que reside em São Paulo: Governo Médici, Copa do Mundo, Transamazônica: amigos seguindo para o exílio, ou presos.

*“Foi a forma de ‘amor’ que encontrei, dura, penosa, erótica, sem disfarçar o nome do objeto ou a coisa. A forma de amor possível em São Paulo e no País naqueles anos, em que a alegria era falsa, o país parecia uma vasta cadeia e o ‘milagre’ foi a gente ter conseguido ficar vivo.”<sup>10</sup>*

1982, dá vez à segunda novela **Uma tragédia catarinense**:

*“[...] é a própria tragédia brasileira: se considerarmos a narrativa como uma metáfora da história recente do Brasil, teremos o jovem narrador como a imagem da chamada ‘geração de 64’, seguindo-se que Marina é a própria Pátria assassinada e distanciada desses jovens pelos velhos golpistas de então, que se perpetuaram no poder ao longo de duas décadas, personificados na figura de Bilê”<sup>11</sup>.*

Com o ano de 1985 são publicados - **Um dia estarás comigo no paraíso**, onde:

*“[...] projeta-se irrepreensível o tom de confessionalidade, o envolvimento pessoal, a transcrição autobiográfica. A literatura de Emanuel é o resgate e o extravasar de sua trajetória existencial.”<sup>12</sup>*

e, ao mesmo tempo, - **Sete planos de asa**, uma coletânea de sete poemas pelas edições Sanfona, Florianópolis.

---

<sup>10</sup> VIEIRA, Emanuel Medeiros. **Fortuna Crítica**. p. 100

<sup>11</sup> HOHLFELDT, Antônio. **A literatura catarinense em busca de identidade - o conto**. pp.78-79

<sup>12</sup> JUNKES, Lauro. **Mito e rito**.p. 228



1976 traz a terceira novela - **A revolução dos ricos**, sobre a qual Luiz Cláudio Duarte escreve no jornal cultural “José” em Brasília:

*“[...] é uma novela de primeiríssima qualidade sobre um momento crucial da história brasileira, o golpe militar de 1964. Apesar de tudo não é cáustico, seco, mas lírico e doce; são as memórias de um garoto de 18 anos atropelado em seu cotidiano de pequenos sonhos por algo que não entende.”*<sup>13</sup>.

Mais um livro de contos - **O homem que não amava simpósios**, surge em 1989. Anderson Braga Horta no jornal “A Notícia”, Brasília, escreve:

*“O meio em que se desenvolve a ficção de Emanuel Medeiros Vieira é , particularmente, o caldo burocrático de Brasília, e no enfoque mais amplo, a sociedade brasileira do pós-autoritarismo militar [...] É a pós-ditadura, mas ainda não é a democracia. Parece-me que, para muitos dos que viveram os verdes anos sob a repressão, o clima da fase posterior, de longa e penosa transição, pode ser resumido nestas palavras : insatisfação, tédio, solidão, desespero.”*<sup>14</sup>

Em 1992 é a vez da quarta novela, **Metônia**:

*“Emanuel Medeiros Vieira é um vero escritor que não somente sabe colocar substância no que escreve, mas que, sobretudo, sabe contar uma história infundindo-lhe o mistério, a perspectiva, as contradições, a miséria e o milagre da vida.”*<sup>15</sup>

E **Tremores**, composto de 11 contos, “[...] mantendo seu estilo telegráfico, descarnado e tenso, Emanuel Medeiros Vieira continua meditando sobre as utopias e fracassos

<sup>13</sup> DUARTE, Luiz Cláudio. **Fortuna Crítica**. p. 103

<sup>14</sup> HORTA, Anderson Braga. **Fortuna Crítica**. p. 107

<sup>15</sup> HORTA, Anderson Braga. **Fortuna Crítica**. p. 111

*de sua geração, com personagens mergulhados em memórias estilhaçadas, peregrinando por bares, amores e viagens.”* <sup>16</sup>

Em 1995, publica sua mais recente obra, também de contos - **Meus mortos caminham comigo numa noite de verão**. O texto,

*“[...] fala de presságios eternidades numa coletânea de contos instigantes pela dialética originalíssima, em que, a pretexto de reportar os mortos, apresenta um retrato literário carregado de vida.”*<sup>17</sup>

A trajetória da obra de Emanuel Medeiros Vieira nos dá a mesma sensação de que o autor se perpassa através dos personagens. Estamos irremediavelmente sós e, à medida que o tempo passa, somos os protagonistas da “Ilha do tesouro”, de Stenvenson. Só que o nosso tesouro não são moedas de ouro, jóias e, sim, as nossas recordações. Do tempo que se esvai restam-nos somente sensações.

Essa sensação de insulação, com matizes diversos e diferentes entre si, é tema, também, de outros autores, como se apresenta a seguir.

---

<sup>16</sup> VIEIRA, Emanuel Medeiros. **Fortuna Crítica**. p. 112

<sup>17</sup> GOUGON. **Fortuna crítica**. p. 114

## CAPITULO I

### INSULARIDADES: SOLIDÃO, EXÍLIO, VIAGEM

*“Eu nunca ficava mais de um dia em Típusa. Chegava sempre um momento em que se viu demais uma paisagem, assim como é preciso muito tempo até vê-la suficientemente. As montanhas, o céu, o mar são como rostos cuja aridez ou esplendor descobrimos à força de olhar em vez de ver. Mas todo rosto, para ser eloquente, deve sofrer certa renovação.”*

Albert Camus - **O enigma**

A idéia **insularidade** desdobra-se em muitas nuances tais como *solidão, exílio, viagem, perda do lugar* e está presente, também, em autores não insulanos. A preocupação com o ser, sua reificação e solidão existencial parece ser tema de escritores que acreditam ser a literatura veículo, voz de toda a humanidade. O que difere é a forma e a intensidade de como isto ocorre na escrita de autores insulanos e não insulanos.

*“Insular - ilhar, tornar semelhante a uma ilha”*<sup>18</sup>, remete a um sentimento de solidão, de insulamento, de incomunicabilidade. É um estatuto de estrangeiro, de emigrado, de uma condenação ao exílio; é como ser um hóspede de passagem em qualquer lugar em que se encontre, até mesmo em seu próprio país ou local de nascimento. É como estar-se eternamente num labirinto em busca de uma saída, de uma identidade.

Esse sentimento de solidão existencial é em si mesmo um estatuto de estrangeiro, como afirma Chevalier:

*“O termo estrangeiro simboliza a situação do homem. Com efeito, quando Adão e Eva foram expulsos do Paraíso, abandonam sua pátria e possuem a partir desse momento, estatuto de estrangeiro, de emigrado. [...] Assim, todo filho de Adão é um hóspede de passagem, um estrangeiro em qualquer país em que se encontre, e até mesmo em seu próprio país. Pois, cada um de nós entrou neste universo como se entrasse numa cidade estrangeira, com a qual não tivesse nenhuma ligação antes de nascer; [...] Rigorosamente falando, só Deus tem cidadania. [...] Se a pátria é o céu, os exilados do céu serão estrangeiros durante toda sua vida terrena.”*<sup>19</sup>.

O escritor insulano desabafa essa condição de estrangeiro através da acumulação de registros em direção à Ilha, constantemente

<sup>18</sup> HOUAISS, Antônio. **Enciclopédia e dicionário ilustrado**. p. 471

<sup>19</sup> CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**. pp. 403 - 404.

revisitada. Ilha que representa o Paraíso irremediavelmente perdido, símbolo de imortalidade, mítica representação da problemática existencial do ser ilhéu. E só é possível manter-se unido a ela através da e na escrita, onde faz uma viagem imaginária, uma tentativa de resgate. Essa ilha, existe não só geograficamente, mas interiormente:

*“De que valem as casas da rua quando se evoca a casa natal, a casa da intimidade absoluta, a casa onde se adquiriu o sentido da intimidade? Essa casa está distante, está perdida, não a habitaremos mais, temos certeza, infelizmente, de que nunca mais a habitaremos.”*<sup>20</sup>

É um exílio interior e a consciência desse exílio é o primeiro passo para a libertação.

Essa *Ilha*, representada e buscada na *Ilha Natal* - partida e regresso, simboliza uma odisséia de tempo e lugar, numa tentativa constante de encontrar a saída do labirinto. É a nostalgia do Paraíso Perdido evocado por meio das recordações que afastam o escritor do tempo presente e o remete ao passado, pois retroceder ao passado é um modo de conscientizar-se de seu distanciamento espaço-temporal desse passado:

*“A mais abjeta ‘nostalgia’ esconde a ‘nostalgia do paraíso’.[...] Constataremos que essas imagens invocam a nostalgia de um passado mitificado, transformado em arquétipo, que esse ‘passado’ contém, além da saudade de um tempo que acabou, mil outros sentidos: ele expressa tudo o que poderia ter sido, mas não foi, a tristeza de toda existência que só existe quando cessa de ser outra coisa, o pesar de não viver na paisagem e no tempo evocados pela recordação.”*<sup>21</sup>

<sup>20</sup> BACHELARD Gaston. *A terra e os devaneios do repouso*. p.75

<sup>21</sup> ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. p. 13

Evocar essa Ilha arquetípica embriaga de solidão o texto do escritor insulano e o leva às reminiscências da infância e da adolescência, a uma viagem de regresso à infância perdida, uma viagem ao passado, à ilha mitificada.

*“ A ilha é, assim, um mundo em miniatura, uma imagem do cosmos completa e perfeita, pois que apresenta **valor sacral concentrado**.[...] A ilha é simbolicamente um lugar de eleição, de silêncio e de paz, em meio à ignorância e à agitação do mundo profano.”<sup>22</sup>*

A Insularidade, presente na história da Literatura dos Açores, alcança uma dimensão profunda e quase exclusiva.

O arquipélago dos Açores é composto de nove ilhas: Santa Maria, São Miguel, Terceira, São Jorge, Pico, Faial, Graciosa, Corvo e Flores. Essas ilhas oceânicas no Atlântico possuem grandes distâncias entre si, sendo ainda maior essa distância com o Continente - Portugal\Lisboa. A ilha de Santa Maria fica a 1.800 km de Lisboa; a ilha Terceira a 180 km da ilha de São Miguel.

Natural dos Açores, Vitorino Nemésio<sup>23</sup>, marcado pela sua ilha, Terceira, e vivendo em Lisboa, define a partir de sua própria experiência de ilhéu fora da **Ilha-mãe**, o que chama de “açorianidade”. Através de contos, poesias e romances revive um mundo arquetípico de infância, que é válido universalmente, por exprimir a condição intemporal do “*ser açoriano*”.

---

<sup>22</sup> CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**. p. 501

<sup>23</sup> NEMÉSIO, Vitorino. - 1971\1971 - escritor, romancista, contista e crítico literário, viveu de 1901 a 1918 na **Ilha Terceira**, de 1919 a 1971 viveu no **Continente** (Lisboa\Portugal). Dentre sua extensa obra destacam-se: - Narrativas : **O paço do milhafre**, Coimbra, 1924; **Varanda de Pilatos**, Lisboa, 1927; **A casa fechada**, Coimbra, 1979; **Mau tempo no canal**, Lisboa, 1944. - Poesias : **Canto matinal**, Angra do Heroísmo, 1916; **A fala das quatro flores**, Angra, 1920; **Nave etérea**, Coimbra, 1922; **O bicho harmonioso**, Coimbra, 1938; **O verbo e a morte**, Lisboa, 1959. - Crônicas: **Corsário das ilhas**, Lisboa, 1983; **O retrato do sementeiro**, Lisboa, 1958. - Teatro: **Amor de nunca mais**, Angra, 1920; **Isabel de Aragão - a rainha santa**, Coimbra, 1936.

A presença constante do mar, a insularidade e o afastamento de seu arquipélago produzem no autor ilhéu um forte grau de saudosismo acentuado pelo fato de ter que viver fora dela.

*“A geografia, para nós, vale outro tanto como a história,[...] Como as sereias, temos uma dupla natureza, somos de carne e pedra. Os nossos olhos mergulham no mar.[...] Para nós ilhéus natos, contumazes, açorianidade é o nosso modo de afirmação no mundo, a alma que sentimos, no corpo, levamos.[...] Os Açores são uma forte variedade de nação portuguesa criada em meio milênio de isolamento no Norte-Atlântico.”<sup>24</sup>*

É um isolamento ilhado de mar. Como imagem arquetípica, representa movimento, passagem, viagem à sua Ilha perdida mais sonhada que vivida, mais idealizada que real. A Ilha de seu nascimento passa a englobar todas as ilhas encantadas, sonhadas, não somente por Nemésio, mas por toda a humanidade. Insular

*“ é o próprio globo em relação ao mundo universo! [...] a Insularidade é uma situação não uma condenação.”<sup>25</sup>*

*“[...] É uma espécie de embriaguês do isolamento que impregna a alma e os atos de todos os ilhéus, estruturando-lhes o espírito e procura uma forma quase religiosa de convívio com quem não teve a fortuna de nascer, com o Locus, na água.”<sup>26</sup>*

É um isolamento sinônimo da solidão coletiva e tem reflexos no sentimento e no modo de agir da criatura em relação ao outro e a si mesmo. Esse olhar para dentro provoca uma tendência para preservar ou autopreservar valores adquiridos em relação não só ao universo familiar, mas à sociedade em

<sup>24</sup> ALMEIDA, Onésio Teotónio. *Açores, açorianos e açorianidade*. pp. 29-30

<sup>25</sup> ..... *Op.cit.* p. 68

<sup>26</sup> CORDEIRO, Carlos et ali. *Açorianidade e autonomia*. p. 73

que está inserido. As origens perfeitas e as raízes coletivas dão um teor telúrico e afetivo resultantes do amor e do conhecimento dos seres e das coisas. A insularidade é uma utopia perfeita e uma constatação profunda das marcas do *locus* no homem e nas coisas. E, podendo não ser visível, a insularidade pode ser suspeitada através da reformulação do mundo de dentro para fora : é um produto do ser produzido nela.

**Mau tempo no canal**, o romance maior de Vitorino Nemésio, com o cenário em algumas ilhas dos Açores, conta do homem que fica e do homem que parte. De Roberto que regressa às raízes, como de Margarida que faz a viagem necessária.

*“ Margarida, tal como Nemésio, quer fugir mas sente raízes telúricas. Não será talvez a viagem de Margarida a viagem-síntese de todas as ‘viagens’ na obra e na viagem porto de partida do próprio Vitorino Nemésio?[...] Talvez mais do que qualquer outra personagem, Margarida seja, naquele momento, o símbolo de todo o açoriano que parte e símbolo de amor à terra que nunca o deixa.”*<sup>27</sup>

O crítico açoriano, José Martins Garcia, escreve que, em **Mau tempo no canal**, a personagem

*“Margarida Clark Dulmo é Vitorino Nemésio [...] é o julgamento da clausura insular, o desejo de fuga, a viagem eterna ao encontro da ilha perdida.”* <sup>28</sup>

Em **Corsário das ilhas**, Nemésio revisita as ilhas, com as quais tem na realidade um envolvimento emocional, onde se interpenetram a visão do cronista e a visão do homem que se sensibiliza com a sua terra de origem revisitada.

<sup>27</sup> GOUVEIA, Maria Margarida Maia. *A viagem em Vitorino Nemésio*. p. 139

<sup>28</sup> GARCIA, José Martins. *Vitorino Nemésio - a obra e o homem*. p. 86



*“A viagem vai no fim e o coração dá sinal... Não mais ilhas à vista e canais de través! Adeus, céus de borralho, mares de metal, lavas negras! Adeus serenidade, sossego maciço, paz cinzenta! E muitas outras coisas que não me atrevo a dizer.”*<sup>29</sup>

**Corsário das ilhas** é roteiro e itinerário, mas também memórias, viagem sentimental, transformando o circunstancial - a Insularidade - em fonte de reflexões profundas transpondo-as para o percurso existencial. A ilha concreta passa a abstrata, ou seja, da realidade física à imaginária, da parte ao todo de que é símbolo. Assim, cais é símbolo de partida \ chegada, ausência \ presença, outrora \ agora:

*“Aquele cais ali, agudo e nu,  
Que o mar percute e coroa de asas,  
Sabes? pareces-me tu,  
Adiada - e, ao fundo casas.  
Tu, não mulher salva ou perdida,  
Nem tu, esperança de pedra,  
Mas a terra de minha vida,  
Onde o mar alto medra.”*<sup>30</sup>

Esse cais, porto de chegada e de partida de viagens mitificadas, representa a memória de raízes existenciais tornadas míticas e que são o motivo mais profundo de inquietude e que o faz através da escrita um eterno viajante-íntimo.

Há na obra ficcional, poética e ensaística de Vitorino Nemésio, um eixo comum, espécie de fio condutor - um mundo insular arquetípico, a condição do ser-se ilhéu simbolicamente explorada. Ele transporta sua ilha e se serve dela como pretexto para suas viagens verbais, sendo também

<sup>29</sup> NEMÉSIO, Vitorino. *Corsário da ilhas*. p. 100

<sup>30</sup> .....*Obras completas - poesias*. vol.I, p.221

representação do ciclo existencial. A reiteirada busca do sentido existencial, para Margarida Gouveia

*“é feita através da representação do passado: o mundo da infância no microcosmo da ilha.”<sup>31</sup>*

Emigrado, encarcerado, desterrado, peregrino através do Continente, Nemésio, pela saudade, constrói através do universo verbal um modo de resgatar sua ilha perdida.

*“Como se entre a terra e o homem se operasse uma profunda osmose afetiva e intelectual, surgindo - a sempre - mesma visão da terra deixada, em panorama, que parecia levar.[...] Porque , se viver numa ilha é sentir-se encarcerado, impossibilitado de embrenhar-se no cotidiano, no alcançado ou no alcançável - ‘estar’ é muito mais verbo para ilhéu do que ‘viver’ - apartar-se da terra natal, adequar-se a outro lugar não ‘, pois, menos dilacerante.[...] É quando decide pela viagem de visita que afere sua autêntica situação de ‘desterrado’. É um sentimento misterioso, de medo e estranha indeterminação, a toldar-lhe o entusiasmo natural na hora do embarque. Afinal, já não criara raízes na nova terra? E a ‘terra perdida’ não é agora imagem ideal, construção mitificada, elemento incomparável ao representado?”<sup>32</sup>*

A verdadeira viagem que Vitorino Nemésio fez toda a vida, foi através de todo o saber, pelo movimento de seu espírito - pois para ele tudo parecia condicionado pela experiência insular. Ficam assim coincidentes os conceitos de viagem necessária enquanto ilhéu e de viagem existencial, igualmente necessária, enquanto homem.

<sup>31</sup> GOUVEIA, Maria Margarida Maia. **Op. cit.** p. 22

<sup>32</sup> GOUVEIA, Maria Margarida Maia. **Op. cit.** pp. 28-29

*“ Oh, solidão das ilhas![...] Ilhas pontuadas naquela brutalidade oceânica que é afinal a única coisa delicada e discreta de nossa vida - o mar o nosso segredo...”* <sup>33</sup>

A oscilante avidez de reencontrar e a angústia do reencontro, é um desabafo sobre a situação de exilado, onde o mar torna-se delimitador, isolador, prisão que gera viagens imaginárias. O regresso ao tempo intacto só é possível através da escrita. Tempo não só referente à infância mas que permanece em seu espírito como não extingüível mas que não sacia sua inquietação, porque sempre algo lhe falta.

Nemésio procura o tempo perdido proustiano, o qual não é um passado como tal, mas um tempo absoluto, quer dizer - na realidade, na fusão de um tempo presente e de um instante passado. O tempo para ele, é o do percurso inexorável a que está sujeita toda matéria. Ele revive o seu passado, ora como um ato imaginário, transpondo-se todo para ele; ora pela lembrança, conservando-se na perspectiva do agora; e noutras vê esse passado a lançá-lo numa projeção de futuro.

O recordar de Nemésio é nostálgico, próprio de alguém preocupado em retroceder no tempo, para se reconstruir a partir do que foi, em menino

*“[...] o passado vale duas vezes o presente... Uma - porque vale o que foi, exatamente quando era; outra - porque torna a valer, quando o puxamos à memória, agora que não é precisamente senão aquilo que foi...”* <sup>34</sup>

<sup>33</sup> GOUVEIA, Maria Margarida Gouveia. Vitorino Nemésio- estudo e antologia. p. 279

<sup>34</sup> NEMÉSIO, Vitorino. Corsário das ilhas. p. 120

Na Sicília e na Sardenha - ilhas italianas - a Insularidade está presente na obra de poetas insulanos, com a ilha geográfica se transformando gradualmente em uma metáfora da condição humana, de sua solidão, da ansiedade existencial, da precariedade da vida, expressão da consciência do ser-insular. O limite geográfico se traduz literariamente em um símbolo do limite filosófico no confronto da problemática inserida no particular e no coletivo. A procura do infinito parte da consciência do finito.

Nino Muccioli, para Friggieri<sup>35</sup>, toma como paradigma do mundo, sua Ilha - a Sicília - e nela descobre o conflito entre a existência insular e a essência humana, ou seja, a luta entre o modelo arquetípico e a sua realização particular. O ser-ilha, a perda de perspectivas, do sentimento da ordem e dos pontos de referência com o todo só encontram escapatória, só encontram uma saída, na procura incessante do sentido da vida, da consciência da mortalidade, da etapa final, da condição inalienável na qual o homem deve amadurecer e obter plena consciência de si mesmo e do mundo:

*“ Dell’orologio il pendolo  
impiccato al ritmo del tempo  
a seguire la nostra sorte  
segna l’urlo che strazia la ragione:  
- Il solo sempre dell’uomo é la morte?”*<sup>36</sup>

O ponto de apoio é a paisagem que ele evoca com saudade e que existe como recordação presente continuamente na sua alma.

---

<sup>35</sup> FRIGGIERI, Oliver. **La poesia italiana delle isole Sicilia e Sardegna**. IN: Quaderni. Org. Camerilo Distante, São Paulo: Istituto Italiano de Cultura, Agosto, 1994

<sup>36</sup> “Do relógio o pêndulo  
enforcado ao ritmo do tempo  
a seguir a nossa sorte  
assinala o grito que atormenta a razão:  
- O fim do homem é a morte ?” IN: **Quaderni**. p.81

A certeza de existir como *res cogitans* torna-se motivo de dúvida e incerteza. Então, escrever ao invés de oferecer respostas, se reduz a uma pergunta, negando afirmações anteriormente já conhecidas. A palavra faz crescer o sentido da inutilidade e estranheza do ser no mundo atual; isto é, entre o passado imóvel e o presente contínuo. É através de suas raízes sicilianas que descobre sua identidade e chega a uma síntese do mundo externo e interno. Assim, a Ilha, metáfora da condição humana, de sua solidão nos autores insulanos é mais recorrente.

Gigi Dessì tem como ponto de referência a Sardegnna. Para Oliver Friggieri

*“ Eventualmente tutto il suo mondo diventa sardo perché anche il mondo è isola, abitata da esuli.[...] la terra nativa diventa subito un rapporto con un mondo oggettivo comune a tutti; la solitudine tipica del sud mediterraneo si trasforma in una metafora della solitudine cosmica dell'uomo viaggiatore in cerca di se stesso,[...] la solitudine offre anche maggiori possibilità di riflessione.[...] e, si indirizza ad un pubblico capace di scoprire l'isola che c'è dentro ogni essere umano.”<sup>37</sup>*

Suas raízes sardas se fazem presentes como matéria de construção, a relação com a Ilha nativa se torna uma relação com o mundo objetivo, onde a solidão do ser ilhéu transforma-se na solidão existencial do homem.

É uma viagem que não cessa nunca e é sempre a mesma, é a viagem ao interior do homem, que sabe-se ilha, com limites mas constantemente buscando a expansão, a sua identidade, de conhecimento espiritual. É

---

<sup>37</sup> “ Eventualmente, todo o seu mundo torna-se sardo, porque também o mundo é uma ilha, habitada por exilados,[...] a terra nativa torna-se imediatamente uma relação com um mundo objetivo comum a todos, a solidão típica do sul do mediterrâneo se transforma em uma metáfora da solidão cósmica do homem viajante à procura de si mesmo,[...] a solidão oferece também maiores possibilidades de reflexão.[...] e, se dirige a um público capaz de descobrir a ilha que existe dentro de cada ser humano.” IN: **Quaderni**, p. 84

a existência, particular e coletiva, concebida através da consciência da fugacidade e da precariedade do ser que, ao mesmo tempo, mostra o homem desiludido com os limites da própria consciência. O sentido do ser ilhéu, da solidão existencial é matéria primordial da fatura literária, onde perpassa uma certeza - a ilha existe em cada um de nós - todos somos sós, exilados e peregrinos no mundo em que vivemos e mais intensamente quando nos retiramos da terra natal, da terra-útero:

*“ Ho frugato fra sterpi.  
Ritornarò con l'ombra  
dei passeri nel grembo  
eterno.  
Riceverò forze.  
Desideri suggeranno luci.  
Sognare comete  
primavere  
poi lentamente dormire.”*<sup>38</sup>

Para Dessì, o isolamento geográfico e cultural é vantajoso - pois é através da serenidade deste mesmo isolamento geográfico que suscitam as inquietações: assim, a Ilha, além de tema poético oferece seu isolamento como oportunidade de maiores reflexões. E trazendo consigo a Sardenha é que dá ao leitor a capacidade de descobrir a Ilha que existe dentro de nós.

A Insularidade não significa limitação ou alienação, mas sim a presença de uma gama de experiências e motivos que não se encontra em grandes centros.

38

“ Procurei entre os ramos secos.  
Retornarei com a sombra  
dos pardais no regaço  
eterno.  
Receberei forças.  
Desejos sugerirão luzes.  
Sonhar cometas e primaveras  
depois, lentamente dormir. ” IN : **Quaderni**, pp.85-86

Friggieri, ao se referir à poesia de Vincenzo Mascaro - siciliano, escreve

*“L’insularità è vista sotto il profilo filosofico, come la condizione ineluttabile di una intera nazione umana, ed è finalmente la terra a configurarsi in una isola perduta nella vastità del cosmo.”*<sup>39</sup>

Mascaro, carregando consigo a Ilha, procura definir o que é verdadeiro e o que é apenas aparência, procurando a superação entre matéria e espírito, é sempre um viajante em busca da identidade através da indagação sobre o significado das coisas ao seu redor, da fé no ser. O conflito entre aparência e verdade, num escritor insulano, mais que em outros, aprofunda a consciência desse dualismo, que sob sua ótica oscila sempre entre o eu e o outro, o interior e o exterior. A conflitante convivência deste mundo externo com o interno se manifesta no compromisso de escrever através de resíduos do passado, de experiências pessoais desse dualismo. Essa Ilha geográfica torna-se a consciência angustiada do homem sempre à espera de algo impalpável e indecifrável, a desilusão com o tempo que passa, o perene sofrimento existencial do ser.

*“ Maledizione e amore questo  
sud di pietra che prendiamo a pugni  
da secoli, aridità e gioia  
segreta delle lunghe attese.”* <sup>40</sup>

Outro poeta sardo, Salvatore Pintore, com simplicidade constrói sua poesia como uma metáfora da vida insulana, feita de silêncios, pleno de

<sup>39</sup> “A insularidade é vista sob o perfil filosófico, como a condição inelutável de toda a humanidade, é finalmente a terra a configurar-se em uma ilha perdida na vastidão do cosmos.” IN: *Quaderni*. p. 91

<sup>40</sup> “ Maldição e amor este  
sul de pedra que tomamos nas mãos  
há séculos, aridez e alegria  
segreta das longas esperas.” IN *Quaderni* p.41

significados que se revelam à medida que caminha dentro de si mesmo, como habitante de uma Ilha desconhecida, como um viajante cheio de ansiedade e interrogações. O ilhéu torna-se um cidadão do mundo e se faz intérprete intermediário da existência e da consciência da própria experiência de insulano.

*“Il viaggio di Pintore parte dalle strade affollate dell'isola per poi arrivare alle parti più remote dell'unica isola vera e propria, la sua anima, quella che ai giorni d'oggi il poeta può chiamare in causa anche per essere originale. [...] L'isola si è trasformata in un simbolo della coscienza. Non c'è più l'uomo che vive nell'isola, ma solo l'isola che abita dentro di lui.”<sup>41</sup>*

O insulamento que perpassa a poesia, plena de sensibilidade, não trata somente de uma condição inalienável mas também apresenta-se como vocação e escolha. É uma fuga que leva à descoberta como etapa fundamental do peregrino que nos insulanos se apresenta indistintamente. Então, esta fuga é somente aparência, na verdade, representa um ponto de chegada, uma conquista do espírito.

Pintore capta a profundidade das coisas simples e imediatas, a vida autêntica, a infância perdida, a natureza:

*“All'improvviso appare  
bussando in uno sguardo  
una carezza  
una parola...  
Furtivo giunge  
cercando come un fiume il mare*

---

<sup>41</sup> “A viagem de Pintore inicia por estradas aglomeradas da ilha para depois chegar às partes mais remotas da única ilha verdadeira e particular, a sua alma, aquela que nos dias de hoje, o poeta pode invocar como motivo para ser original.[...] A ilha também se transforma em um símbolo da consciência. Não existe mais o homem que vive numa ilha, mas só a ilha que habita dentro dele.” IN: **Quaderni**.p.93



*un letto da consumarsi  
anche sognando.”*<sup>42</sup>

É uma poética feita de espaços, de silêncios, de mistérios, de sentimentos, de recriação do mundo, ou seja, da própria consciência do mundo, segundo uma visão que supera os condicionamentos de lugar e tempo. Talvez seja a Ilha na sua mutabilidade que lhe sugira este modo de sentir as coisas e o faz continuamente buscar o mistério da vida através da sensibilidade e da intuição, não do racionalismo:

*“ L’invisibile non vedono  
i nostri occhi votati  
alla luce del mistero.  
Avvicinando il mondo  
si dispiega il gioco e la danza  
di terra e cielo.*

*L’esperienza risplende nell’anima  
Ad essa inclina lo sguardo  
chi pensa il più profondo.”* <sup>43</sup>

O poeta insular não esquece o sentido da viagem, como Ulisses, um navegador incansável à procura de si mesmo. Da **Odisséia** à

---

<sup>42</sup> “Repentinamente aparece  
batendo em um olhar  
uma carícia  
uma palavra...  
Furtivo chega  
procurando como um rio o mar  
um leito onde consumir-se  
também sonhando.” IN **Quaderni**, p.94

<sup>43</sup> “O invisível não vêem  
os nossos olhos voltados  
à luz do mistério.  
Aproximando o mundo  
se estende o jogo e a dança  
de terra e céu.  
A experiência resplandece na alma  
à ela volta o olhar  
quem pensa mais profundamente.” IN: **Quaderni**, pp. 94-95

**Eneida**, da **Divina comédia** a **Ulysses** de Joyce, todos os poetas se reconhecem na figura do homem como turista do cosmos, em última análise, do homem à procura do sentido do seu ser, do sentido da vida. O mar, a Ilhase traduzem em matéria de construção de sua experiência interior. Tudo é uma viagem metafórica, o confronto consigo mesmo, um retorno à essência, ao reconhecer o mistério escondido dentro da substância. São mil coisas juntas. Não é uma paisagem, mas inúmeras paisagens. Não é um mar, mas mares sucessivos. Não é uma civilização, mas uma série de civilizações acumuladas, umas sobre as outras. Permanecer fiel à sua Ilha significa então, permanecer fiel à necessidade de descobrir e conhecer, de andar em outros limites de tempo e espaço.

Reconhecer seu destino de eterno viajante faz o escritor superar os limites em direção ao desconhecido, ao mistério. É uma viagem no labirinto da vida que levará o homem a descobrir a verdadeira relação com os que o cercam e que dará sentido à sua existência.

A busca do paraíso perdido representa um retorno à vida, à ressurreição, à essência da substância, um reinício, não um fim. É a busca da transcendência.

O caráter insular faz-se pela literatura, pois uma cultura que provoque, por razões próprias, o isolamento, convida à originalidade, à magia. O próprio ato de criar já é insular por excelência e confere harmonia à dispersão, à tendência para a dispersão que é o mundo.

Vitorino Nemésio, Gigi Dessì, Vincenzo Mascaro, Salvatore Pintore têm em comum a presença da Insularidade. O que os diferencia, como se pode constatar, é o modo como esta insularidade insere-se em cada uma das obras que não as faz iguais, mas antes distintas. O ponto de referência -

Ilha\narrador - é que dá autenticidade a cada um deles. Nem as Ilhas, nem os narradores, nem a escrita são os mesmos. A realidade e o imaginário se apresentam e se desenvolvem de modo diverso, dando a cada texto uma beleza própria e única.

Nino Muccioli assume a condição de ser ilhéu dentro da Ilha, impossibilitado de conviver com os valores arquetípicos do todo; Gigi Dessì e Salvatore Pintore rompem com essa condição de ser-ilhéu, pois se dão conta de que o *locus* é o cosmos e, assim, insulariza o universo. Neles, a insularidade, o isolamento, é feito com uma escrita doce, delicada, é aceitação de si e do mundo com suas angústias e recordações prazerosas, não atormentadas.

Nemésio, Gigi, Dessì, Pintore, Mascaro e Emanuel não conseguem escapar da condição do ser-ilhéu enquanto peregrinam pelo continente. Neles, a Insularidade é um fenômeno de distância. Não se trata de uma mera exaltação folclórica do contexto ilhéu, mas sobretudo, da indagação da distância onde o escritor descobre o sentido secreto do mundo, como um descobridor que, se tivesse descoberto um milhão de ilhas, continuaria a procurar a sua Ilha perdida: a única, a imaterial.

À obra, Emanuel Medeiros Vieira acresce a insularidade do tempo; a geografia e o tempo no texto circular voltados às reminiscências do passado. A tentativa de resgate deste passado de forma angustiada, dilacerada, torna-o prisioneiro de si mesmo. A desilusão com o tempo que passa, o perene sofrimento existencial que transpassa em sua obra de forma nua, crua, toda sua sensibilidade e intuição, mas semelhante a um vulcão sempre prestes a entrar em erupção, quase nunca apresenta a calma das mares, a placidez de um lago, a candura inocente de um ser adormecido. Está sempre a enfrentar, a combater o dragão que existe em seu interior, pronto sempre a defender,

agredir com seus dardos verbais a reificação do ser, nunca de forma passional. Permanece sempre em ebulição a busca eterna da arte, do processo de criação e valorização de cada ser.

No capítulo próximo, analisa-se o matiz da Insularidade, como ela se apresenta na obra a eterna viagem do migrante no espaço, tempo e texto, de Emanuel Medeiros Vieira:

## CAPITULO II

### VIAGEM DO MIGRANTE:

### ESPAÇO, TEMPO, TEXTO

*“Olhava o ar silencioso e pálido do quarto, um instante imóvel e sem destino. Como era fatal ter vivido. Pela primeira vez envelhecera. Pela primeira vez tinha a consciência de um tempo atrás de si e a noção desassossegada de algo a não poder tocar jamais, de alguma coisa que já não lhe pertencia porque estava completa mas que ela ainda se prendia pela incapacidade de criar outra vida e um novo tempo”*

Clarice Lispector - **O lustre**

No conto "Um enforcamento"<sup>44</sup>, o personagem de Camus indaga se a vida vale a pena ser vivida, numa sociedade burocrata e absurda, onde reina a servidão e a violência humana, pactuada silenciosamente por todos. Constatado o Absurdo, resta escolher a atitude a tomar. Para o autor de **O estrangeiro**, trata-se de aceitá-lo e conviver com ele.

*"É o que faz Sísifo, o mítico personagem condenado a rolar eternamente uma pedra encosta acima de uma montanha. Sísifo aceita o absurdo e tenta agir dentro dos limites que lhe são impostos. E, paradoxalmente, ao tomar consciência desses limites, ele consegue ser mais livre."*<sup>45</sup>

O catarinense Emanuel Medeiros Vieira, assim como Albert Camus, parece acusar sentimentos de estranheza e absurdo, de solidão e de insulamento com o mundo em que vive. Seu ponto-referência, seu ícone, é a cidade natal- Florianópolis, seu mar, seu céu. Ter vivido em Porto Alegre, São Paulo, e estar vivendo em Brasília - não diminuíram sua solidão. Por todos os lugares por onde passa, leva consigo a Ilha. E, assim, permanece insulado, isolado, perdido. Um estrangeiro.

A possível presença da constante insularidade acompanha a evolução do texto ficcional de Emanuel Medeiros Vieira ao longo de 25 anos desde o primeiro livro de 1972 até o mais recente **Meus mortos caminham comigo numa tarde de verão**.

*"Esta constância é a presença de-uma-ausência, a Ilha-Desterro que lhe martiriza não só a sua maneira-de-estar (na cidade), mas a própria capacidade de escrever (no texto que está redigindo e no romance que não consegue concluir).*

*Parece possível a identificação de três insularidades em sua obra - a insularidade da*

<sup>44</sup>CAMUS, Albert. **O Estrangeiro**, p. XI

<sup>45</sup>.....**Op.cit**, p. XI

*geografia: Porto Alegre, São Paulo, Brasília; a insularidade da psicologia : o estudante fora de casa, o revolucinarário fora do grupo e o profissional fora da produção; a insularidade da Literatura: o narrador amargurado, o personagem dividido, o esteta fracassado.”*<sup>46</sup>

A constatação da condição de Estrangeiro - na ilha ou em qualquer outro lugar - de solidão, de insulamento, de exilado faz com que seus personagens não consigam ser mais livres. A ilha-ausente corrói o espaço que os envolve : a Cidade. A ilha-ausente representa para os personagens de Emanuel Medeiros Vieira um mundo em miniatura, uma imagem do cosmo, templo e santuário. A ilha é simbolicamente um lugar de eleição, de silêncio, de paz, em meio à ignorância e à agitação do mundo profano. A ilha evoca o refúgio. Um refúgio embalado pelo mar, lugar de nascimento, de transformação e de renascimentos, uma situação de ambivalência. O mar é, ao mesmo tempo, imagem da Vida e imagem da Morte. Assim, seus personagens se fazem parecer ilha, se tornam solitários, permanecem à margem da sociedade.

*“Sim , Ariosto monologa e sente-se como John Wayne em Rastros de Ódio. É um homem sem casa. É um homem sem lar. Ele, é ‘pior’ ainda, não tem nenhuma moça para pegar no colo e dizer, ‘vamos para casa’, mesmo que depois a deixe e fique novamente solitário. Sua história é essencialmente a mesma. Uma história de solidão.[...] é de sua essência, deste homem chamado Ariosto, a solidão.[...] Poderia ficar ali. A mãe, o pai, o filho, a trindade. Seria o estrangeiro se ficasse, formando o quarteto, romperia a harmonia ancestral das coisas.”*<sup>47</sup>

Emanuel Medeiros Vieira não se despede para sempre da ilha, pois quando regressa a ela, nunca mais encontra a mesma ilha. A imagem que transporta consigo através do mundo não pode ser restaurada na sua

<sup>46</sup> SACHET, Celestino. *Memória de frag-aumento da tríplice insularidade*. IN: *Literatura- revista do escritor brasileiro*- Jun/94. Brasília: Ed. Códice.p. 117

<sup>47</sup> VIEIRA, Emanuel Medeiros. *Tremores*. pp.32-33

materialidade. É uma entidade mítica, resultante de um processo do imaginário a que nenhum regresso pode conferir a coincidência com o Real. A ilha mitificada viaja sempre no íntimo do escritor. A ilha, a cidade natal representam o sagrado.

*“Existem, por exemplo, locais privilegiados, qualitativamente diferente dos outros : a paisagem natal ou os sítios dos primeiros amores, ou certos lugares na primeira cidade estrangeira visitada na juventude. Todos esses locais guardam, mesmo para o homem mais francamente não religioso, uma qualidade excepcional, única: são os lugares sagrados do seu universo privado, como se neles um ser não religioso tivesse tido a revelação de uma outra realidade, diferente daquela que participa em sua existência cotidiana.”*<sup>48</sup>

E essa idéia de solidão - cárcere - exílio alia-se à circularidade. Existe o cerco, o círculo, a ânsia de romper com a insulação, a circularidade, na infinita repetição dos ritos, desdobra-se em angústias e amarguras:

*“Fechei os olhos, caminhei pelas ruas. Com a barba crescida, sem saber o que fazer, voltei à estação. O trem à espera. Como da primeira vez, viajei durante muito tempo.[...] Quase sempre estava na estação observando os trens partirem. Um certo dia embarquei novamente. Outro lugar desconhecido.[...] Acredito que chegarei a outra cidade estranha.[...] Chego a pensar que o meu destino talvez seja diferente de todos os outros homens.”*<sup>49</sup>

*“Dualidade eu queria e não queria criar raízes. Como Petra. Tinha o sonho - família - de uma tribo unida, tribo plena, tribo útero, amorável.[...] Viajar. Sim, viajar. Tentei o relato do mundo morto, o silêncio dessas horríveis horas, consumidas palavras. Cercado de odores, tatos, fantasmas, cidades, e passado nos ilhando entre vários gestos possíveis.”*<sup>50</sup>

<sup>48</sup> ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. p. 24

<sup>49</sup> VIEIRA, Emauel Medeiros. *A expiação de Jeruza*, p 21

<sup>50</sup> .-----Sexo, tristeza & flores.pp53-57



A busca do retiro e da ilha afortunada transformam-se em desejo de aconchego materno. É que o seio do espaço insular permite construir, em abismo, a busca do refúgio. A nostalgia insular relaciona-se com a busca crescente de intimidade interior que se harmoniza com a procura do recôndito do lar; é uma reação ao endurecimento da disputa social, à fragilidade.

A ilha está profundamente presente na vida do autor que se torna, não um prisioneiro desta mesma ilha, mas um prisioneiro de si mesmo. Assim, os personagens, na grande maioria, sofrem a dor do exílio interior\exterior e encontram refúgio no álcool ou em aventuras amorosas e sexuais. A ilha representa a memória, a herança e a transcrição desse passado; no presente, a sobrevivência.

A Viagem alimenta uma obra polarizada na palavra ilha. Nesse sentido, o escritor *viaja*, freqüente e ludicamente, à sua ilha da infância e da adolescência. É uma aventura interior e idealizada. Então, *estaiíha ao longe*, é a memória, a busca do que lhe falta e de que não consegue escapar: da solidão, do viajante-mascate à procura da **Ilha do Tesouro**, como a de Stevenson. São Paulo, Porto Alegre, Brasília - percursos reais, concretos têm a força de suscitar a atividade da Memória e, de provocarem o surgimento de outros percursos - íntimos - aduzidos por impressões e reminiscências do passado, na viagem do retorno, uma viagem imaginária, que

*"[...] constitui ao mesmo tempo uma realidade do virtual e uma virtualidade do real."*<sup>51</sup>

*"Depois de muito sofrer ele voltou para sua terra. Marejou por águas ásperas. E viajou por terras poeirentas. Bebeu, viajou, apanhou. Estava cansado. A juventude ficara na*

---

<sup>51</sup> BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*, p.23.

*aldeia. Como os seres que amava.[...] Mas o filho pródigo recusou a felicidade e a ternura de seus próprios campos. Na sua alma não habitava a paz.[...] Sempre portos, sempre a partida, sempre a saudade surda. Em nenhum porto o céu que buscava e não existia.[...] Em si (corpo, carne, coração), ainda o medo de criança, o escuro e seus fantasmas, Estalava os lábios e dentro do escuro sabia-se exilado, ele e seu corpo.”*<sup>52</sup>

*“O vagamundo. Tanto tempo te busquei meu ventre, os soluços, o retrato da família estampado na cara, as tensões, os tremores, o fraco herói. Tropecei e andei, vilas e vilazinhas, barro e asfalto, pão e fome, caminhão e automóveis, bicicleta e a pé, pão e banana, chuva e sol, afinal o encontro, a rua serena, a música que entra no rio. Antes do tiro que há de vir parece que tudo está encerrado. Tanto por tão pouco. Só posso ser na pressa, no inacabado, na viagem. Correr e não chegar ao fim. A fria guerra de nossas vidas.”*<sup>53</sup>

Sua casa natal, sua aldeia, sua ilha moram na lembrança. Ela está distante, está perdida. Não a habitará mais, tem essa certeza, ela é apenas um sonho.

*“O desnorreamento de um viajante que não encontra seus caminhos nas veredas de um campo, o embarço de um visitante perdido numa cidade grande parecem oferecer a matéria emotiva de todas as angústias.”*<sup>54</sup>

*“Tudo está quebrado. Uma casa - não bem uma casa - ruínas de uma família. Uma casa derrotada. Regresso após quinze anos. Ainda a mesma agressividade e dor. Tragédia de quinze anos. Mas o jardim ainda é o mesmo. [...] A cidade, Florianópolis, é a mesma: nas ruas caminham fantasmas, bêbados, embalados pelo vento sul. A terra que amo, o mar.”*<sup>55</sup>

<sup>52</sup> VIEIRA, Emanuel Medeiros Vieira. Num cinema de subúrbio, num domingo à noite.p.25

<sup>53</sup> ..... Sexo, tristeza & flores. p. 38

<sup>54</sup> BACHELARD, Gaston. A terra e os devaneios do repouso,p.161

<sup>55</sup> VIEIRA, Emanuel Medeiros. Num cinema de subúrbio, num domingo `a noite. p.15

“*Um avião corta a tarde.  
A Ilha ao longe. Voara cinco vezes. Paris,  
Atenas, Jerusalém, Veneza , Desterro. A sexta será para a  
pequena ilha.*” 56

Então, a apreensão do Passado aqui representado pelas lembranças recorrentes da casa, do pai, da mãe, do fogão de lenha, do varandão, dos quintais. O mito da *ilha perdida* é a busca de uma identidade.

É a constatação da solidão universal, da ansiedade-existência, da precariedade da vida que dá aos personagens de Emanuel Medeiros Vieira a consciência de estarem sempre insulados. Assim, a paisagem é evocada com nostalgia de um passado que não existe mais, mas ele é profundamente sentido como um Presente contínuo vivido interiormente. A viagem é sempre a mesma e vários momentos constituem uma única história anterior. A existência, pessoal e, igualmente, humana e coletiva, é vivida, antes de tudo, como a consciência da fugacidade, da precariedade do ser. Utiliza, então, a ilha mitificada como metáfora de solidão. Seus personagens viajantes, ansiosos, cheios de incertezas, são realidades da angústia de sua condição insular. E esta insularidade é que parece dar autenticidade à obra. Mas ao mesmo tempo o sentido de Distância - além de constituir uma condição inalienável é, ao mesmo tempo, vocação e escolha. A Viagem representa, então, uma fuga concebida como etapa fundamental da descoberta de si mesmo. É a viagem que permite o retorno para dentro de si mesmo, que como a ilha está em constante transformação.

“*Revisito minha rua, o encontro.[...] não mais a  
minha rua, os edifícios, o asfalto, e os meninos também mecânicos,  
calhambeques, descargas abertas, roupas vermelhas, desvirilizaram*

*as coisas. A gente prensado entre os de antes e os fáceis de agora.”*<sup>57</sup>.

*“Há uma ilha e um tesouro. A busca está no mapa e essa caçada será de mil anos.[...] Desde que desceu perdeu o dom de voar e esqueceu a mágica expressão. Está destinado à ilha sempre. E depois alcançará a eternidade. Deus sorrindo lá perto. A grande gargalhada encravada na noite que chega. Reconquistar seu destino. Lembrar aquelas ilhas, memorizadas por um escritor, onde os homens morreriam loucos e felizes.”*<sup>58</sup>

Reconhecer-se eterno viajante, é reconhecer-se um turista do cosmos, um homem à procura do sentido de sua existência. A ilha é a matéria de representação de uma experiência interior; a viagem é que permite esse retorno essencial para o reconhecimento do mistério escondido dentro das coisas.

*“-A Ilha. A Ilha.- Não existe volta. Te consumiste no sofrimento.[...] Colhera as coisas com pressa, fragmentadas, pensando: ‘a vida é urgente’.”*<sup>59</sup>

Permanecer fiel à ilha, e à procura da Viagem Constante, significa também manter-se fiel à necessidade de descobrir e conhecer outros limites de tempo e espaço, de fidelidade existencial.

De um lado há o espaço físico em si, mas metafórico em substância - mar, céu, onda, vento. De outro lado, há o movimento contínuo - vela, barco, viajar, retornar, chegar. Há também o viajante - rugas, cansado, solitário, estranho, exilado, silencioso.

*“Pedacos de tudo, da cidade louca que te invade, penetra, enrijece e pulveriza. Ah, a cidade...[...] tão longe das coisa*

<sup>57</sup> VIEIRA, Emanuel Medeiros. *Sexo, tristeza & flores*, p.15

<sup>58</sup> ..... *Num cinema de subúrbio, num domingo à noite*, p.44

<sup>59</sup> ..... *A expiação de Jeruza*, p.76.

*que pensava o mar.[...] É hora de fazer o inventário, mostrar as cartas: o carço, o verdadeiro, o que fica. Dois anos de cidade grande. Um dia é bom esse banho geral. Como tem sujeira e pouca coisa linda.[...] Um dia Heleno sentiu vontade de regressar: ao seu mar, às ilhas, às gentes calmas, à família, à casa de sempre.[...] Meu coração: viagem, Rodoviária, estação, despedida, lenço.”<sup>60</sup>.*

De tudo isso, nasce o desejo de terras desconhecidas, ignoradas. É uma viagem ao labirinto da vida, à descoberta do relacionamento com os outros seres também solitários, exilados. Os personagens na grande maioria estão sempre à margem da sociedade.

A busca constante de um lugar e de uma identidade dentro e fora da *terra natal*, o regresso às raízes - partir e regressar - simbolizam o desejo que não se satisfaz, que nada pode saciar. Sem rota, sem destino, existe uma disponibilidade íntima de estar sempre assumindo algo e, depois, saltar para outro possível, a escritura.

Conhecer sua ilha é conhecer de igual forma o mundo e, paradoxalmente, é também estar-se exilado desse mundo; é a constatação que em todas as terras e em todas as épocas os homens são essencialmente os mesmos. É o escritor solidariamente a olhar e pensar outras fatias do passado, tentando recuperar certo gosto de viver, a sapiência de que a transcrição de tudo para o papel detona para a sobrevivência. Assim, seus personagens são cativos não só geograficamente, mas interiormente, eles estão sempre num labirinto à procura de uma saída, como em uma odisséia de tempo e de lugar que o destino o colocou. É, pois, através da visão retrospectiva que o leitor vai aos poucos se dando conta de que o pior dos exílios é o interior. E é a consciência desse exílio que dá a primeira chave para a libertação humana.

---

<sup>60</sup> VIEIRA, Emanuel Medeiros, *A expiação de Jeruza*. p.74

*“Sim, sentia-se circunscrito a este corpo, como se estivesse numa prisão. Um pedaço de estômago, da língua amarela, olhos gastos, cabeça quase febril, um cansaço tão cansaço que já não tinha nome: tudo prisão. Como se tivesse recebido uma bofetada, num relâmpago, não sentiu mais vontade de ser caixeiro-viajante.”*<sup>61</sup>

A evocação das recordações afasta o escritor do tempo presente e remete-o ao Passado. Retroceder ao Passado é um modo de conscientizar-se de seu distanciamento espaço-temporal na Geografia e na História.

*“N é um remanescente dos homens não planejados. Não está imune ao riso gratuito, à dor, à angústia e por isso pensa: ‘Só tenho fragmentos. De mim, das coisas, dos outros seres. A solidão nos pegou pelos pés. Os planejados estão livres da trepidação, do sangue. Os remanescentes ainda têm febre, fome e sede’.[...] Essa solidão perverte.[...] Seu silêncio o condena.”*<sup>62</sup>

No capítulo a seguir, deparamo-nos com o “insulado plantador de palavras” tecendo seu Grande Romance e demonstrando ser a literatura o único meio possível de atingir sua meta.

---

<sup>61</sup>VIEIRA, Emanuel Medeiros. Tremores.p.24

<sup>62</sup> ..... Teu coração despedaçado em folhetins. pp.13-14.

### CAPITULO III

#### O INSULADO PLANTADOR DE PALAVRAS

*“O que foi aos fins do mundo para não atravessar-se. Deus, o Sol, Shakespeare, um caixeiro-viajante, tendo-se atravessado em realidade a si mesmo, torna-se esse si mesmo. Espera um momento. Espera um segundo. Maldito ruído desse sujeito na rua. O si mesmo que a si mesmo estava inelutavelmente condicionado a se tornar. Ecco!”*

James Joyce - Ulysses

Emanuel Medeiros Vieira, seduzido pela distância geográfica e pela distância psicológica, recria a ilha através da linguagem, mas dela só apreende imagens. Esta ilha está perdida e seus contos, como uma colcha de retalhos, com seus fantasmas, antepassados-raízes, tentam reconstruí-la. A consciência de haver perdido o poder do regresso àquela mesma ilha agudiza a *Dor da Perda* e do *Não Reencontro*.

A ficção de Emanuel Medeiros Vieira pode ser considerada como um percurso em direção à *ilha perdida*, necessária na medida em que entre a *ilha real* e a *ilha perdida* está o infinito a separar a realidade em relação ao desejo e ao sonho que não atingem a meta.

As referências a essa ilha perdida assumem ao longo de sua narrativa, os mais diversos matizes, a *ilha perdida*, que funciona no mais profundo do espírito do autor como um arquétipo, logo, como forma estática, intemporal, onipresente de sua ausência - é suscetível de múltiplas projeções, todas elas obviamente limitadas, degradadas em relação ao grande modelo.

A *ilha perdida* é remetida ao passado. Passado onde enraiza o fascínio de palavras como “descobrimento”, “descoberta”. O que lhe garante a permanência é mesmo o fato de ela, a ilha, não existir em parte alguma. Eis, pois, a ilha de Emanuel buscando enraizar-se num tempo primordial, o tempo mítico dos deuses homéricos *in illo tempore* de toda a sacralização.

A inexistência espacial de toda entidade mítica liberta essas formas arquetípicas do cárcere da existência. Desprovidas de lugar, elas podem ser *toda parte* ou *em parte nenhuma*, ou surgirem, interiorizadas, como insatisfação insular. A obtenção da ilha perdida não conduz senão ao reconhecimento de um logro, não é ali a meta, tem que ser mais longe. Como o



desejo, o sonho, a poesia, o saber a ilha perdida não tem solução. Tal como o drama humano, existencial. Ela é a perfeição que não pertence ao mundo material. Ela é o narrador com seus amores passageiros, é a paixão pela terra e sua gente.

Em muitos de seus contos Emanuel Medeiros Vieira, narrador, se pergunta: escrever ou viver? Viver ou escrever? Através da escrita, a busca da ilha perdida se transforma em ilha encantada; ilha de abundância e felicidade. É o desejo de alteração do real, que o faz substituir a ilha inexistente por uma ilha ideal, purificada da mesquinharia, da clausura, das limitações terrenas. Ela permanece como um mito irremediável, fonte de conflito e de criação artística. Essa ilha perdida permanece como solidão entre os vivos; é passagem de testemunho, pois enquanto houver Memória, a ilha perdida passará de geração em geração.

*“ Lá se estende o azul mais azul. Pinheira, Praia do Sonho, lá adiante Garopaba. Antes, a ponta da Ilha, o final, Farol dos Naufragados. [...] Ali é o final da Ilha de Santa Catarina. Ponta do Sul. Final, começo, fecundação. [...] (Naufragados, o mundo).”* 63

Muitos de seus personagens mergulham na embriaguês como modo de abrir a válvula da imaginação, pois, o álcool, é que lhe oferece “a viagem”.

A ilha representa um porto onde afluem navegadores solitários, aventureiros e, ao mesmo tempo, é caracterizada pela rotina das relações sociais entre as famílias, a hospitalidade. Esta duplicidade - fechamento e abertura - parece ter seduzido o narrador, ele próprio tão agarrado à sua ilha natal e tão predisposto a descrever viagens e terras distantes.

---

<sup>63</sup> VIEIRA, Emanuel Medeiros, Num cinema de subúrbio, num domingo à noite. p 27

Recorrente em toda a sua narrativa é também o tema da Culpa, que demonstra o homem em crise, a perda da fé em coisas terrenas. É o homem querendo dialogar com Deus, exibindo as chagas. Chagas resultantes do pecado, da fraqueza, do “lodo” humano. Pois, a expiação da miséria humana aos olhos do Criador pode ser uma tentativa de depor a vida nas mãos de Deus, ou ainda uma rebelião contra Deus. Terrível dilema, para o qual a resposta seria o silêncio, sinônimo de angústia existencial. O narrador escolhe assumir a culpa.

*“O filho pródigo pensou: ‘estou fadado a destruir’. Nas mãos nada perenizava: Trôpegas.[...] Mas o filho pródigo recusou a felicidade de seus próprios campos. Ele partiu. Na sua alma não habitava a paz.[...] e aí, o filho pródigo soube-se sempre marcado pelo sinal do velho pai: o cristianismo desesperado.[...] Então, com o sinal eterno (culpa), os olhos vazados, os ossos doídos, sentiu para sempre a crueldade dos homens e o silêncio de Deus.”*<sup>64</sup>

O narrador exprime em seus contos a angústia do homem que sente avizinhar-se a morte, como se uma lei “superior” revelasse, sem atavios, o seu caráter inelutável, universal. É, talvez, o momento mais triste da existência, onde o ser sente-se usado, remetido à prateleira dos objetos velhos, relegado ao esquecimento.

*“Ariosto era um homem de tamanho médio, gordo, meio calvo, moreno, parecendo chegar aos 50. Foi atravessando a rua e sente uma vertigem. Uma faca afiada? Uma agonia sem nome?[...] Pensou na morte,[...] Estava ficando velho e não tinha ninguém no mundo.[...] ‘queria saber de que miserável região veio essa necessidade pré-adolescente de ser amado’ - de ser amado desesperadamente, de ser lembrado,[...] Essa vontade de ser amado parecia vir de ignotas eras ou de seus tempos iniciais, dos começos de Ariosto, perdidos na poeira do tempo[...].”*<sup>65</sup>

<sup>64</sup> VIEIRA, Emanuel Medeiros. *Num cinema de subúrbio, num domingo à noite*. p 23

<sup>65</sup> .....Tremores. pp. 21-31

O narrador se revolta diante do espetáculo da insensatez, perante uma condição injusta e incompreensível:

*“Também me perdi. No esboço não unifiquei, só acumulei. Um grande trabalho me espera. Não para agora. Algo que consumirá uma época, enquanto lá dentro ele está morrendo. Uma vida intensa, uma carne agora estragada. Para depois da morte, quem sabe, virar mito.”*<sup>66</sup>

Mas o Absurdo, tal como a Dúvida, é que orienta uma nova busca. O narrador não duvida de seu grito e a única saída é a revolta, pois o homem é a única criatura que se recusa a ser o que é. É no movimento de revolta que nasce a tomada de consciência, pois a *revolta* se estende a qualquer coisa que ultrapassa o indivíduo, na medida em que o arranca à sua solidão. E a partir daí é que sua solidariedade é metafísica. É a luta pelo que se é, luta pela integridade do seu próprio ser em nome de uma generosa cumplicidade com outros seres humanos, que não pode dispensar a Memória - tensão perpétua. A reivindicação contra a dor de viver e morrer. A revolta é igualmente um testemunho da sua sede de sobrevivência e supõe ultrapassar seu próprio destino.

A narrativa de Emanuel Medeiros Vieira elege a *Justiça* como a deusa de todas as paixões. O personagem é, geralmente, um anjo torto, um dândi, um solitário. Ama aquilo que nunca se verá duas vezes. Vive então o instante, o que não impede o escritor, de ser considerado maldito.

*“Ganhar a vida, sempre perdido,[...] eu fruto podre, eu brasileiro, eu anomalia, [...] prestes a se arrebentar, cinzeiro cheio, ovo cru, carne estragada, leite talhado, dor de dentes, cachaça de segunda”.*<sup>67</sup>

<sup>66</sup> VIEIRA, Emanuel Medeiros. *Teu coração despedaçado em folhetins*. p. 42

<sup>67</sup> .....*Sexo tristeza & flores*. p. 15.

O personagem-escritor de Emanuel Medeiros Vieira, assim como Ivan Karamazov, de Dostoiévski, recusa-se a ser salvo isoladamente. Solidariza-se com os condenados, e por causa deles, recusa o Céu. Então, transtornado ante o pensamento de contar Deus como inimigo, embriagado pela solidão poderosa dos grandes crimes, *os grandes culpados povoam livros*, afirma Emanuel, faz da literatura a expressão dessa solidão:

*“E destroem com violência (e síntese, clareza, concisão), os possessos, os filhos de Dostoiévski, os intuitivos, os puros, os loucos, os latino-americanos, os que ainda têm sangue nas veias, mágicos, palhaços, circenses, telúricos,[...] os que ainda choram e riem,[...] é triste a reflexão, dói a carne, é impossível a comunicação, esse peito que se dilacera,[...] Agora as palavras estão escassas e ele custa a andar.”*<sup>68</sup>

É que o narrador prefere a solidão ao reino da amargura onde as palavras deixam de ter sentido. É o desígnio de acompanhar o homem na sua perda e de nada negligenciar para que semelhante perda se revele útil, não seja vã.

A recusa à morte, o desejo de duração não reclama a vida, mas as razões da vida, pois lutar contra a morte equivale a reivindicar o significado da vida. Revoltar-se equivale dizer: existimos e ao mesmo tempo constatamos que estamos sós, ou seja, existimos na solidão. A partir dessa conscientização é que se inicia a conquista de um novo ser.

O escritor escolhe o folhetim e a tragédia para realçar a precariedade da condição humana. E nunca perde a esperança de triunfar. Por isso fala do amor, do ato de escrever que representa, ainda que redenção provisória, a *pátria do exilado*.

---

<sup>68</sup> VIEIRA, Emanuel Medeiros. *Sexo tristeza & flores*. pp. 18-20

É o escritor viajante, mascate, insulado plantador de palavras que dispõe desta palavra como instrumento de *viagem* e que através dela procura “a redenção que estaria na ilha natal [...] mas que isso já parece irrealizável, porque não há para onde regressar.”<sup>69</sup> O seu destino de estar sempre partindo. Seus regressos são incursões à ilha arquetípica, mítica, poética. É o navegante metafórico feito através do poder da escrita.

Para Emanuel, “escrever é manter-se fiel a si mesmo.” Como artesão de palavras, propõe ao leitor a recriação do texto.

“No caso do escritor, o ritual é o próprio ato de escrever, [...] Este ritual que a literatura lhe permite é a recuperação de tempos anteriores, e eis porque desde logo o problema do Tempo se impõe ao leitor.”<sup>70</sup>

Mas não se trata apenas disso, trata-se de estilo - o folhetim e a tragédia - estilo como transgressão, como condensação de pormenores, ligados ao passado, remoto ou próximo para sintetizar os fatos num ritmo acelerado, afeiçoado ao dinamismo correspondente à pressa com que, na vida, se montam os dramas. Como na vida real, que pretende espelhar, de um momento para outro deflagra o estopim e o drama explode, imprevistamente.

A linguagem estilhaçada, quebrada, desencantada consigo mesma transparece em seus personagens divididos e insatisfeitos com a fatura literária final. Esses personagens caminham, viajam, vagabundeiam, embarcam novamente. E guardam consigo apenas lembranças do passado\origem - *aiíha* - e permanecem sempre sozinhos, e sentem-se assim sempre estrangeiros em lugares também estranhos. E se questionam que talvez sua existência\destino seja diferente dos outros seres.

---

<sup>69</sup> JUNKES, Lauro. **Op. cit.** p. 223

<sup>70</sup> HOHLFELDT, Antônio. **A literatura catarinense em busca da identidade: o conto.** p.68

A força artística e emotiva do texto de Emanuel Medeiros Vieira provém do seu estilo - o folhetim e a tragédia - perpassados pelos fragmentos-memória construídos em “flashes”, em saltos, em cacos múltiplos onde os personagens se martirizam na incapacidade de narrar.

*“Incapacidade que vem proclamada do primeiro ao último livro: ‘Sei que estas medíocres notas de nada servirão para o esclarecimento da vida e da obra do Cardeal Villa Longa’ (1972-p.37) Emanuel Texto Conosco: ‘Sabia, a palavra é uma arma. Um dia queria escrever, deixar inscritos na pedra alguns desses casos que terminam em cruzes à beira da estrada. Não, não tinha essa arma.[...] Os multipersonagens da escrita do Grande Romance admitem não possuírem a arma da palavra. Não é o caso de Emanuel Medeiros Vieira, o escritor.”* 71

*“Não. As variantes e as possibilidades são inesgotáveis. É um ciclo. Nenhuma das versões (conto, novela, romance, crônica, poesia) me satisfaz. O método, a diretriz, o ponto, o grito? Escolhi o folhetim. A atmosfera policial. A estrutura psicológica. A narrativa tradicional. Começo, meio e fim. A estória de fadas. A revelação da vida - senti que para cada ser há uma missão. No seu interior está a Salvação. Minha missão era escrever (escrever, escrever), sem nunca parar, sem dar um sentido para o trabalho humano, como Sísifo, sem um fim. Como a mulher, o mágico, o aventureiro, o estóico livreiro, o caixeiro viajante, assumi a minha solidão (Salvação, Estoicismo?).”* 72

O ser-ilhéu força uma circularidade e fuga inevitáveis. O dia-a-dia ilhéu está demarcado pela paisagem, pelos ritos e pelo amordaçamento do tempo, pela vida possível e pela morte inescapável. E a circularidade existencial, da prisão quotidiana, interior, como ilhas, reconhecendo todos aqueles que partilham de sua solidão. O poder que a escrita lhe dá é arrancar as amarras da servidão, reconstituindo com dolorosa ironia, as pequenas fatias

<sup>71</sup> SACHET, Celestino. *Literatura - revista do escritor brasileiro*-Jun\94, no. 6,p.118.

<sup>72</sup> VIEIRA, Emanuel Medeiros. *Sexo, tristeza & flores*.p.51

da vida que aparentemente querem fugir da memória. O narrador reconhece que o país se afunda num abismo de pobreza e solidão.

A literatura para Emanuel não é só um jogo de palavras ou pura estética, na medida em que revela ao leitor outros quadros da vida e verdades\ou falsidades de seu próprio meio, assim coloca seus personagens num mundo mais vasto.

O narrador emigra de vários modos e em tempos diferentes; interiormente, desde que se conhece, não se sente parte daquele seu mundo. A passagem de um lugar para o outro, na ilha ou em outros lugares é sempre um marco significativo de crescimento, mas o seu incessante perambular nunca deixa de ser um dos mais dolorosos exílios literários - sempre, estar sem estar, viver sem nunca pertencer a lugar algum.

Seus personagens-escritores são seres despedaçados na própria identidade, representam uma geração sacrificada ao nada. E a função do narrador, neste caso, não é suscitar o riso, muito menos mascarar-se de cínico. A função desse narrador é essencialmente de denúncia que se processa em vários planos, inclusive satírico\sutil.

*“Faltam ‘as palavras’. As que entrem, as fortes. Não há de ser nada. No bolso do meu capote, tanto frio, há um caderno. É a cachoeira, o livro. O livro. Bebo à vontade, morro de cirrose hepática pois o livro está pronto. Sabe o senhor que ele me tomou onze anos? Onze anos. Comecei a escrevê-lo num mundo e estou em outro. Esses tempos. Reescrever, cortar, ampliar, sugerir. E envelhecer.[...] nunca tente um romance. Não tente, é uma tarefa dura demais para nossos tempinhos medíocres e nossas mãos decadentes. [...] Por que ler? Há a televisão. [...] Todos os desregramentos são possíveis de agora em diante. Pois o livro está feito. Está solto, para o mundo, para o lúdico, para o folhetinesco, para a cafonice, para tudo. Hurra! [...] Meu livro quer ter corpo e sangue, não signos. As relações são entre as pessoas, não entre as palavras. [...] Nunca estive diante de um louco? Muito prazer,*

*prazer mesmo. Estou encantado. Não está entendendo, nem eu, não se preocupe, nesse bar - e no mundo inteiro - ninguém está entendendo nada. Mas nem por isso deixam de viver. [...] Quer que abaixe a voz? Tem medo da opinião alheia, ó filisteu? [...] Você não entende. É que vê muita televisão e lê muito a nossa imprensa.”*<sup>73</sup>

*“Repito, piegas: estou tossindo, fiz faculdade, tenho carro, fiz política estudantil, fui a bares. Horóscopo, seu chorão, erra, o horóscopo é injusto. Uma homenagem aos nossos deserdados, América do Sul, que lêem pouco e lerão menos ainda.”*<sup>74</sup>

Em o “Contador Menandro”, é a dispersão, a pulverização de um ser e de uma certa condição, neste caso um efeito da insularidade exterior e interior. Quererá isto significar que a ficção para o narrador foi o único refúgio? Não. A ficção foi neste caso, mais um caminho para a ruptura do que uma forma de escapar ao mundo. Anuncia o definitivo cerco, o enclausuramento que não consegue romper. Não pode quebrar os “muros” da prisão porque de fato já se sente para além de qualquer forma de vida. Não estará a apontar para o mundo empírico sugerindo que também não é ali o seu lugar? Tanto Menandro quanto o narrador, ambos, perderam o “bilhete” de regresso e serão estrangeiros em qualquer lugar.

A escrita é , sempre, uma reinvenção do real e tenta instaurar um outro real, porventura mais verdadeiro. O regresso à casa, pela escrita, pode redimir, mas não busca a redenção - porque o texto literário intenta viver pelos seus próprios meios. As leituras é que serão diferentes e os leitores é que lhe atribuirão significações diversificadas. A tensão de quem escreve e de quem lê - advém da impossibilidade do homem de unificar, dado que, ao

<sup>73</sup> VIEIRA, Emanuel Medeiros. *Sexo, tristeza & Flores*. pp.21-25

<sup>74</sup> .....Num cinema de subúrbio, num domingo à noite.pp63-64



mesmo tempo em que busca incessantemente sua integridade, vai se fragmentando sem remédio.

As raízes insulanas vão sendo cortadas, mas restam ainda, porque ninguém corta, cerce o *passado*. Em todo o tempo e em todo o lugar, o escritor reinicia um processo de criação, gerador, por sua vez, de uma poética. Assim, a atividade do escritor ( e qualquer artista) é poética. O escritor tem o dever da solidariedade. O escritor e qualquer homem. Escrever é um ato de coragem; é assumir a sua maior responsabilidade de homem para com outros homens.

A ilha de que fala Emanuel como um mundo limitado e, no entanto, infinito, possuído por antigos fantasmas que são nossos medos, os nossos mitos, a ânsia bem humana de ir ao âmago das coisas. O apelo do desconhecido e da liberdade face à claustrofobia do já visto e do circunscrito. Como se a *Verdade* estivesse perpetuamente em outro lugar. É assim que o escritor, com o tempo, tem de encaixar tudo no texto, e mais no sentido imponderável das presenças e das distâncias, e as metas do destino possível/impossível, na tentativa de atingir a pureza desejada, sabedor da pureza impossível.

Emanuel Medeiros Vieira e seus personagens-escritores vivem obcecados pelo desejo de captar o segredo na sua nascente, de desvendar o mistério de como surgem as palavras. Percebem o *centro* onde elas estão como gérmen em potencial, mas foge-lhes a compreensão deste caos primordial, onde a palavra, fonte criadora do universo, contém o mistério da origem de todas as coisas. Vivem uma busca febril, numa dimensão que ultrapassa o limite da *Arte*; uma perseguição apaixonada do significado secreto das palavras a fim de compreender o incompreensível.

*“Que a gente faz da gente. Palavras, palavras. [...] A verdade não-imagem. A verdade que se colheu e não adiantou nada.[...] Uma pessoa, palavras. A gente é uma palavra?”*<sup>75</sup>

*“o fosso criado pelas palavras entre as pessoas, restaurar mágicos mundos, tarefa para deuses.[...] Escreveu: ‘essas consumidas palavras’. Apesar dos belos objetivos propostos, não os alcançou.”*<sup>76</sup>

A busca de um *Centro* se processa a nível de linguagem, na medida em que procura sua origem, sua nascente, que lhe escapam. Existe a busca do poder primeiro da palavra, o sentido primordial, que o homem perdeu e deseja recuperar - o Verbo criador. Emanuel Medeiros Vieira e seus personagens procuram resgatar o sentido sagrado da palavra, sentido este que antecedeu o estético. Descobrir a origem da palavra equivale à descoberta da origem da criação, o Verbo é o som criativo de Deus. Ele criou o mundo com a palavra, portanto vinculada à esfera do sagrado. O relato bíblico da Torre de Babel mostra que Deus confundiu e desuniu os homens multiplicando as línguas. Desta forma, os homens não se entenderam mais e houve a dispersão entre eles. A unidade do mundo se desfez. A palavra relaciona-se com a organização do cosmos; perdendo a palavra, o homem perde-se em meio ao caos.

*“Não, não sei onde está a origem desta minha apreensão. Eu a tenho desde pequeno. Antes, desde que nasci. Esta agonia ( a palavra seria essa?) é o barro constitutivo, o cimento de minha casa. Minha própria vida.”*<sup>77</sup>

<sup>75</sup> VIEIRA, Emanuel Medeiros. *A expiação de jeruza*. p.89

<sup>76</sup> .....*Sexo, tristeza e flores*. p.58

<sup>77</sup>VIEIRA, Emanuel Medeiros. *Meus mortos caminham comigo numa tarde de verão*. p.17

A nostalgia da palavra perdida alimenta o desejo de estar no *Centro*, isto é, de voltar à origem, ultrapassar a condição humana retomando o *Poder*, o Ser. Mas Deus é o *Centro*, meta nunca alcançada a não ser pelo processo de criação da palavra, pelo *verbo* criador.

Os contos de Emanuel Medeiros Vieira são a história de uma busca de valores autênticos, qualitativos, por um herói problemático, num mundo degradado, sem porém conseguir fugir completamente à estrutura social degradante que os envolve; sendo, portanto, um indivíduo problemático. É a transposição para o plano literário, da vida cotidiana em uma sociedade individualista, reificada que eleva este individualismo a valor universal e com o qual o narrador não pactua. Não pactua e cria um outro mundo, um mundo ideal, no qual deve reinar a justiça, a verdade, o amor puro, a beleza, a honestidade. O narrador torna-se, portanto, o símbolo de um homem utópico, que sonha em estabelecer na sociedade um conjunto de valores ideológicos, uma luta que busca modificar a dura realidade em que vive.

Por que a tentativa de modificar a realidade existente?

Porque a realidade é um tempo profano; é uma constante ameaça. Seu fluir destrói, corrói, corrompe, leva definitivamente à *Morte*. O tempo sagrado é cíclico, ao caos da morte segue-se a ressurreição - o *eterno retorno* acontece na repetição do ritual que reitera o ser e rompe com a sucessividade do tempo cronológico ao estabelecer o espaço sagrado de repetir rituais e de plantar palavras.

*“O homem deseja reencontrar a presença ativa dos deuses, deseja igualmente viver no Mundo recente, puro, e ‘forte’, tal qual saíra das mãos do Criador. É a nostalgia da perfeição dos primórdios que explica em grande parte o retorno periódico in illo tempore.[...] Mas o Tempo mítico que o homem se esforça por reatualizar periodicamente é um Tempo santificado*

*pela presença divina, e pode-se dizer que o desejo de viver na presença divina e num mundo perfeito (porque recém-nascido), corresponde à nostalgia de uma situação paradisíaca.”*<sup>78</sup>

*“Não é o que o senhor está pensando. É algo ligado a um sonho referente... não, não, imanência? Acho que é uma dolorida e intensa ânsia por um mundo sagrado, agrário, sempre igual, que não mudasse, cosmicamente estabilizado, parado.[...] ...uma família e uma mesa na relva, uvas, taças de vinho, sucos, maçãs, uma mãe, um pai. Como se eu tivesse sete anos.[...] Eu crescendo por fora, doutor. Por dentro, queria preservar o menino.[...] A vida, doutor, me parece muito desorganizada. A vida me parece muito curta. Sou claro, doutor?”*<sup>79</sup>

A imagem da existência fornecida pelos contos de Emanuel Medeiros Vieira, é como fiapos de arte e de vida densa, colocando em reduzidas páginas toda a humanidade em drama. Uma espécie de poesia das coisas, o enternecimento do reiterado esforço humano de superar os limites da própria condição. Reportagem transfigurada e comovente dos dramas de criaturas anônimas, iguais ao leitor e toda a gente. Pois só a dor, o sofrimento e a angústia, a inquietude criadora fazem com que as criaturas se imponham ou suscitem outros interesses.

A Palavra - preocupação constante do Autor opera exatamente no plano em que o homem vive a vida como uma luta, tomada de consciência da morte e da precariedade do destino humano. Quanto mais se indaga, mais se inquieta, e por isso seus personagens vivem integralmente num círculo vicioso incessante: o Cerco.

A intenção do narrador é criar situações conflitantes em que todos nós, indistintamente, podemos espelhar-nos. Daí que todo esforço

<sup>78</sup> ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. p.78

<sup>79</sup> VIEIRA, Emanuel Medeiros. **Meus mortos caminham comigo numa tarde de verão**. p.18-19.

criador se concentra na formulação de um drama, em torno de um sentimento forte e único - *Solidão*. As palavras, como signos de sentimentos, emoções que podem construir ou destruir.

*“Viaja, estuda, trabalha, tenta o esquecimento, o álcool, o barbitúrico, a prostituta, a literatura. Tenta ser feliz. Escreve.”*<sup>80</sup>

*“Narrativas dissolutas. Não se fazem mais... os clássicos, os não trágicos, os clareza-concisão-síntese, também não se vive mais como antigamente, escrever, corpo são e alma sã, falar através de aspas, metáforas, a palavra alguém da vida.”*<sup>81</sup>

*“Empanturrado de palavras e papéis. Ainda escreverás aquele livro de contos. Não perguntes nada.[...] Que te ensinou a não ter certezas.”*<sup>82</sup>

*“Tentou a unidade (acredita que seu instrumento é a palavra) escrevendo esse ambivalente e confuso relato. Escrevendo.[...]Sabe que o relato é precário ( a vida, apesar de ser múltipla, também é precária).[...] Ou saia para o mundo - para um pequeno mundo - que, mesmo saturado de palavras, não pode viver sem elas.”*<sup>83</sup>

Para lutar contra esse sentimento de solidão existencial, muitos personagens que povoam os contos de Emanuel Medeiros Vieira encontram somente uma aliada: a *Literatura*. É na grandeza de sua obra literária que reside, a dimensão universal de seu sentimento de angústia, provocado pelo absurdo do viver social. É através da Palavra que desnuda, desmascara e aponta o homem condenado a perambular no mundo, numa luta incessante e patética, porque sem esperança, contra a indiferença e o alheamento. O ser

<sup>80</sup> VIEIRA, Emanuel Medeiros. *A expiação de Jeruza*.p.47

<sup>81</sup> .....*Sexo, tristeza e flores*.p.18

<sup>82</sup> .....*Num cinema de subúrbio , num domingo à noite*.p.53

<sup>83</sup> .....*Teu coração despedaçado em folhetins*.p.21

humano sente-se um estrangeiro no seu próprio habitat, porque é incapaz de compreender a existência e se adaptar aos absurdos do viver social. É o homem acusado de uma culpa desconhecida. Acredita no dogma do pecado original, pelo qual os homens são acusados de uma culpa que não cometeram mas herdaram. Face a este pecado, o único meio de salvação é a graça divina. Mas Deus, simbolizado no juiz supremo, é um ser misterioso que ao homem não é dado conhecer diretamente. Então, num sentido geral, a culpa do Homem, reside no simples fato de existir. É absurdo querer compreender a existência humana porque ela é simplesmente absurda: os homens se reúnem em sociedades, criam instituições civis, militares e religiosas para sua proteção material e espiritual e são essas mesmas instituições que esmagam os homens que a criaram. Assim, a *Literatura* pretende ser a ligação, o entendimento dos homens para que, através dela, os seres humanos aprimorem e aprendam a viver melhor entre si. O Narrador, que assim se confessa, não é um visionário, mas o oprimido que esquece, de repente, a ferocidade do opressor para transcendê-lo espiritualmente. Acima de tudo, é um homem à margem, que medita na irreversibilidade de sua condição de dominado para pensar na humanidade toda.

No interior do ser existem dois enigmas, em cuja decifração ele gasta toda a sua vida: a ânsia da imortalidade criadora e a ânsia de compreender o mundo circunstante.

*“Este é o prefácio, não o sumo, a mistificação, não a verdade,, o reflexo, não o caroço, o verbo, não a ação, a explicação, não a ficção. Meus perdões.[...] É um grito pungido, terno, picaresco, irônico, solerte, de um ‘enfant terrible’, perdido na sociedade de consumo ( só para poucos).[...] Sou pequeno, disperso, e incapaz - emocionado e agitado demais, para uma empreitada que além de engenho e arte exige compostura, um certo ar apolíneo (postura),[...] Geração de teses e exilados. Ou auto. [...]*

*Paciência (não tenho), calma (posso é ânsia), senso de espera (não sou eterno)."*<sup>84</sup>

A Criação consiste na única forma de permanecer, pois criar significa transformar, ou seja, atribuir nova forma à matéria pré-existente. A ânsia da imortalidade criadora envolve em si, uma dada concepção do mundo, uma cosmovisão, já que possui - o escritor - uma visão diferenciada da realidade que o circunda. Ele vê o mundo como uma sucessão infinita de potencialidades a se cumprirem perpetuamente, segundo um sistema moto-contínuo, do qual ele participa transformadoramente. Uma cosmovisão particular e única - o estilo.

*"[...]já elaboro o meu grande folhetim,[...] me esquecer do resto, da dor, da morte, da desgraça, do país, do cotidiano e da não descoberta do degredo da poesia.[...] 'se a gente não soubesse que iria morrer não escreveria mais',[...] sei que a ficção é também uma forma de verdade, que tudo acontece, aconteceu ou poderia ter acontecido, vou transitando entre realidades, mentiras."*<sup>85</sup>

A unidade da obra de Emanuel Medeiros Vieira se evidencia pela repetição das mesmas constantes, conjunto de idéias fixas, de obsessões que lhes tomam o ser desde os primeiros contatos plenos com o mundo, visto de uma maneira diferenciada e inconfundível, seu *leimotv* e seu *topoi*, o sentimento de solidão, de incomunicabilidade. O transcendentalismo se fundamenta na sensibilidade, como se a esta fosse possível o dom de ultrapassar a essência das coisas à custa de penetrá-la fundo, abarcando o cosmos em seus múltiplos sentidos. Daí a presença constante de palavras ou expressões como: *mitos, recuperar esse tempo, tua ilha é interior, nasci na época errada, a morte é a última solidão dos homens, seres do começo do mundo, seres sem saída,*

<sup>84</sup> VIEIRA, Emanuel Medeiros. *Uma tragédia catarinense*.p.5

<sup>85</sup> .....O homem que não amava simpósios.pp.69-70

*trágicos, selvagens, esse tempo que não consigo congelar, sede de absoluto, transfigurar o tempo da corrosão, tempo imóvel, recuperando imagens, nunca a sensação, restaurar o sagrado e o mítico, terra, fecundação, rito, sal, semente, lutas que exigem espírito épico: o mundo e as palavras, o tempo foice.* Palavras e expressões caracterizam a procura de uma visão integral do mundo, típica da poesia épica. Trata-se do sentimento de incomunicabilidade, fruto da trágica condição do homem, imerso numa inevitável solidão transcendental. Seus personagens estão sempre à procura de um grande amor, que invariavelmente não chegará, ou chega demasiado tarde e , portanto, jamais chegou, pois, vindo fora do tempo, encontra o homem já transformado em ilha, solitário e mudo. Solidão e incomunicabilidade que decorrem do transcendentalismo a-religioso, mediante o qual o cosmos se apresenta despovoado de deuses, ainda que repleto de mitos. Estes, forjam-nos a solidão e a incomunicabilidade. Consequentemente, a solidão transcendental se faz acompanhar da ironia, sintoma da tragédia inexorável.

*“De socialista na juventude, de existencialista sempre, acho que devo terminar monge trapista. Asceta. Humor sempre!”<sup>86</sup>*

*“Depois de ler perderá todas as certezas que herdou? Medo do risco.[...]Você não entende. É que vê muita televisão e lê muito a nossa imprensa.[...] Conhece a palavra fecundação?”<sup>87</sup>*

O escritor entrevê em cada caso de injustiça social um indício de uma situação que transcende o plano histórico das realidades sociais e vai atingir o plano metafísico: não é aquele homem injustiçado. É o próprio Homem como espécie nele personificado. O drama é do Homem que toma

---

<sup>86</sup> VIEIRA, Emanuel Medeiros. *Tremores*. p.81

<sup>87</sup> VIEIRA, Emanuel Medeiros. *Sexo, tristeza e flores*. p.25



plena consciência de estar lançado num mundo sem deuses. Em síntese: a tragédia prometeica do Homem, não a tragédia particular de cada um.

Vitorino Nemésio para os Açores; Nino Muccioli e Vincenzo Mascaro para a Sicília; Gigi Dessì e Salvatore Pintore para a Sardenha são poetas da insularidade de suas páginas pátrias cercadas de água por todos os lados.

Mas nenhuma dessas ilhas ou desses autores serve de modelo para Emanuel Medeiros Vieira.

Ao tornar o Desterro ( ou ilha de Santa Catarina ) como razão e ofício do seu ato de escrever, o autor catarinense abre uma nova dimensão para a Literatura Brasileira: mesmo em um grande continente há espaço para sentir e criar esteticamente o tema universal da insularidade

**IN(CONCLUSÃO)**

Na procura dos personagens de Emanuel Medeiros Vieira se consegue descobrir a exigência metafísica da unidade e a impossibilidade de alcançar a realização de um universo de substituição. Equivale dizer que esta procura é fabricante de universos, onde o escritor, por sua conta, refaz o mundo que não deixa de ser uma exigência estética. É através da Literatura que o Autor contesta o real, mas não o furta. Então a contradição é esta: o Homem recusa o mundo tal como ele é, sem aceitar ou eximir-se a esse mundo. Efetivamente, o homem gosta do mundo e não quer abandoná-lo. Muito pelo contrário, sofre por não poder possuí-lo, estranho cidadão do mundo que é, exilado em sua própria pátria.

O escritor procura fazer da sua vida - ao escrever - uma obra de arte. Deseja que o amor perdure embora saiba que isto não acontece; e mesmo que perdurasse, seria ainda um amor imperfeito. Essa insaciável necessidade de subsistir dá uma compreensão melhor do sofrimento terreno. Se fosse eterno, isto, ao menos, consistiria um destino.

O Narrador está sempre à procura de uma palavra, de um gesto que fará a história completa, a unidade, a síntese - o *Grande Romance* - porque nele o personagem vai até o fim do seu destino - feito à medida de cada um para triunfar, provisoriamente, sobre Morte.

Emanuel Medeiros Vieira utiliza uma linguagem insistente a fim de não adensar a mentira universal e de apostar, perante a Dor, na Felicidade, mesmo que efêmera. Reafirma, nós existimos, *sozinhos*, mas suportamos com dignidade nossa solidão, porque estamos possuídos pela vontade secular de sacudir a submissão.

O referente claro, e muitas vezes banal, longe de constituir um único e verdadeiro tema da obra, seria um simples ponto de partida para que a obra, ao se realizar, pouco a pouco, definia seu verdadeiro tema: a Insularidade. São importantes as lembranças da Infância e da Adolescência. Porém, muito mais importante que isto, é o papel que representa a Obra, que lhe permite falar, enquanto, aparentemente, da infância e da adolescência, de seu próprio devir como obra.

O Tema aparece, se desenha, se configura à medida em que a Obra se faz, fruto da linguagem poética e marcado pela sua ambiguidade fundamental. O tema central é o que se depreende, pouco a pouco, da experiência da Escritura. A luta travada com a Linguagem é, ao mesmo tempo, luta da Palavra contra o Silêncio e a Solidão.

A razão analítica de Emanuel Medeiros Vieira não corta as raízes da Vida. A felicidade não ocupa grande lugar no seu mundo fictício, mas nele a *Vida* conserva, ainda, certa dignidade.

## **ANEXOS**

## **I - CONTOS PUBLICADOS SOMENTE EM JORNAIS**

## AS TRINTA CRIANÇAS DE AURORA

*Naquela noite ela sonhara um sonho curioso. Acordara, extasiando-se com o vento que entrara numa fresta da janela, o sonho entrando pela porta, pelos ouvidos, “que sonho”, esperando a hora em que veria as crianças na escola, “hoje vamos viajar pelos rios, rio que não acaba nunca, fazer as contas de somar, corrigir os deveres, quem não havia feito os deveres?”*

*Acordara. Pegara num segundo aquela mecha de cabelos negros nas mãos, até que eram bonitos, abrira a torneira, a escova presa entre os dentes, “tudo como sempre”, onde estaria o pente? As mãos estavam um pouco descarnadas, sem agilidade. Olhara o espelho e vira um pequeno rosto, fios de cabelos nos lábios, os olhos de um azul embaciado, boniteza morena.*

*Aurora virou-se contra o espelho, riu, um riso escondido de sonho. Um minuto. De repente, num segundo, suas faces se contraíram, mirou-se de novo no espelho enferrujado, teve medo do sonho, medo que entrou escondido, sem licença, rápido, viu que estava completamente só, no quarto.*

*O sonho entrou no quarto, Chico Preto, negro, forte, velho mineiro analfabeto, cego do olho esquerdo, “que apelido”, Chico Preto estava ao seu lado. Os pés estendidos fora da cama, reluzindo num suor insistente, os ombros enviezados, abraçando-lhe, tomando a virgindade de suas mãos, agarrando o corpo, Chico Preto agora em cima dela, a camisa rasgada, beijando-lhe os seios. Num segundo, o suor de Chico Preto, cego de um olho, passou para a sua garganta, fechando o sonho nas entranhas, abriu a janela, medo.*

*Invadiu-lhe um repentino suor frio. Olhou da janela. Lá embaixo, o que era aquilo? Nem era cidade. Uma vilinha, a igreja, uma capelinha tímida, as minas de carvão e pedra, barulhentas e enfumaçadas, as barracas dos mineiros em fila, a escola, apenas uma sala, de Aurora, a professora. Lá em cima, os dois montes esmagando o povoado, agonizante, a cruz, aquela enorme pedra que, se desabasse, cortante e fria, destruiria num só golpe, Paraíso.*

*Paraíso. De onde vinha esse nome? Ninguém sabia. Nada mais. Às vezes o carvão esfarelava-se, embaciava o ar, inundava-o com sua sujeira, o carvão cortando o ar, asfixiando, as máquinas envelhecidas furando o chão. Aurora esfrega os olhos pensando libertar-se do sonho. Contrai-se mais, endurecida, os fios de cabelos escorregando pela testa e pelos lábios, pega a toalha na cadeira, enxuga o suor, ainda nem havia sol. Senta-se encolhida, asfixiando-se, a virgindade pesa, deita, o suor cortante do espelho ainda na sua frente.*

*A virgindade sobe-desce, dói a barriga, sente-se velha, o corpo está grande demais, atira o lenço no chão.*

*No quarto: a bacia, o crucifixo, a torneira pingando cansadamente, cadernos de aula, quatro livros não tocados. Deitada de costas, sente a primeira, a segunda ruga no canto da boca, já fazia sete anos que estava lá e Paraíso ainda era Paraíso, das minas incansáveis, da escolinha abandonada, balançando na correria das crianças.*

*Olhou-se, olhando os braços, os olhos negros pareciam ainda mais enviezados, pensou, “estou velha”, a velhice subiu as escadas, até o sótão. Sete anos violentada pelo negrume constante do ar. O suor frio perpassou a camisola, até o estômago, um vácuo enorme, “estou engordando”, dormindo sozinha naquela cama de cedro, nesse momento a virgindade voltou, esfriava a barriga. As trinta crianças.*

*O quarto parecia diminuir, irritou-se com o pote de água fresca, o quarto dançava no seu corpo, ela vê tudo rodando, não adiantava enxugar o suor, ele voltava.*



*Sentiu que a ponta da unha entrava como uma faca afiada no ventre, embaixo a insuportável poeira, maldito sonho, Chico Preto cantando, mais corcunda, carregando o saco de pedras nas costas, as crianças tropeçando nos degraus da sala.*

*Levanta-se, veste-se com os olhos fechados, o sangue coagula-se. Aurora joga os cabelos na bacia. Quer sentir-se úmida, o teto parece que desaba, imagina que um braço agarra novamente seu corpo, “ia morrer meu Deus, pra que morrer?”. O pó das minas enegrecera o céu. Uma repentina felicidade invade Aurora: ia rever, “quatro horas de felicidade e amor”, suas trinta crianças, o cabelo loiro de Alcides, “hoje vamos...”, o filho do Chico Preto, com aquela boca melancólica sempre aberta. Os pés pareciam livres, atrás dos eucaliptos os mineiros sopravam canecões de café, um pão endurecido nas mãos, a barba de dias, ainda mais negra pelo carvão.*

*Aurora apressa os passos, quase corria, esperando ansiosa as crianças para beijá-las, escondia-se naqueles ombros pequenos. Mas seus olhos já não viam pureza nas crianças. Os ombros das crianças aumentavam e opressivamente ficavam negros, já eram mineiros embrutecidos, sem tempo para o café e as trinta crianças subiam e desciam no elevador que ia até a fundura das minas.*

*“Hoje vamos...”, sempre aquele hoje vamos, a aula começara, as crianças descalças silenciavam, “mostrar aqueles rios sem fim que levam a gente longe”.*

*“Até onde professora?” “Até o fim do mundo”, até as grandes cidades. E abriu o enorme mapa pregado no quadro negro. Boquiabertas as crianças viram o lápis da professora subir e descer até as serras mais abandonadas, rios e depois, o sonho ainda dentro da garganta, falava nos heróis imortalizados em estátuas, “pra que estátuas professoras?”.*

*Esquece o sonho. Mas quando o relógio sonolento da igreja deu o último gongo do meio dia, a aula terminara, uma espada parecia enterrar-se em seu peito, estava só, as crianças corriam, “até amanhã professora”, Aurora estava só, “porque aquele sonho?”, a tarde ia ser demasiadamente maior e à noite escutaria todas as badaladas da*

igreja. Não ouviu um zumbido na sala, mas longe, lento, um estrondo contínuo do elevador que batia no chão. Num olhar imenso, Aurora fixa as paredes da sala, o mapa aberto, rios que levam “às grandes cidades”, “que rio é aquele professora?”. As crianças foram embora.

Um pedaço de seu corpo também fugiu. Aurora saiu, último olhar para a sala vazia, viu os mineiros cansados com pratos de alumínio, esperando na fila da sopa, esperando o almoço como esperavam a tuberculose.

Teve medo do sonho e do quarto onde estava escondido o sonho, jogou-se na cama desarrumada, um estalido fino, soluçou, lembrou-se de que era professora, aquela mesma professora que beijava os alunos no último dia de aula. Não almoçara. A tarde contra o sol. Mulher: a palavra atravessou o quarto. A pele fervia cada vez mais. Imaginava que sentia naquela tarde as mesmas dores que as mulheres sentem durante o parto. “As mulheres”. Suponho que elas mordiam o travesseiro para sentir ainda mais as dores do parto, se abrisse os olhos veria a seu lado o recém-nascido, chorando também.

*Triste vida de mulher-professora.*

Ao seu lado, o travesseiro úmido pelas mordidas, nem uma brisa, uma tarde como todas as tardes. Seus vinte e seis anos espetavam-na como uma agulha, como um enjôo de navio balançando e todo aquele peso parecia dois corpos num só corpo, esse peso que começara naquela noite, em que olhou para trás e para frente e viu-se completamente.

Aurora, a professora. As duas rugas eram correntes monstruosas, no canto da boca, nos lábios, o sonho era uma realidade. Levantou-se novamente, o espelho ácido, um gosto de sal na boca. Sentia a cruz de seu amanhã, a realidade palpável de quatro horas de aula, de noites intermináveis.

*Aurora professora estava morta.*

O mundo rodopiava, era uma bola de fogo que ia se incendiar, já via suas trinta crianças sem futuro, tuberculosas nas minas, ela os ensinava a ler e eles esperavam os dezoito anos para enterrarem-se no inferno das minas.

A velha Aurora morrera. Estava só. Em pé. Rodou-lhe o passado. Poderia arrancar a folhinha da parede, os dias eram os mesmos, sentia que já os tinha vivido ontem, jogando a cabeça na bacia para lavar o rosto, passando o pente no cabelo, os mineiros com as canecas de café, o “bom dia” dos mineiros, até as vezes pareciam esfaceladas como as pedras cortadas nas minas.

E sempre olhava os mineiros com seus fardos nas costas, Chico Preto cantando, “lá vai ela embora e eu tão só”.

Aurora emudeceu os lábios. Faziam sete anos. Novamente o espelho. Sim, haviam rugas, mas o cabelo era ainda escorregadio, os olhos não estavam vazios, eram bonitos. Mas Aurora sente-se culpada, semi-morta. De novo as imagens sangrando seus lábios, ela, os mineiros, as crianças, Padre Francisco, viu o engenheiro das minas que vinha lustroso no primeiro sábado do mês, baixinho, gordinho, o rosto gorduroso, dando um bom dia cerimonioso para os mineiros, gravata e óculos, o automóvel reluzindo, levantando poeira, fazendo os mineiros tossir sem vontade.

Lá fora entardecia. Aurora olhou o entardecer, os olhos santos subiam até o fim do horizonte encarnado, as nuvens pareciam monstros mal desenhados.

As faces estavam pálidas e envernizadas, a tontura dançante não parava, a tarde desfalecendo em seus braços colocados no parapeito da janela...O sonho na bacia do banheiro, em seus pés, na tarde desfalecida, no olhar triste das trinta crianças. Já nem corriam as crianças, estavam curvadas, mortas, o cemitério ficava logo atrás da Igreja.

Teve pena de seu nome, de ser mulher e professora. Quase noite. O espaço aumentava como um binóculo embaciado, em cima a cruz, as duas montanhas e a

*pedra inerte, repousando. A esperança suave. Se a pedra lisa desabasse no meio da noite, daquela noite, destruiria o povoado, nem haveria gritos, matando os mineiros mais rápido que a tuberculose. Extasiada, Aurora olhava a pedra, esperando que ele furasse até o íntimo o automóvel reluzente do engenheiro, ele e seu automóvel reluzente, um estrondo, um montão de ferros, estilhaços de óculos quebrados, o colarinho revirado acusando sua voz macia.*

*Paraíso seria um cemitério definitivo, não mais teria mineiros mortos sem sepultura. A pedra faria ranger num furor iconoclasta, a madeira da sala de aula, nem um barraco em pé, esmagando para sempre as máquinas enterradas na profundezas das minas.*

*Vã esperança. Aurora odiou a pedra parada, correu, a cabeça baixa, o estômago descendo agoniado pela janela.. Aurora vomitou seguidamente, os alimentos pareciam pedaços de pus e sangue irrompidos violentamente do estômago e as mãos trêmulas já não puderam acariciar os cabelos, mas em cada pedaço de pus, ferro, cimento, sangue, ódio que tirava do estômago. Aurora tornava-se mulher.*

*Correu para o banheiro, os pingos batiam de leve.. Queria começar de novo, com vinte e seis anos, destruir o verniz, viver, recuperar sua condição de mulher. Era pura. Sorriu e o pente deslizou no cabelo: era mulher.*

*Amanheceu. Mas era tarde. Todos os mineiros em fila, silenciosos (as máquinas pararam) olhavam o corpo de Chico Preto esmagado pelo elevador. Morto. Já não suava e seu corpo não brilhava no negrume do carvão, estava apagado para sempre. Todos os mineiros, mais marcados fixavam o amigo morto, destruído pela máquina que fizera andar. Chico Preto não quis morrer como seus antepassados anônimos, numa tuberculose lenta e sem gritos. Aurora correria pressentindo a tragédia.*

*“Coitado do Chico Preto” e o velho mineiro tirava o boné em homenagem ao amigo morto e todos o acompanharam. Aurora não sabendo porque, viu-se criança, de tranças e essa imagem confundia-se com a do engenheiro.*

*“Coitado do Chico Preto”.*

*Quando sua cabeça foi tapada com terra e carvão sujo, as máquinas começaram dançando novamente, um estrondo de ferros tintilando sem parar.*

*A aula ia começar. “Hoje vamos”, o mapa aberto, novos rios, os deveres, “quem não os havia feito”.*

*Batera a sineta. As trinta crianças correram, não, não eram trinta, eram dezenove, quinze, umas estavam cansadas, outras morreram, para que ir às aulas? Não era preciso saber ler para trabalhar nas minas, alegres as crianças correram, “professora, professora”.*

*“Hoje vamos...”, as crianças silenciaram, o sol fervia os vitrais da Igreja do Padre Francisco.*

**IN: Caderno de Sábado, “Correio do Povo”.**

20\04\70. Promovido pelo Diretório Central de Estudantes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1966.

## DOCUMENTO DA MADRUGADA

*Para Cida e Odélia*

*O mínimo som tinha um sussurro. Tanto frêmito. Alucinação. O retrato na parede ia engulir-lo. Aumentava. O quarto em agonia. Alucinação. O quarto atormentado pelo retrato que caminhava subindo na cama, fazendo escurecer seus olhos.*

*Esse retrato tão gasto.*

*Um grito, ninguém ouvia, agora apenas um débil sussurro, outro, a morte, o nada, as dores incubadas desde o nascimento.*

*Alucinação.*

*Sangue. Um trem na madrugada. Amanhã trabalho, oito horas, os mesmos gestos. A madrugada paralizara o tempo? O escuro engolfava tudo, o trabalho, o quarto, oito horas. Nenhum sussurro. Estás sozinho. Tremes. A luz foi apagada. Não ousas chorar. Morto. Um latido ao longe. Numa noite. Agora nem um latido. O suor é seco o coração arde.*

*Deitado estás e nada ouves. Nem teu corpo. Nem o automóvel ao longe. Nem a memória, a mulher, o pai no esquife, o projeto esquecido. Loucura lucidez. O comprimido no vidro aberto. O conto por escrever. Ele já fora iniciado: "Hoje o dia amanhecia com uma luz densa. Hoje o dia amanhecera com uma luz. Uma luz".*

*O tremor nas carnes, nas garras, no peito. Hoje amanhecera...*

*As mãos já não escrevem. Recusam-se as palavras. Mãos mortas. O sangue escorrendo. A madrugada sem relógio. Cinzeiro e ânsia, resignados. Tudo precipitado na mesma madrugada, o olhar resplandesciente, fechado, o retrato, a vida, finalmente revelada, os amigos estão a dormir, as crianças te espiam, és caveira corroída,*

*mas ainda não estás perdido. O corpo arde, o conto não escrito ficara numa frase: “Hoje amanheceria”. Amanhã também amanhecerá.*

*Todos os dias amanhecerão, eu também amanhecerei, sorridente, apodrecido.*

*Espera, estás novamente morto, como um câncer, uma desistência.*

*Ninguém te responde ou tocou tuas faces nesta madrugada, suor e sangue, sobes nas paredes, os dedos rangem, as unhas crescidas, tua mãe já dormiu há anos, ela te esperava. Tudo por fazer, o conto, a mulher, a vida, o comprimido por tomar, a palavra por gerar, a madrugada já não é tua, estas tão só como a parede, o cigarro alumia teus lábios, estás morno e tépido.*

*Alucinação. Um soco. Um gesto. O derramar de lágrimas que não vem. Estás seco e pensas que amanhã será melhor porque será outro dia. Pensavas assim na infância. Esquece na noite as outras paixões, as paixões que te fizeram gente e bicho, o sorriso, a viagem, o livro, o sangue de teus irmãos, a lama. Espera mais um minuto. Talvez descubras.*

*No canto da memória. Um cigarro. A caixa de fósforos. Olha teu rosto no espelho. Não tenhas medo. A madrugada sobe no quarto como um balão.*

*As roupas que usaste não mais te servem. O banho não te remoçou.*

*Velho, árduo, desistente.*

*O comprimido nos lábios. Tudo acertado.*

*Mas chega um momento em que dizemos não. Não.*

*Uma esponja em todo o corpo.*

*Vamos levanta-te. Anda, disse: levanta-te. Obedece. Caminha. Mas não saias do quarto porque já é noite.*

**IN:** Caderno de Cultura, “**Zero Hora**”, Porto Alegre,  
02\05\70, 14\03\70 e 14\06\70.



## EVOCACÃO DA MORTE

*Três meses. Anuncia-se a morte. Estou explodindo. Arranco do coração escassos verdes, tento escorrê-los. As mãos tremem, os dias se escoam (como conchas, areias, peixes, mares). Eu estou indo e por isso reparto - assim fico. Não sei se sou hoje ou sou o ontem. Que restem ternuras, apelos, posses, soluços. Estou partindo. Partindo - que fique algo - e se não ficar?*

*E se não ficar? Colo lábios no papel, sangue. Foram tantos projetos. E foram-se. Árduo o ofício. Ali: numa quarta-feira, eu me banho de sol. Tinha uma igreja, uma praça, velhos dormindo nos bancos. E crianças se perguntando - indagando, se aquilo seria perene. Balanços, pandorgas, sorrisos, crianças com roupas de marinheiro. Debruço-me no sol. Tinha um peito carregado (colégios, padres, corredores, escuros, mares, mães, padrinhos, velórios, rodas-gigantes, nascimentos, pandorgas). No braço, agora, marcas de injeções que o médico receitara. Antes eu tinha tudo. O sol. E também tinha a carência, essa vontade de expansão, de ser mil, ressuscitar, morrer, apalpar mares e consolar os aflitos. De ser anjo. E um pouco de santo para abrandar vossas dores.*

*A praça possuía bancos enferrujados, como os bancos de uma cidade grande, passantes, ruídos, bares, colegiais. E eu -almoços, doídos em lanchonetes onde voavam moscas. Estava na praça. Só restava olhar. Olhar. Olhar sempre. Até que os olhos, exaustos, caíssem. As mãos, aos poucos, deixavam de tremer. Ainda estava encravado em mim os restos daquele sol de primavera. Eu que antes, queria partir sempre, estava partindo agora. E ontem também - para sempre.*

*Tinha afetos e ternuras. Três meses. Anuncia-se a morte. Tinha a receita dos médicos na mão. Vinte e cinco anos. Anuncia-se a morte: nos automóveis, nas*

*sinaleiras, guardas, multidões, bebidas. Apalpei de olhos fechados a receita e coloquei-a no peito. A receita pretendia prolongar o campo de ação do meu amor ao sol. Eu era impotente para liquidar aquelas chapas pretas e radiografias.*

*Estava à morte. Deram-me três meses. Então eu digo até os próximos três meses, até lá eu vou dizer sempre. Até que o último momento se escoar. Escoar - partido ao meio - partido já quando pensava ser eterno. Soluços no ar: de ladrões, suicidas, amantes desesperados, palhaços. Remédios, informações, casamentos. (Ah, Miriam, aquele teu véu branco, naquela tarde ensolarada de maio... Lembras-te? Foi em Porto Alegre. Nenen ainda havia. Agora, eu quero que tu saibas: estás bem perto do meu peito.)*

*Agora outros vão sendo. No final todos partem. Também num dia frio de julho, numa estrada qualquer senti o cemitério, pequeno, de aldeia. Imobilizei-o com o meu olhar. De que cruzeiros (dóres) eram aqueles pedaços de terra com nomes vagos?*

*Estou à morte. Tenho essa mansarda, um maço de cigarros semivazio, um papel amarrotado, luz pálida. Tenho esse papel que poderia prolongar em outros papéis - outras páginas - dez, cem - até as mãos banharem-se de sangue de tanto armarem palavras vãs até o finado minuto. O anjo está enfermo. Sento na praça. Prolongo-me - gerar, gritar, soltar pandorgas, plantar sementes, visitar seres amados, tomar o café da tarde como nos tempos de Florianópolis, andar de trem, repartir a vida da infância e do homem adulto com todas as suas infâmias. Escrever cartas, a letra indo devagar, com cuidado apontar os nomes amados, acender outros cigarros, bolas de sabão. Ainda mais: sujar, vivificar. Porque são poucos os dias - disso não posso me esquecer. Preparar o testamento - para alguém os banhos de mar, para todos o sol e a semente de Florianópolis, terra amada, Ilha de Santa Catarina. Para Tânia, sementes também e crisântemos. Carambolas e jaboticabas, a praia de Bom Abrigo para Símon, Janga, Tarcísio, Lourdes. Para um transeunte, os cabelos de Tânia. Para a minha memória, um quarto cheio de presságios.*

*Ainda, ainda: para todos os lírios quebrados, o tempo perdido. E esses ofícios não cumpridos. As palavras, essas, para os corações desarmados que nos seus quartos estão deitados e pensativos. Ingenuamente, porque estão no escuro pensam que estão sozinhos. Mesmo que julgue que nada ficou, o soluço se adere ao vento. Ou um olhar feito ao léu, lágrimas espalhadas no escuro, que se prolongam - estendem-se - para os lençóis, cobertas - e estendem-se mais - para o chão, quadros, janelas, utensílios.*

*E mais ainda: para a rua, gentes, edifícios. Escorrendo subirão de encontro às nuvens pardas. Tenho três meses para cumprir-me e tenho esta praça e este sol de primavera. Para a minha verdade, tenho uma radiografia pessoal.*

*Colarei no sangue esses gritos estancados na noite. E para que tanto? Se é inútil e frágil essa vontade de ser eterno? Agora levanto-me. Anteciparei com todos esses comprimidos brancos essa morte de três meses.*

*E por que não? As coisas já foram revisitadas. Valeria à pena esperar tanto?*

*(São Paulo, primavera de 1970)*

**IN:** Caderno de Cultura, “Zero Hora”, Porto Alegre, 21\11\70.

**IN:** Caderno de Sábado, “Correio do Povo”, Porto Alegre, 19\06\71.

## MEMÓRIA

*Que os dedais, máquinas de costura, essa vó octogenária chorando o finado marido, retrato na mão, não se esqueçam...folhagens, álbuns, escadas, ( a tia na solteirona lê, à luz de vela, com voz seca, num livro amarelecido a árvore genealógica da família), filtros antigos, restos de pés mortos no chão. “São quinhentos anos de família”, diz a tia solteirona e Wagner soa no gramofone, ainda a voz escura.*

*A vó viúva tosse, acaricia remédios, os seus e do marido morto.. Arteriosclerose, foi o diagnóstico. Eu sei que os passos do finado rondam as escadas, olhando as janelas quebradas e os ventos hostis, terraços vazios e mais escadas e subidas e sótãos.*

*A outra tia pega na minha mão e chora debruçada em mim. São garras que se prendem, soltando apelos - apenas sussurros, preces bíblicas, lenços amarrotados, rosários , cânceres.*

*Ela toca na mão- sou eu, o filho pródigo, o outro, o que vem do sol e da rua. Venho penetrar a densa neblina desses mil quartos e dessa herança inútil. Ele sabe: tem no peito aquele peso e pretende o sol. Ele tem atrás de si não apenas folhagens, mortos, pianos, baús, cristais, álbuns, mãos curtidas que dêem - mas quinhentos anos enterrados no coração - aquela escuridão de quinhentos anos.*

*São pênis estancados, sangue desinteressados, ele sabe a história e as infâmias daqueles fantasmas.*

*Sete gatos gemem nesta madrugada.*

*Eu estou só, na volta, o filho pródigo, olhando a noite no terraço, pés estendidos, fumando. "Coronel Manoel Maria- Alfêres", hoje nome de rua, diz a tia solteira e continua a leitura. O bigode do finado é esmaecido, quem vive apenas morre, depois a viúva arranca dos armários outros livros de lembranças ( incestos, crimes, casamentos condenados, filhos bastardos) cadernos de sonetos tristes. Incestos nas frestas dos quartos e outras tias que cochilam. Levanta-se, o filho, e senta na cadeira de balanço. Ele sabe o inútil dessa herança que quer forjar o seu destino e jogam-lhe na cara lembranças, queixas , ingratidões. O filho está fora, fugindo e pisam os seus passos, sente a força daquela herança, imanente no seu hoje. É um peso de quinhentos anos. Mas na manhã ele se acorda com o sol, alheio aquilo tudo. Se acorda com nostalgia de sóis, amores perdidos, primaveras mortas, Marias, luzes e mais amores perdidos, mares frutos não feitos, da vida que se escoia, urgente.*

*Vê o seu saldo: é pouco. Vê a saída, o portão, a fumaça do cigarro, o varandão, encaminha-se para fora, deixando lá dentro tias dementes, suicidas, também um tempo falido. Gritam , gemem, tentam prendê-lo. Mas ele dá o seu salto.*

*( Santos - Imbaré -primavera de 1970)*

**IN:** Caderno de Cultura, **"Zero Hora"**, Porto Alegre,

05\12\70.

## IVAN

*(Para Tarcísio)*

*Um velho cemitério. Fim de tarde. Os eucaliptos dormem. Na estrada ninguém. Os eucaliptos cobrem lápides, um vagaroso silêncio. Caminho por folhas caídas, flores amarelas de árvores hibernais. Algumas sepulturas são refinadas e nobres: enormes figuras de santos, mármore finos. Cruzes, santos, epitáfios vulgares. Não há ninguém. Os eucaliptos dormem.*

*Segunda-feira, fim de tarde. Eu dissera ao amigo: virei te visitar sempre nas primeiras segundas-feiras do mês. No fim de tarde. Era a sétima vez. Na segunda e terceira choveu e o sapato ficou cheio de água, lama e restos de flores amarelas. Tossi à noite, os cabelos molhados.*

*Primeira segunda-feira do mês. Domingo e segunda são dias tristes. Primeira segunda-feira do mês. Sempre Ivan. Por que não ir? Pego o ônibus de Itacorubi. Gente pobre. As lavadeiras tomam quase todos os assentos ( no Itacorubi, onde fica o cemitério e na trindade moram a maior parte das lavadeiras) com grandes trouxas nas costas e não param de falar.*

*Eu não escutava. Tudo dorme e a cidade fenecia nos meus braços. Triste. Ivan. Primeira segunda -feira do mês. Ivan era meu amigo. No enterro segurei a alça do caixão e abracei sua mãe e seu pai. Chovia. A mãe me pegou pelo braço e disse:*

*“Guilherme. Um amigo. Um verdadeiro amigo”. Chorou abraçada em mim. Todas as mães choram, as mães foram feitas para chorar.*

*“Por que morreu? Só vinte e dois anos”. Olhava de relance o caixão aberto, envolto em flores. O que é a morte, Guilherme? Não havia muita gente, a vida de Ivan tinha sido discreta, sem burburinho, quase anônima. Poucos amigos. Gostava de mim. O que é a morte, perguntara a mãe e toquei nos seus cabelos grisalhos e os parentes diziam, “meus pêsames”. Estava o irmão, a irmã, o pai, a mãe, a madrinha, o professor de História, Ivan cursava o terceiro científico no colégio jesuíta, parara três anos por doença.*

*Ivan amava o mar, também no fim de tarde. Falava pouco, no rosto um sorriso triste e vago. Jovem, tinha olhos verdes, longos cabelos. Franzino. Caminhávamos, silenciosos à beira do mar, das praias desertas, pelas pedras, catando conchas, andando de bicicleta, colhendo pitangas, goiabas e jaboticabas. De bicicleta vencíamos longos trajetos, até a Praia do Forte, Canasvieiras, Ingleses. Molhávamo-nos no mar. As praias sempre desertas, o silêncio e as longas ondas.*

*Comíamos frutas e catávamos a areia fina. Pássaros passavam rentes à água. Ivan sorria triste. O que é a morte, perguntara a mãe, eu olhando seus cabelos grisalhos. Ivan era um rapaz doente. Eu seu único amigo. Fôra emagrecendo, definhando aos poucos, como uma folha. Emagrecendo, o rosto ficando vazio, os ossos saltavam à pele e quando sorria seu sorriso triste os ossos apareciam ainda mais. E já falava com muita dificuldade, como um passarinho moribundo. Voz rouca. Os passeios foram se escasseando. Ele se cansava logo. Quem era Ivan? Vale a vida?*

*Foi a São Paulo se operar. A família modesta teve de vender a casa e terrenos. E Ivan definhando. E morreu com seu sorriso triste. A mãe disse: “perdi a alegria de viver”. Ivan, cinzas. Decerto previu a morte e quis me ver. Olhou para mim, tentou o último alento para colher goiabas, jaboticabas, conchas. Que tal, Ivan, um último mergulho? Um pouco de sol. Foi à tarde. Peguei na sua mão, já não falava. Um pouco antes dissera: morrer?*

*Sim. Primeira segunda-feira. Não há mais jaboticabas ou conchas para colher para Ivan. Acendo um cigarro, olho o teto, as cinzas, o cigarro, o crucifixo. Vale a vida?*

*Algo feneceu, no cemitério ninguém. Os eucaliptos dormem. Primeira segunda-feira do mês. Domingo e segunda, dias tristes. Prometera conversar em voz alta, levando conchas.*

*Seu último sorriso triste, o ônibus com lavadeiras conversando alto.*

**IN:** Caderno de Sábado, “**Correio do Povo**”, Porto Alegre, 31\01\70.



## UM TRIÂNGULO AMOROSO

### (OU “UMA REVALORIZAÇÃO DO FOLHETIM”)

*“A polícia encontrou-os em decúbito dorsal”.*

*Era uma vez Marina ( para os íntimos, Má): dançarina de café-concerto, cantora de tango, companheira de estivadores nas docas de Santos. No fundo ela amava Giba. Giba: galã de subúrbio, para muitos o Rei da Boca, fazendo pose para fotógrafos ambulantes da Praça da República. Colete, gravata vermelha, lençinho cor-de-rosa no bolso do paletó, longos bigodes, revólver de cano longo.*

*Marina dizia-se protegida por São Jorge. No seu quarto coberto por tapetes vermelhos, retratos de Carlos Gardel, recortes de fotonovelas. Supunha-se que ela fosse uma sentimental, bizarramente vestida; no pescoço colares vagabundos.*

*Para muitos, Giba era o rei mais temido daquelas bandas. “Minha paixão”, dizia para Marina. Eis, que mais tarde notívagos da Boca viram Má, “a princesa do lodo”, na definição de Canavarro, o poeta da Boca, abraçada com mocinho de cara triste que vivia tossindo, já tuberculoso, magro e tenso. Quando Giba viu o esquálido jovem ( sem saber de nada) pela primeira vez deu uma baforada no charuto e advertiu: “cuidado magrão, com a tuberculose galopante”. Névoas de fumaça naquela madrugada, iluminada pela voz de Gardel no gramofone. “Viva o tango”, berrava Giba, “hoje quem paga sou eu”.*

*Naquela época o rapaz doente bebia sozinho, olhando disfarçadamente para Má, abraçada por Giba. Quem tocava em Má, com Giba perto?*

*“Só um insano, um suicida”, dizia com voz cavernosa o judeu, dono do bar. Depois das cantorias no café-concerto ela ia ( cheirando um tanto mal, diga-se a bem da verdade para o bar do judeu beber Pitu, cerveja e tomar canja). Ia pelas duas da madrugada. Vestidos longos com muitas cores, esbarrando nas mesas, rindo para todos. Giba se levantava e um corria em direção ao outro. O adolescente a tudo assistia, tossindo.*

*Giba viajou. O esquálido jovem esperou Má na porta do bar. Era no dia seguinte. Ele já estava rouco de tanto cigarro e a cana deixava-lhe a cuca solta. Ela apareceu. Correu para Má e disse de chofre: “eu te amo, Marina, rainha dos nossos corações”. Foram tomar canja, ela surpreendida com o palavreado estranho do guri, “fala bonito esse menino, é um poeta”. Má, terna, passou as mãos no rosto de Pietro ( era esse o seu nome), ela sorvendo a sopa com chupadas fundas que ressoavam em todo o bar e palitando os dentes de maneira ostensiva. Durante dez dias Pietro morou com Má. Ela falava: “Giba, o bruto, não vai gostar, cuidado, ele te mata e me mata... mas eu amo ele, ah, é o meu Gardel”.*

*Má,: analfabeta, melosa, gorducha. Giba dissera: “eu te amo, eu te amo loucamente, se te vir com um homem te mato e me mato”. Não ficou claro se mataria o rival também. Era a esperança de Pietro, pobre menino romântico. No fundo ele tinha o sonho de desbancar Giba e se torna o rei da Boca. “Sonho vão”, setenciava Canavarro, o poeta.*

*Impudicos, Má e Pietro já se beijavam em frente de todos, no bar do judeu. Giba ainda não voltara. Todos profetizavam um próximo e terrível mar de sangue, um crime passionai*

*Oitenta por cento da grana de Má parava no paletó de Giba (“um gigolô com dignidade”, como ele se auto definia) e o resto no de Pietro.*

*Marina era feliz. Naturalmente Pietro pegou-a várias vezes na fossa, ah... meu poetinha “a vida não vale nada”, “minha criança, me beija”. O judeu enxugava as lágrimas de Marina com o seu avental sujo e, sentimental, chorava também. O adolescente tísico também a consolava.*

*Daqui há pouco ela já estava rindo, cantando, palitando os dentes, arrotando, “coitadinho, como a minha criança tá branca...ah, que tristeza, não vem mais fitas com a Libertad Lamarque... eu queria casar de véu e grinalda, na igreja. O Giba com o seu terno novo, cheio de perfume, uma rosa no paletó”.*

*Um dia Giba voltou. Contaram para ele. Esperou na esquina, perto do mar, a hora em que Marina voltasse do seu tango diário.*

*Naquele momento, sem saber da chegada do Rei da Boca, Pietro bebia feliz no bar (por incrível que pareça naquela noite ele não estava deprimido), conversando com o judeu e pensando no seu reinado futuro.*

*Depois escutaram-se alguns tiros. Giba atirou duas vezes na amada e matou-se em seguida.*

*Mais tarde a polícia encontrou-os em decúbito dorsal.*

**IN:** Caderno de Sábado, “Correio do Povo”, Porto Alegre, 15\05\71.

## À ESPERA

*Na janela. São dias iguais. Bernadete, como sempre, olha o fim de tarde. Envelhecendo. Sempre o vento sul tocando no cabelo, as mãos no parapeito da janela. Cabelo preso, desgracioso, o vestido de todos os dias.*

*As mãos no parapeito olhando a rua no fim da tarde.*

*Há anos. No sonho o príncipe encantado vinha salvá-la, heróico e belo. A cidadezinha fenecia, feia, sempre igual. A cidade não mais existe, sonha Bernadete. Sopra o vento sul, os pardais pendurados nos postes, os mesmos passantes. E anoitece. E anoitece, devaneia Bernadete, sem a trepidação e a vida de seus romances. Felizes para sempre: colares, jantares, perfumes, vestidos finos.*

*Ela quer casar. À espera do amado, ele não vinha.*

*A janela, as paredes enegrecidas pela chuva, o mesmo vento e os mesmos gestos. A rua. O armazém da esquina, o bêbado que passa sempre, caindo, Chico Barriga D'Água, tocando cantigas tristes com uma caixa de fósforos. Nada acontece, escoia a vida, inútil. O odor de cachaça fere as narinas de Bernadete.*

*As crianças vêm correndo da escola. O pai de serviço. A vizinha também na janela. Um enterro, de vez em quando. O avô doente na cama. Ajuda a mãe, passa, lava, enxuga. E ela lera em algum lugar que a vida era urgente.*

*Chico Barriga D'Água entoa com voz fanha tristes melodias. Também passam soldados. De manhã cedo, o padeiro. Como vai, Bernadete? Até amanhã. Depois vêm as beatas para a missa na capela. Depois a Nelza, a mocinha tola, que caminha ao léu, foge de casa, apanha da mãe, volta, foge.*

*Vem o verdureiro. O sol já apareceu. Vinte e quatro anos. Sozinha. Há muito tempo e escuta novelas no rádio. Mas suas pernas não são como as novelas: o anúncio das primeiras varizes. Diz a mãe: "se eu morrer cuida bem do teu pai". Sempre a morte. Ali todos morreram. A vizinha veio convidá-la para o baile no sábado. Não, Bernadete, não vai. Só vai a missa das seis na Catedral, aos domingos.*

*Varre, passa, enxuga. E a vida vai. Às escondidas, envergonhada, vai preparando o enxoval. Para que?*

*Trata das galinhas, limpa o quintal, molha as folhagens, cata as folhas caídas. O vento batendo sempre no seu rosto. As mãos estão feias, murchas, mãos de matrona, não de donzela. Rosto branco, desinteressada, já não se pinta. Já não crê na vinda do príncipe. Livrá-la da cidade e do cotidiano. Não. Ela ainda sonha. Vem o padeiro, o verdureiro. Outro dia, outros dias, outros anos. Chico Barriga D'Água despoja-a do sonho. A vizinha é asmática. Cochicham que naquela casa pobre perto do morro vivem crianças tuberculosas e a mãe é louca. Uma outra, comentam, trai o marido. O dono do armazém está com câncer, o sacristão com sífilis, a menina tolinha, Nelza, foge de novo de casa. É surrada e não chora mais.*

*E a vida é urgente, lera ela. Não pra Bernadete.*

*Às vezes, um enterro.*

*Outras, um batizado. Na missa do galo Bernadete usou um vestido especial. A ceia com rosto triste passa pela janela e preparada por ela foi farta. Ganhou presentes. Não teve namorado. Aquele soldado olha Bernadete. Ela tem medo e desvia os olhos. Ele passa sempre, buscando o olhar terno que não vem. No fim de tarde os homens*

*vão beber na esquina, depois da Hora da Ave Maria e a Igreja Protestante badala seis vezes.*

*Muitos anos já se foram. Bernadete no parapeito da janela será feliz para todo o sempre. Já não sonha com o príncipe.*

*Sorri, já se habituou, todos se habituam. Só que na rua, agora, os passantes são outros. Chico Barriga D'Água morreu e não mais canta com voz fanha melodias tristes. Nelza foi para o Asilo, o soldado não mais passou, a mãe louca se atirou da ponte. Comenta a vizinha que Bernadete vai ficar solteirona.*

*Ela contempla as galinhas que vão emagrecendo, o quintal ficando sujo. Bernadete já não limpa, nem varre. Da cama, a mãe doente, não sai mais. O pai vai se aposentar.*

*Bernadete olha a rua, os colegiais, o verdureiro, o padeiro. Chico Barriga D'Água não mais canta, Nelza definha num asilo solitário.*

*Ela consegue sorrir. O rosto é triste. À espera de nada mais.*

**IN:** Caderno de Sábado, “Correio do Povo”, Porto Alegre, 18\09\71.

## GUNSTER

*Chapéu quase tampando os olhos. Cigarro apagado no canto da boca. Gangster? Encostou-se na parade. No café-concerto. O tango. Olha o sereno. Com a luva vermelha toca o revólver. Na noite fria automóveis cruzam o asfalto. Gunster. Ele haveria de aparecer. Gunster. Era necessário matar Gunster. O cigarro apagado. A noite, o frio, neblina, São Paulo. Os edifícios boiando na neblina. Na rua transversal, quase em frente ao café-concerto, o Citroen preto.*

*Jaulis. (Viu-se no quarto do hotel, da General Osório, na Boca, a TV ligada. Escutou e com a coronha do revólver, todo o corpo ardendo e triste quebrou-a. Depois os copos, cinzeiros, o rádio portátil). Jaulis ainda não acende o cigarro. Sua esperança é Gunster. Gunster o havia traído. Gunster era a sua admiração, agora o encanto partido. Seus capangas e seus charutos, seus ternos caros, encarnado em outros tempos que não os da TV e dos computadores. Gunster era o rei. Jaulis sentia o peso nos ossos, essa vontade de quebrar tudo. No café, bebiam, gritavam, sorriam. A quadrilha do inimigo, organizada, bebia satisfeita.*

*Jaulis sabia: estava só. Respira, no frio da noite, apenas o revólver, o Citroen, o chapéu enterrado, o cigarro apagado.*

*Três tiros na boca: Kim X morrera. Com um filho enterrado crescido no ventre. O feto se arrebentara, como um cancro. E Kim X: o sangue, o olhar espantado, o grito truncado, sua companheira, Kim X, de olhos verdes, esguia.*

*Jaulis exprimenta o revólver: sente-se ágil para vingar sua companheira e também ele. Agora, o chapéu abaixado. Sua surpresa, o não entendimento. Seu tempo é outro, de luta na rua. Agora o grito, os jornais, a TV, os bares cheios. Espanto. Até sua roupa é bizarra e deslocada para o tempo que vê. Jaulis quer vingar sua companheira Kim X. Acende, agora, o cigarro escondido na boca. Todos diziam, é inútil: Gunster é imortal. Gunster é Deus, criou o mundo e o Demônio. Gunster é anjo, é de ferro.*

*Mas deve morrer. Jaulis olha o café-concerto em frente, à espera de Gunster, observa na parede rostos de Belmondo e Marlon Brando.*

*Atirar, atirar. A boca quebrada de Kim X. Traído. E Gunster sorria. Mais forte que Deus, dele depende o trigo e a esperança. Alivia os aflitos. ( Se Gunster existisse mataria algo concreto, carne e osso, não a TV, os copos, o cinzeiro, o rádio portátil. Gunster era sua justificativa inexistente).*

*Jaulis pensava: "Gunster, eu te espero, eu te amo e a esses teus invencíveis olhos azuis, Gunster, eu te matando isso tudo morrerá, crescerá o campo, a chuva que o alimenta, o sol e a dança, essa felicidade que todos nós perdemos, o vinho molhando nossos lábios, o fim desses tempos e dessas coisas que ninguém entende, a tua morte era o último dia de dor e da tortura, a guerra".*

*No café-concerto ouve-se Piero, "Mi Vieja". A morte de Gunster é o fim da guerra, da tristeza, ninguém mais contemplará despedidas e lenços na estações, viagens inúteis e melancólicas, Kim X renascerá. A morte de Gunster é o epílogo da burocracia, dos apartamentos que oprimem. Kim X, viva, o vestido de bolinhas azuis.*

*Jaulis espera o inimigo que não enxerga, que não existe e está em toda parte. Lembra-se das cartas que não chegaram, os ônibus cheios, amantes tristes, dia de finados, ratos que povoam os esgotos, abortos, prostituição, academias, colégios. Gunster, inútil e imortal. "Há que lutar, Gunster, sou frágil, sou Jaulis, sou toda a cidade triste, estou perdido, espremerei tua burocracia feita de carimbos, teus capangas, teu dinheiro, fóruns, empresários, bolsas de valores. Kim X não há de morrer".*



*O tango do café-concerto sobe no corpo de Jaulis. Anda, retira o revólver da calça, atira três vezes nos anúncios luminosos, nos opalas estacionados, joga longe o chapéu.*

*Entra no café-concerto e atira mais duas vezes. Reserva a última bala para si. Sabe que ressurgirá para que Gunster seja vencido e rasgado o seu ventre sujo e sua precária imortalidade.*

*Que ter matado Kim X foi inútil para Gunster. Ela voltará a viver.*

**IN:** Caderno de Sábado, “**Correio do Povo**”, Porto Alegre, 12\02\72.

## **II - FORTUNA CRÍTICA**

## A EXPIAÇÃO DE JERUZA

*"Os personagens de Emanuel Medeiros Vieira são seres geralmente perseguidos pela selva-metrópole, a que estão inexoravelmente presos. Emanuel domina muito bem o ofício de escritor. Estréia em livro, já maduro. Com uma linguagem elaborada - cortante, violenta, curta - o autor nos mostra os sonhos, as frustrações, as lutas e as revoltas de pessoas esmagadas no mundo das grandes cidades, o clima de pesadelo envolvendo os personagens". (Laury Maciel, "O Estado", Florianópolis, 27/09/72)*

*"O fundamental é que como verdadeiro criador, Emanuel consegue extrapolar seus fantasmas pessoais para uma dimensão maior, a da arte literária. Ele sabe que a ausência de memória equivale ao nada. E é pela memória que ele recupera para ele e para nós, e está aí a verdadeira função da literatura, o mundo perdido, que também é nosso. A figura obsedante de Nenen se transfigura, é o princípio de toda a vida, sua fonte, semente. Os irmãos a quem os personagens escrevem constantemente somos nós mesmos, participantes de uma mesma humanidade". (Rubem Mauro Machado, "O Estado de São Paulo", São Paulo, 10/12/72)*

*"Lendo "A Expição de Jeruza", qualquer um poderá reaver parte de sua grandeza perdida". (Alcides Buss, "Jornal de Letras", Florianópolis, 11/72)*

*"Os temas são sempre os mesmos, constantes rondós em torno do mesmo círculo que se fecha em torno da morte, da ilha abandonada e ansiosamente rebuscada, a família, pais, irmãos, a casa, a viagem e o adeus. Mas o domínio técnico de Emanuel em torno do tema que se propôs é dos mais admiráveis. Ele se arrisca. Como pescador de sua ilha, adentra-se no mar nem sempre quieto". (Antonio Hohlfeldt, "Correio do Povo", Porto Alegre, 25/11/72)*

*"Resumindo tudo, Emanuel é estreante em livro apenas ao nível editorial. É um escritor adulto e formado, hoje projetado nacionalmente".* (Alberto Crusius, "**Correio do Povo**", Porto Alegre, 13/01/73)

*"Fundamentalmente todos os personagens ( ou narradores) do livro viajaram. E viram, em sua viagem, a pluralidade da vida.*

*Já de início, descobriram a inutilidade da própria partida como o personagem de "A Viagem". Ele (Afonso é o seu nome) retorna à terra mãe apenas para não ser reconhecido e partir novamente. Depois parte novamente para chegar a nova estação e partir novamente e assim por diante nestes séculos de Sísifo".* (Flávio Aguiar, "**Minas Gerais**", Minas Gerais, 09/07/73)

*"A Expição de Jeruza" é, na linha do conto moderno, uma das maiores revelações surgidas no Brasil nestes últimos anos. Seu livro traz a marca de um ficcionista autêntico, com visão própria das coisas, imaginação criadora e intuição poética, mostrando, além disso, que dispõe de um material rico de substância humana e pleno de experiências vividas".* (Nereu Corrêa, "**Correio do Povo**", Porto Alegre, 24/02/73)

*"Prezado Emanuel, sinto em teus contos uma vivência profunda e sofrida, de quem muito rolou, correu mundo e submundos, caminhou pelo lodo e não maculou-se, lutou e não corrompeu-se, levou porradas e não se acovardou. Tua linguagem é enxuta e contida, sem derramamentos e isenta de lugar-comum. Em ti o contista explodiu vertical e inteiro, bem dosado no enredo, fluente no jogo semântico e preciso na confecção estrutural da linguagem.*

*"Cirses" é realmente uma obra-prima, "Anunciação da Memória", um poema. A esperança, Emanuel, é uma flor na mesa de todos nós".*

(Cesar Pereira, "**Correio do Povo**", Porto Alegre, 31/03/73).

*"A Expição de Jeruza" revela de maneira aberta suas qualidades de contista".*

(Carlos Drummond de Andrade, Carta ao Autor , 04 /08/73)

*"Emanuel Medeiros Vieira impõe, com "A Expição de Jeruza", seu tipo de Literatura ao País. É um narrador que dispõe de tudo para ir muito longe. Conto como "Conjecturas sobre a Obscura Vida do Cardeal Villa Longa" revela um talento narrativo bem acima da média. Outro bom conto que na sua certeza e enxuteza de meios descritivos fica na memória : "Garopaba meu amor". (Antonio Olinto, "O Globo", São Paulo, 02/01/74)*

*"A Expição de Jeruza" é uma vivência-poema que supera em muito a nossa objetividade cínica e reificada. É a metamorfose em palavras daquele sentimento que dignifica ao máximo o termo vida. Finda a sua leitura, impõe-se a lição do mestre Machado, o eterno alter-ego da consciência do tempo presente: "Alguma coisa escapa ao naufrágio das ilusões". (Antônio Cláudio Nunez, "Correio do Povo", Porto Alegre, 23/10/76)*

## SEXO TRISTEZA E FLORES

*"Os 13 contos do "Sexo, Tristeza e Flores" apresentam uma unidade impressionante. Ele é mais que um livro bem feito. É livro escrito, com amor, por alguém que ama a vida a tal ponto que não lhe esconde as mazelas e as desgraças que insistem em querer destruí-la".* (Celestino Sachet, **"O Estado"**, Florianópolis, 29/10/76)

*"Emanuel Medeiros Vieira faz o depoimento de sua geração sofrida, maltratada, traída, pisada, mas sempre de cabeça erguida, de olhos abertos, de braços firmes para o trabalho, de índole constantemente preparada para a luta. Vários contos são escritos na primeira pessoa. Transfiguração. Exposição. Oferecimento. Holocausto. O leitor, aqui, encontrará Emanuel. E encontrará a si mesmo. E assim se dando, encontrará, por certo, toda a humanidade".* (Antônio Hohlfeldt, **"O Estado"**, Florianópolis, 20/11/76)

*"O homem perplexo diante de um mundo que não reconhece como seu, as rápidas mudanças que destroem valores, a instauração de novas formas de viver diante das quais a literatura vacila tais são as preocupações de Emanuel Medeiros Vieira em seu segundo livro, "Sexo, Tristeza e Flores". O amor, a vida, a morte seriam, em última análise, os grandes motivos do livro. E estas - diz Bergman no prefácio de seu "Face a Face" - são as únicas coisas que importam".* (Maria Lúcia Leitão de Almeida, **"Jornal do Brasil"**, São Paulo, 06/03/77)

*"A literatura de Emanuel Medeiros Vieira não é endereçada a gênios frágeis e delicados. Sua literatura é vigorosa, viril, consciente da problemática do homem de nosso tempo. Estamos diante de um escritor de garra, de pulso, que não compactua".* (Lauro Junkes, **"Jornal de Santa Catarina"**, Florianópolis, 20/03/77)

*"Você é um dionisíaco, você é um instintivo. Seu livro é este duelo com a vida, este corpo a corpo com a humanidade dos homens, de carne, a verdade de cada dia. Você tem muito que nos dar, que nos dizer, com a força da sua vitalidade criadora.*

*Você é um escritor dentro da vida, sensível ao sol e ao sal, aos camarões ... e as dores dos homens. Creia que o admiramos por isso. Pela sua espontânea e ardente fidelidade à vida, dom supremo".* (Antonio Carlos Villaça, **"Jornal de Santa Catarina"**, Florianópolis, 29/05/77)

*"Seu mérito maior é o vínculo estreito com a realidade. Uma história como, por exemplo, "No Mercado", que abre seu segundo livro, está construída com aquele cuidado e detalhe de composição dos figurativistas na época em que não havia fotografia".* (Helio Pólvora, **"Veja"**, São Paulo, 27/04/77)

*"Sofrimento e paixão constituem as notas fundamentais da literatura de Emanuel Medeiros Vieira. Seu incomum domínio da linguagem, principal elemento de seus contos, sua veia poética, sua revolta frente a um mundo que se modifica rapidamente, transformando logo em passado os idéias de juventude, sua violência, tudo isso faz deste "Sexo, Tristeza e Flores" um livro extremamente forte. Doloroso. Vital. Com cheiro de vida, o que é muito importante".* (Caio Fernando Abreu, **"Jornal de Santa Catarina"**, Florianópolis, 19/12/76)

*"Emanuel Medeiros Vieira não é um "contista" a mais. É um verdadeiro escritor. Seus contos, reunidos com o título "Sexo, Tristeza e Flores" são histórias densas, sem mentiras e modismos".* ("**Versus**", sem indicação do autor - 12/76)

*"Sexo, Tristeza e Flores", muito mais do que contos, vestidos em rápidas 79 páginas, apresenta uma unidade impressionante, uma espécie de novela-conto. Contos onde a "visão radical da sociedade de consumo com todos os seus vícios, tabus e mistificações", leva à "desestruturação de um sistema de valores" que eu e você, felizardos*

*integrantes do "beautiful people", insistimos em impor e curtir. "Sexo, Tristeza e Flores" é, também, um livro preocupado com ele próprio, preocupado com Literatura e insistindo em que o fazer literário não é passatempo de chorões desocupados".* (Celestino Sachet, **"A literatura de Santa Catarina"**, Editora Lunardelli, Florianópolis, 1979, pp. 164 -166)

*"Nervosos, marcadamente pontuados por vírgulas e pontos que interrompem a idéia para levarem a atenção do leitor a outros elementos, os textos de Emanuel Medeiros Vieira constituem-se em verdadeiro depoimento de uma determinada geração, massacrada, espezinhada, impedida, proibida, marginalizada violentamente de participação - sobretudo de modificação do "status quo", que a levou a um desafio contínuo mas quase sempre sem futuro em relação ao momento e à realidade. Não obstante, sua literatura guarda a perspectiva humanista, acredita na possibilidade de redenção, e neste sentido constitui-se como utopia, facilmente identificada, por exemplo, no conto "A Execução do Professor", que encerra seu segundo livro".* (Antonio Hohlfeldt, **"Conto brasileiro contemporâneo"**, Mercado Aberto, Porto Alegre, 1981, pp. 131 - 132)



## TEU CORAÇÃO DESPEDAÇADO EM FOLHETINS

*"Não acredito que alguém possa escrever o que quer que seja sem colocar sua ideologia, sua saúde afetiva, seu estar-de-bem-com-o-mundo. E os contos de Emanuel são partes do coração dele. Despedaçados e distribuídos no folhetins que ele publica por absoluta incapacidade de guardar para uso de sua própria gaveta. Pelo absoluto desperdício que seria mantê-los inéditos. Pela clara qualidade (e ele começou a escrever antes que escrever contos fosse moda) que irá fazê-lo ir adiante, superando modismos. Para alegria nossa, que o temos ao alcance da mão, nas livrarias". (Cesar Valente, "Correio do Ceará", Ceará, 17/05/80 e "O Estado do Ceará", Ceará, 07/10/79)*

*"Teu Coração Despedaçado em Folhetins" se constitui de 13 contos comoventes, em que ágil e sutilmente paira uma acusação social. Alguns escritos de maneira direta e contundente e outros com uma roupagem lírica, mágica e bela". (Jeruza de Hugo Silva, "O Globo", São Paulo, 07/01/79)*

*"Emanuel Medeiros Vieira é um autor que se afirma, sobretudo, por sua inegável originalidade. Originalidade que não é feita de sofisticções, mas, ao contrário, que se adensa e se faz significativa, exatamente por conta de seu despojamento. A verdade é que não podemos ficar indiferentes diante de sua obra. Ela é "o suor, o risco, a vida, o sonho". Ela é o cotidiano reinventado em grau paroxístico de sensibilidade e de significação. E isto é ARTE". (Edda Arzua Ferreira, "O Estado", Florianópolis, 13/01/79 e "Folha de Londrina", Londrina, 29/12/79)*

*"Teu Coração Despedaçado em Folhetins" é uma visão brasileira da condição humana no mundo atual dirigido pela tecnocracia, analisada segundo a ótica de quem*

*viveu e sentiu intensamente tudo o que a década de 60 ofereceu ou instituiu. É um livro forte. Escrito com paixão e vida, um retrato humano e pungente de um tempo, um retrato poético feito de memória e usando tintas fortes".* (Gilson Soares, "A Tribuna", Florianópolis, 15/02/79)

*"É uma prosa tensa, elétrica, sincopada, com situações e planos se entrecruzando e fundindo".* (Salim Miguel, "Jornal do Brasil", São Paulo, 27/02/79)

*"Com um riso de menino puro, indisfarçável, Emanuel castiga os cretinos de todos os naipes, a mediocridade bem situada, os bajuladores sem remédio, os invejosos, os sem caráter, as falsas glórias provincianas ... Mas logo depois, já os indulgenciou, já nem se lembra de seu ridículo, de suas misérias, de suas maldades. E, superior, ama-os, pronto a servi-los, a conceder-lhes a intenção que não merecem. E, complacente, os eterniza em suas histórias ...*

*Em cada conto, mundos e mundos. Quase sempre sustentados pelo binômio política e amor, por suas histórias transitam, vívidos, personagens trazidos do dia-a-dia, ao lado de líderes, poetas, boêmios, teóricos, conflitos sociais, violências da polícia, tragédias humanas, e não só o escuro da vida, mas também Eleonoras, Waldas Lígias, Marias e tantas outras que, com seus longos cabelos, seus olhares, seus trejeitos, vão adoçando em boa medida o amargo caminho do Homem. Para ser breve, limito-me a proclamá-lo, alto e bom som, íntimo da poesia, dada a beleza do universo que lhe brota das mãos. E, depois disso, entendo que dizer mais nem é preciso".* (Joanyr de Oliveira, Suplemento literário "Minas Gerais", Minas Gerais, 08/81)

## LOVE STORY PAULISTANA

*Estou com 34 anos. Escrevi "Love Story Paulistana" em 75, com 30 anos, em Florianópolis. Ela está absolutamente marcada pelos dois anos, 1970\1971 que residi em São Paulo. Dois anos penosos, gratificantes, intensos. De magistério, de pegar trem todos os dias para trabalhar em Santo André, de jornal e sem falso heroísmo de cadeia.*

*Procurei transpor todo o quadro que eu sentia vulcânico na paulicéia desvairada. De um sujeito que deixou Porto Alegre em fevereiro de 70, depois de terminado a Faculdade (69), Direito na UFRGS e não quis "advogar" e foi se "aventurar", tentar a sorte em São Paulo. Estava acabando a época dos aventureiros. E SP foi pensão, pulga, dificuldade, não ter dinheiro para comida nem pra condução, foi esperança, foi café no boteco da esquina e amizades fundas, como amores. A experiência mais radical desta vida, a minha. E atravessando todo o governo Médici, o "milagre", Delfim Neto, a copa do mundo, "o ame-o ou deixe-o" colado nos vidros dos carros, Don e Ravel cantando "Meu Brasil eu te amo", Transamazônica, a Bolsa de Valores, a classe média (ainda) feliz, nossos valores todos soterrados. E a gente vendo nossos melhores amigos indo pro exílio ou presos e levando porrada no DEOPS, na OBAB, outros que morreram, outros que não puderam aguentar o repuxo e a opção foi o álcool, o tóxico, o orientalismo, o formalismo. Foi duro segurar a peteca. Se se segurou até agora, temos obrigação de continuar segurando.*

*A gente foi vendo muito amigo arreventado por dentro e por fora, despedaçado, fragmentário, andando como podiam, pela América do Sul, Chile, para a Paris que discutíamos no "Rian", nos bares de 68\69, Porto Alegre, "Alaska", etc, das passeatas, das mil leituras fragmentadas, das discussões ideológicas, dos corações vindo dos colégios jesuítas ou do "Julinho".*

*No fundo a novela é um hino de amor a esses amigos todos, que conheci no torvelino de SP e também na vida de Porto Alegre.*

*É também uma novela "Política", não diretamente. Em 75 as (re)esperanças estavam apenas aparecendo. Adotei o caminho da narrativa policial mas a novela tem todo cheiro de perseguição que sentíamos em SP em 70, O BAN, DOPS. A diretamente política eu estou escrevendo desde 71, umas memórias das "pensões do Estado" porque passei. É um livro que pode ser lido de um fôlego só, direto, carnal, sempre "tenso". Foi a forma de "amor" que encontrei, dura, penosa, erótica, sem disfarçar o nome do objeto ou a coisa. A forma do amor possível em SP e no País naqueles anos, em que a alegria era falsa, o país parecia uma vasta cadeia e o "milagre" foi a gente ter conseguido ficar vivo. (Emanuel Medeiros Vieira, Brasília, 03/80)*

*"Emanuel Medeiros Vieira, com a novela "Love Story Paulistana", vem demonstrar, ou melhor, reafirmar suas qualidades de ficcionista em pleno domínio da palavra, da forma e do conteúdo. Com determinação e talento Emanuel vai construindo sua obra ficcional". (Holdemar Menezes, "A Verdade", Florianópolis, 02/80)*

*"De "Teu Coração Despedaçado em Folhetins" para este "Love Story Paulistana", a prosa de Emanuel Medeiros Vieira apresenta uma evolução evidente numa tentativa de solidez sintética da palavra e das construções narrativas, atendo-se muito mais a possibilidade simbólica do fato, aquilo que pode ser destranhado enquanto e como fato de linguagem, dos que (como aconteceu no livro anterior) a possibilidade intimicista de um discurso interior intenso". (Marcílio Farias, "Correio Brasiliense", Brasília, 05/04/80)*

## UMA TRAGÉDIA CATARINENSE

*"A literatura confessional, que tem caracterizado a maioria dos textos de ficção de Emanuel Medeiros Vieira, permanece como ponto de apoio e de partida para "Uma Tragédia Catarinense". O confessional que, em Emanuel, não se prende ao relato dos sentimentos e paixões puramente individuais, mas se revela como uma "consciência social" do ser diante dos outros seres e da sua responsabilidade frente a todo um sistema de valores imposto de fora, em relação ao qual o ser se encontra em conflito. Esse existencialismo de cunho humanista busca resolver-se, literariamente, pelas vias da catarse, quando todo um conjunto de experiências resultantes do choque entre o indivíduo e o meio, reprimido no âmago do ser, parece entrar subitamente em ebulição e explodir as suas lavas incandescentes.*

*(...) Emanuel Medeiros Vieira sabe que a tragédia catarinense não é o drama particularizado de alguns personagens, não é a história de um velho que chora, nem a crônica de um amor assassinado. A tragédia catarinense é algo que paira no ar e que todos, personagens e não personagens, respiramos. Alguma coisa que polui a nossa carne e afeta o nosso espírito. Que nos afasta de um passado lírico e humano, para nos aproximar de uma realidade que se integra cada vez mais à impessoalidade, à alienação e ao consumismo dos aglomerados urbanos do nosso tempo". (Silveira de Souza, "Revista Catarinense", Florianópolis, 06/83)*

*"Reunindo muito de sua experiência e um pouco de Camus, Machado de Assis, St Exupéry, Shakespeare e Theodore Dreiser, Emanuel Medeiros Vieira escreveu uma pequena novela exemplar, "Uma Tragédia Catarinense". (Jorge de Sá, "Jornal do Brasil", São Paulo, 16/04/83)*

*"Emanuel Medeiros Vieira constitui-se numa das maiores revelações literárias de Santa Catarina e, ao publicar "Uma Tragédia Catarinense" encerra, segundo anuncia, um ciclo primordial de sua literatura, de características nitidamente confessionais, arraigada a ilha de Florianópolis, mais conhecida como Desterro. O autor pertence à geração dos chamados "desterrados de 1964", embora não se possa creditar a esta ocorrência histórica todos os seus males". (Antonio Hohlfeldt, "Isto É", São Paulo, 27/04/83)*

*"Com "Uma Tragédia Catarinense" Emanuel rasga uma série de preconceitos e lança sobre os olhos dos leitores, atentos ou não, uma série de indagações e afirmativas, todas elas ligadas à vida, ao homem e à sua "querida Desterro". E inaugura um novo espaço na literatura catarinense, na medida em que faz uma "antiliteratura", mais destinada ao questionamento da própria condição humana, do que um relato de aventura. Entre ele e um autor de novelas de TV, a diferença é como da noite para o dia. Emanuel rasga tudo aquilo que não presta e remenda os tecidos ainda aproveitáveis. Enfim, como o seu último livro, Emanuel garantiu um espaço próprio na literatura, criando com uma desinibição de fazer gosto". (Celso Martins, "Extra", 22/01/83)*

## A REVOLUÇÃO DOS RICOS

*"A Revolução dos Ricos' é uma novela de primeiríssima qualidade sobre um momento crucial da história brasileira, o golpe militar de 1964. Apesar de tudo não é cáustico, seco, mas lírico e doce; são as memórias de um garoto de 18 anos atropelado em seu cotidiano de pequenos sonhos por algo que não entende. Não deixe de ler." (Luiz Cláudio Duarte, "José", Brasília, 20 a 26/12/86).*

*"Seu novo livro, excelente e que tanto me comoveu, não pôde menos que me confirmar na convicção de que você, com maravilhosa simplicidade compôs, num modo estremecidamente humano, único e seu, como vinha compondo seus contos, uma novela que o torna, sem favor, um dos mais importantes ficcionistas de Santa Catarina e do Brasil." (Marcos Konder Reis, Rio de Janeiro, 21/12/86).*

*"Há em você uma centelha, uma lucidez quanto à condição humana, algo muito forte e muito sofrido. Você é um grande escritor, Parabéns pelo livro. Eu o amei! Ele é lindo, sensível, poético e duro como um grande prego enferrujado enterrado no coração". (Urda Alice Klueger, Blumenau, 03/01/87).*

*"Gostei muito do livro. 'A Revolução dos Ricos' tem este título que me intriga, mas é perfeito o sentimento de estranheza do narrador, desidentificado de tudo que deveria ser principal no seu mundo: o pai que não poderia compreender seu namoro com a prostituta, a prostituta que não poderia compreender seu anseio e que ri um pouco dele, a política se desenvolvendo totalmente estranha ao drama pessoal do narrador, sanatório e desejo sexual. Só o adágio de Albinoni no quarto ao lado, só a arte resgata o sentido de que está se passando, esta arte profundamente desengajada da retórica política dos colegas líderes estudantis do narrador, e profundamente engajada em sua dor, e na dor de*

seus 'semelhantes', para usar um termo cristão. E a coisa é realmente meio cristã: são todos os personagens semelhantes numa coisa: um dolorido sentimento de mundo, mesmo quando meio disfarçado perante si próprio, como no caso da prostituta. E a estranheza do narrador é radical: ele não consegue nem entender o apelo da prostituta no sentido de lhe conhecer o pai no sanatório. O adágio de Albinoni, a arte não-transformável em conceitos, não 'engajada', solidária somente com a dor dos personagens e capaz apenas de transmitir ao leitor um pungente sentido de mundo, transpassa tudo de uma religião sem Deus, ou pelo menos de um Deus não disponível nominalmente como desculpa ou consolo pelas ou para as atribulações dos personagens, Eu falaria em Camus; e o faria, consciente da semelhança com 'O Estrangeiro'. Lá mãe, filho & namorada. Aqui, pai, filho & prostituta. Não é um pastiche, quando muito uma referência tão bem recriada e transformada, que somente os mais atentos adoradores de "L'Étranger" notariam, e eu sou um deles.

O final é de perder a respiração: morre o pai, a namorada prostituta viaja, o país é tomado pelo golpe, tudo num só repente, sem dramatização nenhuma, sem ênfase, o leitor sente-se um pouco 'roubado' da possibilidade de se emocionar com isso tudo, como certamente se sentiria o narrador, cujas emoções nesse ponto são suspensas e omitidas da narração.

Guardarei contra o livro o ressentimento por essa omissão, e a compreensão quase meramente intelectual de minha parte de que ela implica elegância do autor ao nos poupar a torrente emotiva que se deveria seguir por parte daquele narrador personagem, e implica também elipse de inesperada eficiência no sentido de nos fazer acompanhar o sentimento de tudo-perder de repente que assoma certamente o narrador que, como todo personagem verdadeiramente criado, prossegue atormentado a todo leitor com a constrangedora descoberta de que continuamos nos perguntando por ele, mesmo após o final da leitura.

A cisão radical entre o sentimento da existência e a balbúrdia da política constrangeriam o mais radical político. Ninguém poderia ler 'A Revolução dos Ricos' sem uma certa sensação de vergonha pela distância existente entre o discurso político e a



*chaga existencial a bramir no sangue do indivíduo a lutar contra sua limitação corpórea. A esclerose do pai, o desejo carnal do filho, os cenários despedaçados e o alarido político formam um mosaico que exigirá do leitor uma capacidade dialética quase sobre-humana de integração talvez represente o máximo em termos de, literariamente, depor sobre os acontecimentos situados ao redor de 1963 e 1964."* (Alberto Crusius, Porto Alegre, 24/12/86)

*"A Revolução dos Ricos' é um trabalho absorvente. Não é apenas o registro de uma época, é a confirmação de que paramos no tempo. O movimento é registrado pelo agravamento dos problemas sociais que em tua novela abordas com maestria. O homem que apresentas não toma banho nem passa 'brilhos' para aparecer em fotos ou televisão. Um belo texto."* (Elaine Otto, Florianópolis, 14/01/87)

*"A Revolução dos Ricos' é um livro forte, maduro e belo, que nos mostra que seu autor ainda tem muito que nos revelar."* (Iaponan Soares, Florianópolis, 16/01/87)

*"A novela é um beleza. Lia-a de uma só vez, emocionado e contente e por ver com que talento e verdade (a emoção, sem a qual podemos fazer todos os vanguardismos - mas jamais literatura) você está escrevendo. Tocou-se muito a história do Magrão, de Wanda, de Fulgêncio. Que é em última análise, a história de todos nós, com o triste Brasil como pano de fundo... Pode ficar certo: 'A Revolução dos Ricos' é um texto exemplar."* (Ruy Espinheira Filho, Salvador, 31/01/87)

*"Li de uma sentada 'A Revolução dos Ricos'. Foi o livro seu que mais me emocionou. A queda de Jango é um pretexto perfeitamente dispensável. A memória da geração, também. Mas o que achei impressionante é a relação do Magrão com a Wanda. Me lembrou Dostoiewski. O pai morrendo no sanatório e ele, fodidão, apaixonado por uma puta. O mundo de merda da pensão, do boteco do Zé, as idas e vindas naqueles*

*quarteirões, ele zanzando, solitário, angustiado, andando de mãos dadas com a Wanda, a relação dele com o pai. Isto é ficção mesmo, da boa. Parabéns. Que mundo o de um adolescente solitário numa cidade grande! Parabéns de novo."* (Valdomiro Santana, Salvador, 26/01/87)

*"Operoso e profícuo, tens emprestado com sensibilidade, vida e movimento aos fatos ocorridos na véspera do Golpe de 1964. Só pessoas sensíveis como tu é que podem retratar com fidelidade acontecimentos ocorridos há mais de duas décadas. O seu ofício de escrever não só me orgulha, mas a todos os catarinenses."* (Renato Vianna, Brasília, 10/02/87)

*"A Revolução dos Ricos', novela de Emanuel Medeiros Vieira, é um bonito texto sobre o movimento de 31 de março de 1964 e, ao mesmo tempo, uma fábula sobre a perda da ingenuidade do paraíso. O livro é dedicado àqueles que tinham vinte anos em 1964, e se você quiser insistir em tê-lo na sua estante e na memória, escreva urgente para a editora lavras."* ("O Estado de São Paulo", São Paulo, 22/03/87)

*"Apreciei a força, o vigor incontido do seu estilo, contundente, sintético, ágil, veloz e inquieto no ritmo da narrativa; frases curtas e diretas, simplicidade e densidade. O contexto urbano, a imagem fíle do realismo duro da vida são retratados de forma viva e ativa nos seus livros. A denúncia contra a covardia, o aspecto sórdido e cruel de uma sociedade decadente, a sede de justiça, são encontrados de maneira firme nos textos que você escreve, Literatura clara, sem subterfúgios."* (Márcio Catunda, Brasília, 17/05/87)

## O HOMEM QUE NÃO AMAVA SIMPÓSIOS

*"Amadurecido pelo tempo, Emanuel Medeiros Vieira não exibe juízos de valor. Tem, pela arte, o mesmo que Hegel tinha pela filosofia: "Não pode pronunciar-se a respeito do que o mundo deve ser" (...) "Já que é produzida no espírito, que vive no exterior da consciência e que tem por conteúdo a realidade."*

*EMV tem muito livros ... Mas, para mim é em "O Homem Que Não Amava Simpósios" que seu espírito antiburocrático se fez carne... e habitou entre nós." (Evandro Magalhães, Apresentação de **O homem que não amava simpósios**, Florianópolis, Ed. da UFSC, 1989).*

*"Perito em pintar com poucas palavras toda uma vivência, (...) EMV traz para esta literatura de esquerda um componente insólito: Sua formação em colégios de jesuítas, suas leituras bíblicas, o sentido de culpa pelas misérias do mundo, a nostalgia do paraíso perdido. Esta formação religiosa, lhe dá o tom intimista que não se encontra em outros autores de sua geração e enriquece sempre o conflituoso de seus personagens." (Lourenço Cazarre, Posfácio de **O Homem que não amava simpósios**, 1989)*

*"O meio em que se desenvolve a ficção em EMV é, particularmente, o caldo burocrático de Brasília e, no enfoque mais amplo, a sociedade brasileira do pós-autoritarismo militar, no período seguinte ao das lutas heróicas, da clandestinidade. E a pós-ditadura, mas ainda não é a democracia. Parece-me que, para muitos dos que viveram os verdes anos sob a repressão, o clima da fase posterior, de longa e penosa transição, pode ser resumido nestas palavras: Insatisfação, tédio, solidão, desespero. Aquela, pelo menos, era-lhes algo contra que se bateram; Já o marasmo desta os entorpece, os devora, e contra isso, não sabem o que fazer." (Anderson Braga Horta, "A Notícia", 01/07/90)*

*"Certa vez falaste em mudar um pouco teus temas e deixar de lado um pouco o 'Passado'. Segundo eu acho, se fizeres isso, cometerás uma barbaridade. Sabemos demais que não são os temas que fazem a boa literatura e que tampouco há temas mais urgentes que outros. Isso é conversa de panfletário. Por isso, temas 'Sociais', 'Políticos'. de 'Testemunho' são balelas, sinais errados de tantos naufrágios.*

*Da antologia tua: "Rastros" é uma pequena obra-prima. O primeiro parágrafo uma jóia de relojoeiro: Precisa, exata e estranhamente lírica." (Raimundo Caruso, 27/11/90)*

*"Acabo de ler o seu "O Homem Que Não Amava Simpósios", com a alegria de ver que o conto brasileiro nele se mostra forte, apesar do pouco caso demonstrado pelas editoras hoje ao gênero. Você sabe armar a narrativa de modo envolvente e contemporâneo, sabe criar personagens fortes, diálogos coerentes com o discurso das personagens, sabe criar um desfecho que deixa o conto em aberto para o leitor." (Elias José, 16/11/89)*

*"Seu livro mostra que as preocupações do narrador com a realidade continuam instigantes, cheias de revelações e norteadas novos rumos. O livro em tudo me agradou. E isso para mim é suficiente. O prazer do reencontro foi outro laço importante. Que espero possa sempre se renovar." (Iaponan Soares, 11/12/89)*

*"O Homem Que Não Amava Simpósios" é um verdadeiro clássico da angústia do homem da cidade grande que, em algum lugar do caminho, ficou sem saber direito qual era a sua condição humana. MUITÍSSIMO bem elaborado, não há nada nele a tirar ou acrescentar." (Urda Klueger, 30/12/89)*

*"Li "O Homem Que Não Amava Simpósios" com o mesmo interesse que leio a sua comprometida literatura, Comprometida, sim, com a vida, com a gente de seu País,*

*com o dia-a-dia do cidadão comum. (...) creio que fui capaz de sentir as emoções do autor, pois temos grandes afinidades culturais e ideológicas. (...) Você em Brasília, tem acrescido à sua literatura novas emoções, novos ambientes, novos personagens."* (Holdemar Menezes, 14/01/90)

*"De todos os contos de teu novo livro, onde uma vez mais volta à tona esse teu "Fundo de alma" que lembra o amargo "Fundo de uma garrafa de cachaça", traduzido aqui na linguagem ácida que é característica do teu estilo, considero particularmente relevante o que tem por título "Jesus", o qual, tanto no que se refere à sólida estrutura da narrativa em seu aspecto formal, quanto à densidade dramática, supera o que de melhor li na literatura atual."* (Miguel Ehrlich, 17/01/90)

*"Gostei realmente. O estilo é o mesmo, denso, angustiante, trágico. Mas você tem incorporado a ele um novo elemento: A cor local. E isso dá mais força à narrativa. De um modo geral, gostei de todos os contos. Mas em especial de "Jesus". É aí onde você, com a mão de mestre, mescla verdades básicas da bíblia, com a hipocrisia do cotidiano, tudo isso com uma piedosa e implacável ironia de um estilista apurado."* (Wil Prado, 05/07/90)

*"Em nove narrativas de comovente densidade, embricam-se a vontade de viver e a consciência de um mundo que se desestrutura e se perde."* (Catálogo de Publicações da Ufsc, Florianópolis, 1993)

## METÔNIA

*“METÔNIA” ou “O DIA ESTAVA DE CORTAR O CORAÇÃO”, uma tensa, veloz e cinematográfica novela de EMANUEL MEDEIROS VIEIRA - que fala dos anos de chumbo da ditadura militar, da luta armada, das utopias, da amizade de dois irmãos ( um “ainda guerrilheiro” e outro ex-presos político, agora “existencialista-cansado”), afora um coronel profissional e poliglota - será lançada no dia 03 de dezembro de 1992, uma quinta-feira, a partir das 19 horas, com direito a coquetel, no Bar Estação 109, localizado na Comércias Local Sul (CLS) 109, Brasília.*

*O autor da “orelha”, o poeta João Carlos Taveira escreveu: “Escrever sobre Emanuel Medeiros Vieira é como ler Emanuel Medeiros Vieira: Dá vontade de não parar. Seu texto conciso, depurado, atíça neurônios e aguça percepções, até o esgotamento de si mesmo, numa profunda identificação entre autor e leitor.”*

*“Emanuel vai nos conduzindo, porque não dizer? poeticamente, pelos terríveis meandros de sua narrativa e nos impregnando com sua mágica maneira de contar histórias. Portanto, ei-nos diante de um escritor cujo estilo se fundamenta nos princípios essenciais do seu ofício: escrever para ser lido e , sobretudo, para ser compreendido.”(João Carlos Taveira)*

*Para o autor do prefácio, o crítico e o poeta Anderson Braga Horta, Emanuel retrabalha um filão, constante de vários de seus livros, “a nostalgia de um tempo em que a vida parecia ter sentido, a nostalgia da juventude”. Essa ficção - realça o crítico - tem por tela , “a sociedade brasileira do pós-autoritarismo militar, no período seguinte ao das lutas heróicas da clandestinidade”.*

*Os acontecimentos passam-se numa cidade imaginária chamada Metônia (e será por acaso que “Metônia” nos lembra “medo”-metus, “medonho”?)*

*Para Anderson Braga Horta, as possibilidades de leitura da novela são plurais, inclusive como roteiro cinematográfico. E encerra: “EMV é um vero escritor, que não somente sabe colocar substância no que escreve, mas que, sobretudo, sabe contar uma história, infundindo-lhe o mistério, a perspectiva, as contradições, a miséria e o milagre da vida.” (Release, sem data)*

## TREMORES

*Emanuel Medeiros Vieira, escritor catarinense radicado em Brasília há 15 anos, está lançando seu 12º livro, o volume de contos “Tremores”, premiado em concurso nacional de contos, patrocinado pela Fundação Cultural do Distrito Federal em 1991.*

*Emanuel possui textos publicados em mais de 20 antologias de contos, crônicas e poemas, tendo trabalho selecionado e editado pela revista canadense **Dérives**.*

*“Tremores”, com 11 histórias, tem o selo da Códice, editora de revista “Literatura”, publicada em Brasília.*

*Mantendo seu estilo telegráfico, descarnado e tenso, Emanuel Medeiros Vieira continua meditando sobre as utopias e fracassos de sua geração, com personagens mergulhados em memórias estilhaçadas, peregrinando por bares, amores viagens.*

*Sua última obra publicada foi a novela “Metônia”, no ano passado bem recebida pela crítica. Sobre ela assim se pronunciou o escritor Moacyr Scliar: “Li **Metônia** com emoção e encanto. É uma novela que recupera o idealismo - algo tão necessário nesta época de posturas céticas e/ou cínicas. Mais que isto, é grande ficção, uma narrativa segura e fascinante.”*

*Emanuel Medeiros Vieira, nascido em Florianópolis (1945), formouse em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 1969, tendo fundado e dirigido grêmios literários e cine-clubes, militando na política estudantil, exercendo o jornalismo, o magistério e a crítica cinematográfica. Foi também redator de discursos parlamentares e editor, sendo hoje repórter de “**Hoje na Câmara**”, publicação diária da Assessoria de Divulgação e Relações Públicas (ADIRP) da Câmara dos*



*Deputados. Juntamente, com os escritores Nílto Maciel e João Carlos Taveira, é co-editor da revista "Literatura".*

*Sua obra já foi analisada em vários livros de crítica e história literária. Emanuel está incluído e comentado no "Dicionário Prático de Literatura Brasileira", de Assis Brasil, e na "Enciclopédia de Literatura Brasileira", organizada por Afrânio Coutinho.*

*O escritor catarinense-candango é detentor de vários prêmios literários, como o troféu "Troféu Candango de Literatura", concedido em 1986 pelo Sindicato dos Escritores do DF, por sua novela "A Revolução dos Ricos". (Release, Brasília).*

## MEUS MORTOS CAMINHAM COMIGO NOS DOMINGOS DE VERÃO

### *A Instigação da Vida na Obra de Emanuel Medeiros Vieira*

*Em seu décimo-terceiro livro, o escritor Emanuel Medeiros Vieira fala de presságios e eternidades numa coletânea de contos instigantes pela dialética originalíssima, em que, a pretexto de reportar os mortos, apresenta um retrato literário carregado de vida.*

*Suas personagens estão todas aí, ao nosso lado, indicando identidades e transferências, num exercício terapêutico curioso, emoldurado por uma grande riqueza de citações, que enobrecem seu texto e calam fundo na alma das pessoas sensíveis.*

*Não se trata de trabalho ligeiro, ainda que sua pena seja ágil e nervosa. Pelo contrário, as narrações deste livro oferecem um caminho mágico para o estudioso pesquisar alternativas e experimentações estilísticas, de caráter absolutamente novo na literatura doméstica.*

*Não é sem razão que o conto extraído para o título - Meus Mortos Caminham Comigo nos Domingos de Verão - tenha recebido uma láurea de seus confrades mineiros. Emanuel dá um tratamento quase esotérico à sua narrativa, dignificando lembranças e recuperando excitações, trazendo-as à presença do leitor, como se fora uma grande sessão de psicanálise, repleta de sentimentos e amores.*

*Trata-se de um livro singular, mas de efeito plural, porque destinado a grande repercussão, não apenas entre leitores, mas também entre estudiosos, professores e pesquisadores literários. Não seria arriscado sublinhar que o leque de interesse aberto por suas páginas pode atingir todas as categorias de público e vale destacar especialmente, entre seus trabalhos, o conto Canora, em que Emanuel expõe uma espécie de roteiro para cinema com flash-back, indicação de cenários e até de clima.*

*É tudo isso sem sofisticação ou pretensão. Escritor compulsivo, dá-se ao luxo de desperdiçar boa parte de seu talento com a escrita fria de notícias do cotidiano para um boletim informativo do Congresso Nacional, onde trabalha. Fazer o quê? Ele mesmo dá a sua explicação, pela palavra citada de Gustave Flaubert: “Cada um tem de ser muito ordenado e burguês na vida privada para poder ser louco e inventivo na vida criativa”.*

*É no convívio com o Poder, quem sabe, que extrai diversidade e matéria prima para suas confissões mais ácidas sobre a política e suas imprecisões. Passarinho da inquietação, desfruta de amplo reconhecimento de seus amigos e admiradores que são inúmeros. Dele ninguém dirá que formulou um livro difícil. Difícil mesmo será passar em branco por tantas idéias, por tantas trilhas novas, por tanto exercício poético.*

*De resto, não precisa nem dizer, o formato do livro é modesto, em descompasso com seu conteúdo, de extraordinária beleza e dimensão. Parece até que já vimos isso antes, na trajetória de muita gente ilustre, de quem se embrulhou idéias geniais em invólucros descuidados. Mas isso não atrapalha em nada o caráter da obra, apenas acrescenta mais um pedaço de reflexão nessa rota cheia de signos e sinais, que é a história da própria vida. (GouGon, “Folha de Rosto”, Ed. Amigos do Emanuel, Brasília, 11/95)*

*O escritor catarinense Emanuel Medeiros Vieira está lançando seu 13º livro de ficção. Meus Mortos Caminham Comigo nos Domingos de Verão, pela Saccada Editora, hoje a partir das 19h00, no Restaurante Estação 109(SCLS 109, bloco D). O livro, repleto de experimentação estilísticas, traz uma coletânea de contos fantásticos, com uma narrativa quase esotérica. Por causa do estilo diferente, a obra deverá agradar, principalmente, os estudiosos, professores e pesquisadores literários, além do leitor comum. (Jornal de Brasília, Brasília, 30/11/95)*

O escritor Emanuel Medeiros Vieira lança hoje, a partir das 19 horas, no Estação 109 seu 13º livro. *Meus Mortos Caminham Comigo nos Domingos de Verão* reúne 16 contos escritos em Brasília entre 92 e 95.

O escritor continua trabalhando sua temática básica. Vindo de uma geração que se fez nos sonhos dos anos 60, Emanuel assistiu a derrocada das utopias. Sem desanimar, através de uma literatura vigorosa, analisa os retalhos que ficaram e reconstrói os caminhos.

Aqui também se trabalha a angústia dos que não conseguiram fugir do holocausto. São senhores que já não sabem de seus espaços. E a junção destes dois momentos transforma o livro num misto de esperança e terror, fazendo um apanhado preciso dos dias de hoje. (Mauricio Melo Junior, “**Correio Braziliense**”, Brasília, 30/11/95)

*Meus Mortos Caminham Comigo nos Domingos de Verão* é uma coletânea de contos em que Medeiros Vieira fala de presságios e eternidades reportando-se a personagens que podem ser encontrados no cotidiano. São pessoas queridas do autor que já se foram, estão mortas, mas nem por isso perderam a vitalidade e a sensibilidade. Segundo Antônio Hohlfeld escritor gaúcho e crítico literário, Emanuel Medeiros Vieira constitui-se numa das maiores revelações literárias de Santa Catarina. “Não me preocupo com o estilo, porque procuro falar com o coração, com a alma”, afirma Medeiros Vieira. (“**Diário Catarinense**”, Florianópolis, 07/12/95)

## **BIBLIOGRAFIA**

## **De Emanuel Medeiros Vieira**

**A expiação de Jerusa** (contos). Porto Alegre: Ed. Movimento , 1972

**Sexo, tristeza e flores** (contos). Porto Alegre: Ed. Movimento, 1976.

**Num cinema de subúrbio, num domingo à noite** (contos). Florianópolis :

Ed. Lunardelli, 1978

**Teu coração despedaçado em folhetins** (contos). São Paulo:

Ed. Ática, 1978

**Love story paulistana** (novela). Porto Alegre: Ed. Movimento , 1979

**Uma tragédia catarinense** (novela). Florianópolis: Ed. Fundação Catarinense

de Cultura, 1982

**Um dia estarás comingo no paraíso** (contos). Brasília: Ed. Lavras, 1985

**Sete planos de asas** (poesias). Florianópolis: Edições Sanfona , 1985

**A revolução dos ricos** (novela). Brasília: Ed. Lavras , 1986

**O homem que não amava simpósios** (contos). Florianópolis: Ed. da

UFSC, 1989

**Metônia** (novela). Brasília: Ed. Thesaurus, 1992

**Tremores** (contos). Brasília: Ed. Códice, 1993

**Meus mortos caminham comingo nos domingos de verão**

(contos). Brasília: Ed. Códice, 1995

## **ANTOLOGIAS (Participação)**

- Roda de fogo** (contos). Porto Alegre: Ed. Movimento, 1970
- Panorama do conto catarinense**. Ed. Movimento/MEC, 1974
- Os melhores contos brasileiros de 1974**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1975
- Teia - 2** (contos e poemas). Porto Alegre: Ed. Lume, 1976
- Cinco autores apresentam os novos** (contos). Porto Alegre: Ed. Sulina, 1976
- Vício da palavra** (contos). São Paulo: Edições Garninzé, 1977
- Crônistas e contistas catarinenses**. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1979
- Conto candango**. Brasília : Ed. Coordenada Editora , 1980
- 21 dedos de prosa**. Florianópolis: Ed. Edições Cambirela, 1980
- Horas vagas** (contos). Brasília: Ed. Senado Federal, 1981
- Este mar catarina** (contos). Florianópolis: Ed. da UFSC, 1983
- Este humor catarina** (contos). Florianópolis: Ed. da UFSC, 1985
- Setecontos, setecentos**. São Paulo: Ed. FTD, 1987
- Contos correntes**. Brasília: Ed. Thesaurus Editora, 1988
- Dez contos premiados**. Salvador: Ed. Empresa Gráfica da Bahia, 1988
- Contos**. Brasília: Antologia organizada pelo Sindicato dos Escritores do Distrito Federal, 1980.
- I concurso de poesia**. - Antologia, Brasília: Ed. Cultura Gráfica e Editora, 1991
- Conto e poesia**. Florianópolis: Antologia de contos e poemas premiados, organizada pelo Sindicato dos Eletrecitários de Florianópolis, 1993
- Numa Ilha**. Antologia, Fundação Prometheus Libertus. Florianópolis: Ed. Noa-Noa, 1993
- I concurso de poesia**. Linguagem Viva. Antologia poética, São Paulo: Ed. João Scortecci. Editora, 1993

**I concurso nacional de poesia de Minas.** Cartão poético alegoria. terceiro lugar. Antologia Poética, Minas Gerais: Grupo Ed. de Minas, 1994.

**Beirute - final do século.** Brasília, 1994.

**Alegoria** - Antologia de poemas premiados, Minas Gerais: Ed. de Minas, 1994.

**III prêmio escriba de poesia.** Prefeitura Municipal de Piracicaba, Piracicaba, 1994.

**Cronistas de Brasília.** Brasília: Ed. André Quicé Editor, 1995.

**De mãos dadas.** Antologia de contos premiados, Montes Claros: Ed. Cutiara, 1995.

**Caliandra.** Brasília: Ed. André Quicé Editor, 1995.



## **ORGANIZAÇÃO , SELEÇÃO E PARTICIPAÇÃO:**

**Assim escrevem os catarinenses (contos)**, São Paulo: Ed. Alfa-Ômega,  
1976

## **NO ESTRANGEIRO:**

**Dérives** - Canadá, com conto "Imprecations, Suppliques", 1983.

**Parnassus of world poets.** - India, 1995.

## **SOBRE EMANUEL MEDEIROS VIEIRA:**

**BRASIL**, Assis. **Dicionário prático de literatura brasileira**, RJ: Edições de  
Ouro, 1979.

**CAZARRÉ**, Lourenço . **Acerto de contas**. IN ; *Literatura*, n, 5 . Brasília: Ed.  
Códice, 1993.

**HOHFELDT**, Antônio. **A literatura catarinense em busca de identidade**.

Porto Alegre: Ed. Movimento; Brasília: INL, Fundação Nacional  
Pró-Memória, v.26, 1985. pp. 64-82.

\_\_\_\_\_. **Conto brasileiro contemporâneo**. Porto Alegre: Ed.  
Mercado Aberto, 1988. pp. 116-209.

**JUNKES**, Lauro. **O mito e o rito**. Florianópolis: UFSC, 1987. pp. 219-231.

**MIGUEL**, Salim. **O castelo de Frankenstein**: Anotações Sobre Autores e  
Livros. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987. pp. 22-24.

SACHET, Celestino. **A literatura catarinense**. Fpolis: Ed. Lunardelli, 1985.

pp. 148-149

\_\_\_\_\_. et SOARES, Iaponan. **Presença da literatura**

**catarinense** (organizadores). Fpolis: Ed. Lunardelli, 1989. p.148.

\_\_\_\_\_. **Emanuel Medeiros Vieira: Memória de frag-**

**amento da tríplice insularidade**. Literatura. Revista do escritor brasileiro, Brasília, 1994, nº 6, pp. 112-119.

SILVA, Deonísio. **Um novo modo de narrar**. Ed. Livraria Cultura Editora, 1979.

SOARES, Iaponan. **Panorama do conto catarinense**, Porto Alegre: Ed.

Movimento/INL

## APOIO TEÓRICO:

ALMEIDA, Onésio Teotonio. **Açores, açorianos, açorianidade**. Açores:

Signo, 1989.

BAKHTIN, Mikail. **Questões de literatura e de estética**. SP: Ed. Hucitec,

1990.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. SP: Martins Fontes, 1992.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

BAUDELAIRE, Charles Pierre. **O estrangeiro**. IN. Pequenos Poemas em

Prosa. Trad. Dorothée de Bruchard. Fpolis : Ed. Da UFSC e Aliança

Francesa, 1988.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **O cristal em chamas**. Fpolis : Ed. da UFSC,

1986.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. IN. Magia e Técnica, Arte e Política, VI,

São Paulo: Brasiliense, 1985.

BORDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. SP: Ed. Cultrix.

10 ed. S.d.

\_\_\_\_\_. **O conto brasileiro contemporâneo**. SP: Ed. Cultrix /USP,

1979

BRAYNER, Sônia. **Labirinto do espaço romanesco**. RJ: Ed. Civilização

Brasileira: Brasília, INL, 1979.

CAILLOIS, Roger. **O mito e o homem**. Trad. José Calisto dos Santos

Lisboa: Edições 70, 1972.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin, São Paulo:

Companhia das Letras, 1993

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo**. RJ: Ed.

Guanabara SA, 1989.

\_\_\_\_\_. **O homem revoltado**. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, 1951

- \_\_\_\_\_. **Estado de sítio. O estrangeiro.** São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- \_\_\_\_\_. **A peste.** São Paulo: Cia das Letras, 1984.
- \_\_\_\_\_. **O enigma.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
- \_\_\_\_\_. **O primeiro homem.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- CASSIRER, Ernest. **Linguagem e mito.** Coleção Debates. SP: Ed. Perspectiva, 1992.
- CECHIN, Lucia. **A imagem poética em Vitorino Nemésio.** Angra do heroísmo: Ed. Antilia,
- CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos.** São Paulo: José Olímpico Editora, 1990.
- CHIAMPI, Irleamar. (Coordenação). **Fundadores da modernidade.** SP: Ed. Ática, 1991.
- CORBIN, Alain. **O território do vazio.** São Paulo: Companhia das letras, 1989
- CORDEIRO, Carlos et ali. **Açorianidade e autonomia.** Açores: Ed. Marinho Matos Brumarte, 1989.
- COUTINHO, Afrânio. **Crítica e teoria literária.** RJ: Tempo Brasileiro, 1987.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos.** RJ: Forense Universitária, 1987.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Cultrix, 1988
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura.** São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- ECO, Umberto. **Obra aberta.** 2. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.
- \_\_\_\_\_. **Conceito de texto.** SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Como se faz uma tese.** São Paulo: Perspectiva, 1989.
- ELIADE, Mircea. **Le mythe de l'éternel retour.** Paris: Gallimard, 1969.
- \_\_\_\_\_. **Imagens e símbolos.** São Paulo: Martins fontes, 1991.

FRIGGIERI, Oliver. **La poesia italiana delle isole Sicilia e Sardegna:**

**quattro voci contemporanee.** IN: Quaderni. Org. Carmelo Distante, São Paulo: Instituto Cultural Italo Brasileiro, 1994

FELICIO, Vera Lucia G. **A imaginação simbólica.** São Paulo: Edusp, 1994.

FONSECA, Rubem. **Agosto.** São Paulo: Cia das Letras, 1990.

FRYE, Northrop. **O caminho crítico.** SP: Ed. Perspectiva, 1973.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** RJ: Paz e Terra, 1977.

GARCIA, José Martins. **Para uma leitura açoriana.** Ponta Delgada -

Açores: Ed. Marinho Matos Brumarte, 1987.

\_\_\_\_\_. **Vitorino Nemésio.** Lisboa: Editora Vega, 1993.

\_\_\_\_\_. **Vitorino Nemésio, a obra e o homem.** Lisboa: Arcádia, 1978.

GASTON, Bachelard. **A água e os sonhos.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **A poética do devaneio.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **A terra e os devaneios do repouso.** São Paulo: Martins Fotes, 1990.

GENETTE, Gerárd. **Discurso da narrativa.** Lisboa: Vega, Sem data.

GRAVAS, Costa e SOLINAS, Francisco. **Estado de sítio.** PA: L&PM Editores Ltda, 1979.

GOVEIA, Maria Margarida Maia. **Vitorino Nemésio.** Lisboa: Instituto de Cultura e Lingua Portuguesa, 1986.

\_\_\_\_\_. **A viagem em Vitorino Nemésio.** Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1986.

HAMBURGER, Käte. **A lógica da criação literária.** SP: Ed. Perspectiva, 1986.

HELLER, Erich. **Kafka.** São Paulo: Ed. Cultrix, 1976.

- IMBERT, Enrique Anderson. **Métodos de crítica literária**. Coimbra: Livraria Almedina, 1972.
- JOYCE, James. **Ulisses**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Dublinenses**. São Paulo: Siciliano, 1993.
- JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, trad. de Maria Lucia Pinho, 1993.
- LEITE, Dante Moreira. **Psicologia e literatura**. São Paulo: Hucitec, 1987.
- LISPECTOR, Clarice. **O lustre**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, sem data.
- MACHADO, Janete Gaspar. **A literatura em Santa Catarina**. PA: Mercado Aberto, 1986.
- MELO, João de. **Toda e qualquer escrita - estudos, ensaios e críticas de literatura**. Lisboa: Editora Vega, 1972.
- MEIRELES, Cecília. **Flor de poemas**. RJ: Nova Fronteira, 1983.
- MOISÉS, Leyla Perrone. **Falência da crítica**. SP: Ed. Perspectiva, 1976.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. **Clareza e mistério da crítica**. RJ: Ed. Fundo de Cultura, 1961.
- MOURALIS, Bernard. **As contraliteraturas**. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.
- NEMÉSIO, Vitorino. **Obras completas - poesias**. Vol. I e II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Corsário das ilhas**. Lisboa: Ed. Bertrand, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Mau tempo no canal**. Portugal, Ed. Bertrand,
- NIETZSCHE, Frederico. **A origem da tragédia**. Lisboa: Guimarães Editores, 1985.
- PESSOA, Fernando. **O eu profundo e os outros eus**. RJ: Nova Fronteira, 1980.
- QUINO, Mafalda. V.5. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- REIS, Carlos. **Técnicas de análise textual**. Coimbra: Livraria Almeida, 1981.

- RICHARDS, Ivor Armstrong. **Princípios de crítica literária**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1976.
- RICOUER, Paul. **Interpretação e ideologias**. RJ: Francisco Alves, 1988.
- RIEDEL, Dirce Cortes. **Meias-verdades no romance**. RJ: Achiamé, 1980.
- SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha**. Belo Horizonte: Villa Rica Editores Ltda, V.I, II, 1981.
- SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. SP: Cia das Letras, 1989.
- SARTRE, Jean - Paul. **A náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- SCHWARZ, Roberto (Organizador). **Os pobres na literatura brasileira**. SP: Brasiliense, 1983.
- SCHULLER, Donaldo et GOETTEMES, Mirian Barcelos. **Mito ontem e hoje**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1990.
- SILVA, Deonísio da. **Nos bastidores da censura : sexualidade, literatura e repressão pós 64**. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 1989.
- SUSSEKIND, Flora. **Papéis colados**. RJ: Editora UFRJ, 1993.
- SZABOLCSI, Miklós. **Literatura universal do século XX**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.
- TOLSTÓI, Leon Nikolaievitch. **Ana Karenina**. São Paulo: Victor Civita, 1979.
- \_\_\_\_\_. **A morte de Ivan Ilitch**. Rio de Janeiro: Ediouro/Tecnoprint, Sem data.
- \_\_\_\_\_. **Guerra e paz**. BH: Villa Rica Editora Ltda. V.I,II, 1991
- VASCONCELLOS, Marcos de. **Brasil a marca da zorra**. RJ: Nova Fronteira, 1984.
- VÁRIOS AUTORES. **A crítica literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Da literatura comparada à teoria da literatura**,  
Lisboa: Edições 70, 1988.

\_\_\_\_\_. **Camus: O absurdo na paisagem**. IN. Cadernos  
Brasileiros N. 31, Set/Out, Rio de Janeiro: Compinter, 1965.

\_\_\_\_\_. **Essai de lecture critique de “La peste” de Camus**. IN.  
Fragmentos , VI, n. 1, Fpolis: UFSC, 1986.

\_\_\_\_\_. **A personagem de ficção**. Coleção Debates, SP:  
Ed. Perspectiva, 1981.

\_\_\_\_\_. **Algumas considerações sobre o texto considerado  
como objeto literário**. IN. **Anuário de Literatura**. Florianópolis:  
UFSC, 1993.